

# Boletim Regional do Banco Central do Brasil

Outubro 2010  
Volume 4 | Número 4



# Boletim Regional do Banco Central do Brasil

Outubro 2010  
Volume 4 | Número 4



CGC 00.038.166/0001-05

# Boletim Regional do Banco Central do Brasil

Publicação trimestral do Banco Central do Brasil/Departamento Econômico.

Os textos, as tabelas e os gráficos são de responsabilidade dos seguintes componentes do **Departamento Econômico (Depec)** (*e-mail*: [depec@bcb.gov.br](mailto:depec@bcb.gov.br)):

**Região Norte** – Núcleo Regional do Departamento Econômico em Belém (*e-mail*: [pa.depec@bcb.gov.br](mailto:pa.depec@bcb.gov.br));

**Região Nordeste** – Núcleo Regional do Departamento Econômico em Fortaleza (*e-mail*: [ce.depec@bcb.gov.br](mailto:ce.depec@bcb.gov.br)),  
Núcleo Regional do Departamento Econômico em Recife (*e-mail*: [pe.depec@bcb.gov.br](mailto:pe.depec@bcb.gov.br)),  
Núcleo Regional do Departamento Econômico em Salvador (*e-mail*: [ba.depec@bcb.gov.br](mailto:ba.depec@bcb.gov.br));

**Região Centro-Oeste** – Núcleo Regional do Departamento Econômico em Belo Horizonte (*e-mail*: [mg.depec@bcb.gov.br](mailto:mg.depec@bcb.gov.br));

**Região Sudeste** – Núcleo Regional do Departamento Econômico em Belo Horizonte (*e-mail*: [mg.depec@bcb.gov.br](mailto:mg.depec@bcb.gov.br)),  
Núcleo Regional do Departamento Econômico no Rio de Janeiro (*e-mail*: [rj.depec@bcb.gov.br](mailto:rj.depec@bcb.gov.br)),  
Gerência Técnica de Estudos Econômicos em São Paulo (*e-mail*: [sp.depec@bcb.gov.br](mailto:sp.depec@bcb.gov.br));

**Região Sul** – Núcleo Regional do Departamento Econômico em Curitiba (*e-mail*: [pr.depec@bcb.gov.br](mailto:pr.depec@bcb.gov.br)),  
Núcleo Regional do Departamento Econômico em Porto Alegre (*e-mail*: [rs.depec@bcb.gov.br](mailto:rs.depec@bcb.gov.br)).

## Informações sobre o Boletim

Telefone: (61) 3414-1009

Fax: (61) 3414-2036

É permitida a reprodução das matérias, desde que mencionada a fonte: Boletim Regional do Banco Central do Brasil, volume 4, n. 4.

## Controle Geral de Publicações

Banco Central do Brasil  
Secre/Surel  
SBS – Quadra 3 – Bloco B – Edifício-Sede – 1º andar  
Caixa Postal 8.670  
70074-900 Brasília – DF  
Telefones: (61) 3414-3710 e 3414-3567  
Fax: (61) 3414-3626  
*E-mail*: [editor@bcb.gov.br](mailto:editor@bcb.gov.br)

Tiragem: 630 exemplares

## Convenções estatísticas

- ... dados desconhecidos.
  - dados nulos ou indicação de que a rubrica assinalada é inexistente.
- 0 ou 0,0 menor que a metade do último algarismo, à direita, assinalado.
- \* dados preliminares.

O hífen (-) entre anos (2004-2006) indica o total de anos, incluindo o primeiro e o último.

A barra (/) utilizada entre anos (2004/2006) indica a média anual dos anos assinalados, incluindo o primeiro e o último, ou, se especificado no texto, ano-safra, ou ano-convênio.

Eventuais divergências entre dados e totais ou variações percentuais são provenientes de arredondamentos.

Não são citadas as fontes dos quadros e gráficos de autoria exclusiva do Banco Central do Brasil.

## Central de Atendimento ao Público

Banco Central do Brasil  
Secre/Surel/Diate  
SBS – Quadra 3 – Bloco B – Edifício-Sede – 2º subsolo  
70074-900 Brasília – DF  
DDG: 0800 9792345  
Fax: (61) 3414-2553  
Internet: <http://www.bcb.gov.br>

# Índice

---

<b>Apresentação</b>	<b>5</b>
<b>Sumário executivo</b>	<b>7</b>
<b>1 Região Norte</b>	<b>9</b>
<b>2 Região Nordeste</b>	<b>15</b>
Bahia	19
Ceará	23
Pernambuco	27
<b>3 Região Centro-Oeste</b>	<b>31</b>
<b>4 Região Sudeste</b>	<b>37</b>
Minas Gerais	43
Rio de Janeiro	49
São Paulo	53
<b>5 Região Sul</b>	<b>57</b>
Paraná	63
Rio Grande do Sul	69
<b>6 Inferências nacionais a partir dos indicadores regionais</b>	<b>75</b>
<b>Boxes</b>	
Influência do Natal na Trajetória do Comércio Varejista	79
Evolução das Exportações Brasileiras por Grau de Intensidade Tecnológica: uma abordagem regional da crise	83
Migrações Internas no Brasil – Comportamento recente	93
<b>Apêndice</b>	<b>99</b>

# Apresentação

---

O “Boletim Regional” é uma publicação trimestral do Banco Central do Brasil que apresenta as condições da economia por regiões e alguns estados do país. Sob o enfoque regional, enfatiza-se a evolução de indicadores que repercutem as decisões de política monetária – produção, vendas, emprego, preços, comércio exterior, entre outros. Nesse contexto, a publicação contribui para a avaliação do impacto das políticas da Autoridade Monetária sobre os diferentes entes da Federação, à luz das características econômicas locais e das gestões políticas regionais.

As análises e informações do “Boletim Regional” buscam oferecer à sociedade – em particular, gestores de política econômica nas esferas subnacionais, pesquisadores e integrantes do meio acadêmico, empresários, investidores, e profissionais de imprensa – elementos que contribuam para identificar a forma e, especialmente, a magnitude de repercussão, no âmbito regional, das políticas implementadas. Ao mesmo tempo, a publicação contribui para dar à sociedade conhecimento dos critérios analíticos da instituição.

O “Boletim Regional” analisa as economias das regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul e dos estados da Bahia, Ceará, Pernambuco, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul. A disponibilidade de estatísticas econômicas, bem como a distribuição geográfica das representações do Banco Central, influenciou a escolha dos estados. Assim, para as regiões que possuem apenas uma representação institucional – Norte e Centro-Oeste –, optou-se pela análise agregada regionalmente. Para as regiões onde existe mais de uma representação, são apresentadas, além da análise regional, as análises para os estados nos quais se encontram as representações.

Homogeneidade, abrangência e regularidade foram os principais critérios de escolha das estatísticas e das fontes. Dessa forma, em sua maior parte, os dados têm como origem os órgãos e os institutos de âmbito nacional, destacadamente o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e os entes

da administração direta. Em alguns casos foram utilizadas, complementarmente, informações de entidades regionais. Dados sem tratamento das fontes foram dessazonalizados pelo Departamento Econômico do Banco Central.

## Sumário executivo

---

O ritmo de crescimento dos principais indicadores econômicos do país registrou, nos trimestres encerrados em junho e em setembro, relativo arrefecimento. Esse movimento, observado de forma generalizada em âmbito regional, de certa forma contrasta com o expressivo crescimento registrado no primeiro semestre do ano, sustentado pelo dinamismo da demanda interna, com ênfase no desempenho dos investimentos e do consumo das famílias. A persistência de condições favoráveis no mercado de trabalho, a manutenção das expectativas de consumidores e de empresários em patamar elevado e a expansão das operações de crédito constituem ambiente propício à continuidade, nos próximos meses, do crescimento da economia brasileira.

A atividade industrial da região Norte, após experimentar cinco resultados trimestrais positivos em sequência, registrou acomodação na margem, no trimestre encerrado em agosto. Essa mudança contrasta, no entanto, com o desempenho do comércio varejista e dos mercados de trabalho e de crédito, que seguiram apresentando dinamismo, no período. Nesse cenário, o Índice de Atividade Econômica Regional (IBCR-N) cresceu 0,1% no trimestre mencionado, em relação ao finalizado em maio, quando havia aumentado 1,3%, no mesmo tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados.

A economia do Nordeste revelou, igualmente, indicativos de arrefecimento na margem. Nesse sentido, considerados dados dessazonalizados, as taxas de crescimento trimestrais do Produto Interno Bruto (PIB) da Bahia e do Ceará registraram desaceleração no trimestre encerrado em junho. Adicionalmente, a análise de dados mais recentes revela desaceleração da taxa de crescimento do IBCR-NE, que atingiu 0,6% no trimestre encerrado em agosto, em relação ao finalizado em maio, quando crescera 3,2%, no mesmo tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados.

No Centro-Oeste, o desempenho desfavorável da indústria de alimentos, que detém relativamente maior importância na cadeia produtiva da região, e o crescimento modesto das exportações da agroindústria, seguem impactando negativamente a economia regional, que vem apresentando dinamismo menos acentuado do que a média nacional. Nesse cenário, em que a demanda interna reflete o crescimento da massa salarial e impulsiona o comércio da região, o IBCR-CO registrou estabilidade no trimestre encerrado em agosto, em relação ao finalizado em maio, quando aumentara 1,4%, no mesmo tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados.

A trajetória de crescimento da atividade econômica na região Sudeste foi sensibilizada, a partir do início do segundo semestre do ano, pela desaceleração no setor industrial, em especial nos segmentos afetados pela retirada de parte dos estímulos fiscais introduzidos em resposta à crise internacional. Nesse cenário, o IBCR-SE cresceu 1,2% no trimestre encerrado em agosto, em relação ao finalizado em maio, quando havia aumentado 1,7%, no mesmo tipo de análise, considerados dados dessazonalizados.

A economia da região Sul, embora registrando evolução positiva de indicadores relacionados ao comércio varejista e aos mercados de trabalho e de crédito, registrou relativa acomodação da atividade no trimestre encerrado em agosto. Nesse período, o IBCR-S cresceu 0,9%, em relação ao trimestre terminado em maio, quando havia aumentado 1,8%, no mesmo tipo de análise, considerados dados dessazonalizados.



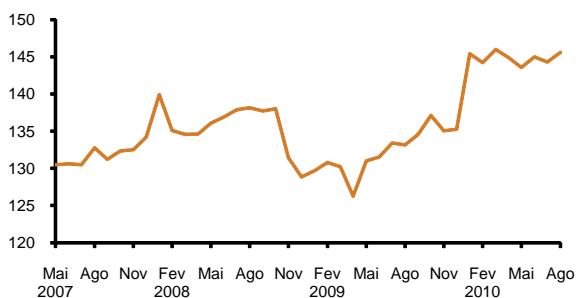
# Região Norte



**Gráfico 1.1 – Índice de Atividade Econômica Regional – Norte (IBCR-N)**

Dados dessazonalizados

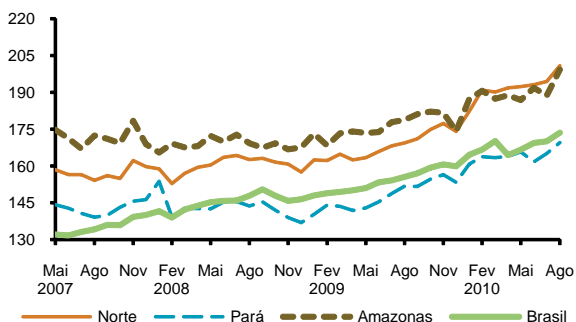
2002 = 100



**Gráfico 1.2 – Índice de volume de vendas no varejo**

Dados dessazonalizados

2006 = 100



Fonte: IBGE

**Tabela 1.1 – Produção industrial – Amazonas**

Geral e setores selecionados

Setores	Pesos <sup>1/</sup>	Variação % no período		
		2010	Maio <sup>2/</sup>	Ago <sup>2/</sup>
Indústria geral	100,0	5,3	-3,5	15,4
Indústria extrativa	2,9	3,1	0,7	6,8
Indústria de transformação	97,1	7,7	-4,3	15,6
Material eletrônico	24,6	6,9	-0,2	19,7
Alimentos e bebidas	22,9	5,5	-5,6	26,3
Equipamentos transporte	13,6	9,3	12,7	-0,5
Refino petróleo e álcool	5,7	12,1	-0,6	10,7

Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

A indústria da região Norte apresentou certa acomodação na margem, registrando retração após cinco resultados trimestrais positivos em sequência. Essa reversão contrasta, no entanto, com o desempenho do comércio varejista e dos mercados de trabalho e de crédito, que seguiram apresentando dinamismo no trimestre encerrado em agosto. Também sinalizando acomodação, o IBCR-N cresceu 0,1% no período mencionado, em relação ao trimestre finalizado em maio, quando havia aumentado 1,3% no mesmo tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados.

As vendas varejistas na região Norte cresceram 2,5% no trimestre encerrado em agosto, em relação ao finalizado em maio, quando haviam aumentado 4,7%, nessa base de comparação, considerados dados dessazonalizados da Pesquisa Mensal do Comércio (PMC) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Esse resultado refletiu os aumentos registrados em todos os estados da região, com destaque para os assinalados em Tocantins, 7,4%; Roraima, 8,3%; e Acre, 3,7%. O comércio ampliado, incorporadas as vendas de automóveis e de material de construção, cresceu 2% no período.

Considerados períodos de doze meses, o comércio varejista da região cresceu 13,6% em agosto, em relação ao período correspondente de 2009, ante 10,2% em maio, registrando-se desempenhos favoráveis em todos os estados da região, em especial em Tocantins, 28%; Rondônia, 24,8%; e Pará, 12,5%. As vendas do comércio ampliado cresceram 12,6%, no período, ante 9,7%, em maio.

A produção da indústria da região, após registrar cinco expansões trimestrais consecutivas, registrou retração de 1,8% no trimestre encerrado em agosto, em relação ao finalizado em maio, de acordo com dados dessazonalizados da Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física (PIM-PF) do IBGE.

**Tabela 1.2 – Produção industrial – Pará**

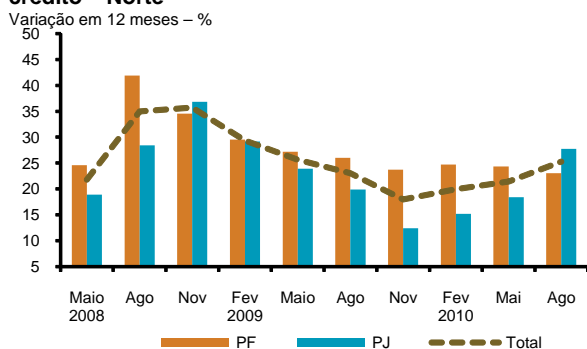
Geral e setores selecionados

Setores	Pesos <sup>1/</sup>	Variação % no período		
		2010		
		Mai <sup>2/</sup>	Ago <sup>2/</sup>	Ac. 12 meses
Indústria geral	100,0	3,3	-0,7	3,3
Indústria extrativa	43,1	4,5	-0,9	6,0
Indústria de transformação	57,1	2,7	-0,3	1,1
Metalurgia básica	34,3	8,9	-2,2	-2,7
Alimentos e bebidas	9,1	-8,9	2,5	14,0
Celulose e papel	5,4	3,7	-1,2	1,2
Madeira	4,4	-6,6	-0,4	-14,9

Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

**Gráfico 1.3 – Evolução do saldo das operações de crédito – Norte<sup>1/</sup>**

1/ Operações com saldo superior a R\$5 mil.

**Tabela 1.3 – Necessidades de financiamento – Região Norte<sup>1/</sup>**

UF	R\$ milhões			
	Resultado primário		Juros nominais	
	2009	2010	2009	2010
	Jan-abr	Jan-abr	Jan-abr	Jan-abr
<b>Total</b>	<b>-506</b>	<b>-878</b>	<b>75</b>	<b>269</b>
Governo estadual	-384	-658	78	271
Capital	-124	-187	-1	1
Demais municípios	2	-32	-2	-2

1/ Inclui informações dos estados e de seus principais municípios.

**Tabela 1.4 – Dívida líquida e necessidades de financiamento – Região Norte<sup>1/</sup>**

UF	R\$ milhões					
	Dívida	Fluxos acumulados no ano			Dívida <sup>2/</sup>	
		2009	Nominal	Outros <sup>4/</sup>	2010	
	Dez	Primário	Juros	Total <sup>3/</sup>	Abr	
<b>Total (A)</b>	<b>5 070</b>	<b>-878</b>	<b>269</b>	<b>-608</b>	<b>-9</b>	<b>4 453</b>
Governo estadual	5 684	-658	271	-388	-9	5 287
Capital	-385	-187	1	-186	-0	-572
Demais municípios	-228	-32	-2	-34	0	-263

1/ Inclui informações dos estados e de seus principais municípios. Dados preliminares.

2/ A dívida líquida no momento t+1 é a dívida no momento t, mais o resultado nominal e o resultado de outros fluxos.

3/ O resultado nominal é a soma dos juros com o resultado primário.

4/ Inclui ajustes decorrentes de variação cambial, reconhecimento de dívidas e privatização.

A retração na margem traduziu recuos nas indústrias do Amazonas, 3,5%, e do Pará, 0,7%, e resultou de redução de 3,7% na indústria de transformação, com participação de cerca de 80% no setor industrial da região, haja vista que houve aumento de 1,9% na extrativa. Ressalte-se o recuo de 4,3% observado na indústria de transformação do Amazonas, traduzindo o impacto dos desempenhos desfavoráveis assinalados em oito das dez atividades consideradas na pesquisa, em especial alimentos e bebidas, 5,6%.

A análise de doze meses revela que a indústria da região cresceu 10,8% em agosto, em relação a igual intervalo de 2009, ante 5,6% em maio, refletindo aumentos de 6% na indústria extrativa e de 12,6% na de transformação, esta evidenciando os desempenhos positivos dos segmentos material eletrônico, 19,7%; alimentos e bebidas, 26,3%; e refino de petróleo, 10,7%, no Amazonas, contrastando com os recuos registrados nos segmentos madeira, 14,9% e metalurgia básica, 2,7%, no Pará.

Considerada a mesma base de comparação, indicadores da Federação das Indústrias do Estado do Amazonas (Fieam) ratificaram a expansão da atividade industrial na região. Nesse sentido, o faturamento nominal das vendas da indústria, após registrar expansão de 12,7% no período de doze meses encerrado em maio, em relação a igual intervalo de 2009, cresceu 17,9% em junho, na mesma base de comparação. Adicionalmente, o Nível de Utilização da Capacidade Instalada (Nuci) da indústria de transformação atingiu 81,3%, maior patamar no ano, ante 79,9% em maio e 79,4% em igual mês de 2009.

O saldo das operações de crédito superiores a R\$5 mil realizadas na região Norte atingiu R\$52,7 bilhões em agosto, aumentando 8,6% no trimestre e 25,3% em doze meses. Os empréstimos contratados no segmento relativo a pessoas físicas totalizaram R\$26,8 bilhões, elevando-se 5,5% no trimestre e 23% em doze meses, refletindo o dinamismo das modalidades financiamentos imobiliários, compras de veículos automotores e empréstimos consignados. A carteira de pessoas jurídicas somou R\$25,9 bilhões, registrando variações respectivas de 11,9% e 27,7% nos períodos mencionados, com ênfase no desempenho das operações contratadas nos segmentos comércio, indústrias extrativas de petróleo e gás, e empresas de construção.

A taxa de inadimplência atingiu 4,2% em agosto, reduzindo-se 0,6 p.p. no trimestre e 1,4 p.p. em doze meses. A evolução trimestral decorreu de retrações de 0,6 p.p. tanto no segmento de pessoas físicas, quanto no de pessoas jurídicas, nos quais a taxa atingiu 5,4% e 2,9%, respectivamente.

**Tabela 1.5 – Dívida líquida – Região Norte<sup>1/</sup>**  
Composição

Região Norte	R\$ milhões		
	2008	2009	2010
	Dez	Dez	Abr
Dívida bancária	1 344	3 320	3 768
Renegociação <sup>2/</sup>	4 720	4 391	4 382
Dívida externa	1 378	1 272	1 286
Outras dívidas junto à União	109	80	71
Dívida reestruturada	473	314	300
Disponibilidades líquidas	-4 638	-4 307	-5 355
Total (A)	3 386	5 070	4 453
Brasil <sup>2/</sup> (B)	424 877	418 877	418 888
(A/B) (%)	0,8	1,2	1,1

1/ Inclui informações dos estados e de seus principais municípios. Dados preliminares.

2/ Lei nº 8.727/1993, Lei nº 9.496/1997 e MP nº 2185/2000.

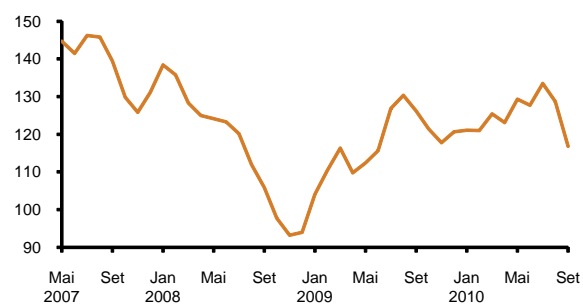
**Tabela 1.6 – Produção agrícola – Norte**  
Itens selecionados

Discriminação	Em mil toneladas		
	Produção		Variação %
	2009	2010 <sup>1/</sup>	
Grãos	3 788	4 019	6,1
Arroz (em casca)	959	1 026	7,1
Feijão	119	86	-27,8
Milho	1 280	1 296	1,2
Soja	1 430	1 611	12,6
Outras lavouras			
Mandioca	7 790	7 339	-5,8
Banana	771	842	9,2
Cana-de-açúcar	1 729	1 738	0,5

Fonte: IBGE

1/ Estimativa segundo o LSPA de setembro de 2010.

**Gráfico 1.4 – Abate de bovinos – Norte**  
Média móvel trimestral  
índice 2005 = 100



Fonte: Mapa

Os governos dos estados, das capitais e dos principais municípios da região obtiveram superávit primário de R\$878 milhões nos quatro primeiros meses de 2010, ante R\$506 milhões no mesmo período de 2009. Essa evolução refletiu elevações nos superávits dos governos dos estados, R\$274 milhões, e das capitais, R\$63 milhões, e a reversão, de déficit de R\$2 milhões para superávit de R\$32 milhões, no resultado primários dos demais municípios.

Os juros nominais, apropriados por competência, totalizaram R\$269 milhões, ressaltando-se que o aumento de 260% registrado no período refletiu, em especial, o impacto da variação quadrimestral de 3,49% do Índice Geral de Preços – Disponibilidade Interna (IGP-DI), indexador da maior parte dos passivos regionais renegociados com a União.

O superávit nominal da região atingiu R\$608 milhões no período, ante R\$431 milhões nos quatro primeiros meses de 2009.

A dívida líquida dos governos dos estados, da capital e dos principais municípios da região totalizou R\$4,5 bilhões em abril, recuando 12,2% em relação a dezembro de 2009. A participação da dívida bancária na composição da dívida líquida total da região aumentou de 65,5% para 84,6% no período.

A safra de grãos no Norte do país deverá totalizar 4 milhões de toneladas em 2010, segundo o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA) de setembro, do IBGE, ressaltando-se que a expansão anual de 6,1% reflete estimativas de aumentos de 1,8% para a área plantada e de 4,2% para a produtividade. Estão projetados aumentos para as safras de soja, 12,6%, e arroz em casca, 7,1%, e recuos para as relativas a feijão, 27,8%, e milho, 1,2%. Entre as demais culturas, as produções de banana e abacaxi, impulsionadas por expansões de 13,9% e 50,3% nas respectivas áreas plantadas, devem registrar elevações anuais respectivas de 9,2% e 3%, enquanto para a cultura de mandioca, importante na cesta de consumo regional, está estimada retração de 5,8%.

O volume de abates de bovinos realizados na região registrou aumento de 3,3% nos nove primeiros meses do ano, em relação a igual período de 2009, segundo estatísticas do Serviço de Inspeção Federal (SIF) do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa). As exportações de carnes de bovinos desossadas e congeladas e de carnes frescas ou refrigeradas cresceram 82,5% e 55,2%, respectivamente, no período.

**Tabela 1.7 – Exportação por fator agregado – FOB**

Janeiro-setembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Norte			Brasil
	2009	2010	Var. %	Var. %
Total	7 379	10 246	38,9	29,7
Básicos	4 639	6 814	46,9	36,5
Industrializados	2 740	3 432	25,3	24,2
Semimanufaturados	1 046	1 328	26,9	38,9
Manufaturados <sup>1/</sup>	1 693	2 104	24,3	19,8

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

**Tabela 1.8 – Importação por categoria de uso – FOB**

Janeiro-setembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Norte			Brasil
	2009	2010	Var. %	Var. %
Total	5 638	9 508	68,6	45,8
Bens de consumo	1 202	2 819	134,5	44,9
Duráveis	1 069	2 629	146,0	59,7
Não duráveis	133	190	42,5	35,1
Bens intermediários	2 536	3 561	40,4	40,0
Bens de capital	1 854	2 824	52,3	44,1
Combustíveis e lubrificantes	46	304	563,7	67,5

Fonte: MDIC/Secex

**Tabela 1.9 – Evolução do emprego formal – Norte**

Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) <sup>1/</sup>				
	2009		2010		
	Ago	Nov	Fev	Mai	Ago
Total	35,2	37,3	-1,4	30,0	38,6
Extrativa mineral	-0,1	0,3	0,9	0,9	0,7
Indústria de transformação	7,3	7,1	-0,3	3,3	7,5
Comércio	4,1	11,3	-1,0	3,7	6,2
Serviços	8,0	9,0	-0,4	10,8	10,6
Construção civil	13,0	9,4	-0,6	11,5	11,5
Agropecuária	1,8	0,0	-0,4	-0,6	1,3
Outros <sup>2/</sup>	1,1	0,2	0,4	0,3	0,8

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui serviços industriais, administração pública e outras.

**Tabela 1.10 – Evolução do emprego formal – Norte**

Novos postos de trabalho

UF	Acumulado no trimestre (em mil) <sup>1/</sup>				
	2009		2010		
	Ago	Nov	Fev	Mai	Ago
Região Norte	35,2	37,3	-1,4	30,0	38,6
Acre	1,7	0,5	-0,9	1,0	1,8
Amapá	0,2	0,5	0,7	0,2	0,6
Amazonas	10,3	11,4	-4,3	7,4	9,1
Pará	12,7	14,1	0,9	7,9	15,9
Rondônia	9,1	7,7	1,6	9,7	6,6
Roraima	0,1	1,0	0,5	0,2	0,5
Tocantins	1,2	1,9	0,0	3,4	4,1

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

O superávit da balança comercial da região atingiu US\$737 milhões nos nove primeiros meses do ano, ante US\$1,7 bilhão em igual período de 2009, de acordo com estatísticas do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC). As exportações somaram US\$10,2 bilhões, e as importações, US\$9,5 bilhões, ressaltando-se que a expansão de 38,9% nas vendas externas decorreu de aumentos de 37,6% nos preços e de 1,7% no *quantum* exportado, enquanto o acréscimo de 68,7% nas compras externas traduziu as elevações respectivas de 7,5% e 55,9%.

A evolução das exportações decorreu de aumentos das vendas em todas as categorias de fator agregado, destacando-se a elevação de 46,9% nas relativas a produtos básicos, responsáveis por 66% da pauta da região. China, Japão, Estados Unidos da América (EUA) e Venezuela adquiriram, em conjunto, 43,9% das vendas externas da região, no período, ressaltando-se que as direcionadas à China elevaram-se 9,9%, e as destinadas à Venezuela, 75,9%.

As importações da região, concentradas em bens intermediários e de capital, registraram acréscimos em todas as categorias de uso, no período, destacando-se as aquisições de combustíveis e lubrificantes, 563,7%, e de bens de consumo duráveis, 146%. Os principais mercados de origem foram China, Coreia do Sul, EUA e Japão, com participação conjunta de 68% nas compras da região.

A trajetória favorável da economia da região proporcionou, de acordo com o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados do Ministério do Trabalho e Emprego (Caged/MTE), a criação de 38,6 mil postos de trabalho no trimestre encerrado em agosto, ante 30 mil naquele finalizado em maio e 35,2 mil em igual período do ano anterior, dos quais 11,5 mil na construção civil; 10,6 mil no setor de serviços; e 7,5 mil na indústria de transformação. Os estados do Pará, Amazonas e Rondônia responderam por 81,9% das vagas geradas no período.

Ainda de acordo com o MTE, o nível de emprego cresceu 1,1% no trimestre encerrado em agosto, em relação ao finalizado em maio, quando aumentara 1,8%, no mesmo tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados.

O Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) da Região Metropolitana de Belém (RMB) registrou variação de 0,12% no trimestre encerrado em setembro, ante aumento de 0,92% naquele finalizado em junho, com reversão, de 0,89% para -0,23%, observada na variação dos preços livres, e aceleração, de 1,00% para 1,11%, na

**Tabela 1.11 – IPCA – Belém**

Discriminação	Pesos <sup>1/</sup>	Variação %			
		2009	2010		
		Ano	II Tri	III Tri	Ano
IPCA	100,0	4,46	0,92	0,12	3,97
Livres	73,7	4,54	0,89	-0,23	3,66
Comercializáveis	40,2	3,45	0,61	-0,24	2,55
Não comercializáveis	33,6	5,94	1,24	-0,19	5,07
Monitorados	26,3	4,24	1,00	1,11	4,85
Principais itens					
Alimentação	32,0	3,20	1,08	-1,75	3,82
Habitação	9,7	1,84	1,35	3,91	7,82
Artigos de residência	4,7	2,94	0,46	0,45	0,27
Vestuário	8,9	8,13	0,52	1,03	3,35
Transportes	13,3	5,01	0,22	0,13	4,40
Saúde	12,5	6,37	2,01	0,32	3,14
Despesas pessoais	9,7	7,12	1,66	1,67	4,86
Educação	5,1	5,63	0,02	0,70	5,85
Comunicação	4,1	0,35	0,69	-0,79	-0,77

Fonte: IBGE

1/ Referentes a setembro de 2010.

dos monitorados. A evolução dos preços nesse segmento traduziu, em grande parte, a elevação de 10,12% na tarifa de energia elétrica residencial, contrastando com a redução de 2,27% no preço dos produtos farmacêuticos.

O comportamento dos preços livres refletiu reversões registradas nas variações dos preços dos itens comercializáveis, de 0,61% para -0,24%, e dos não comercializáveis, de 1,24% para -0,19%, esta última associada, em especial, à retração de 35,25% no preço do tomate. A evolução dos preços no segmento de itens comercializáveis evidenciou, em parte, o impacto das retrações nos preços de bebidas e infusões, 13%; açúcares e derivados, 5,90%; e leites e derivados, 1,10%. O índice de difusão, refletindo menor disseminação dos reajustes de preços, atingiu média de 50,9% no trimestre finalizado em setembro, ante 57,7% naquele encerrado em junho.

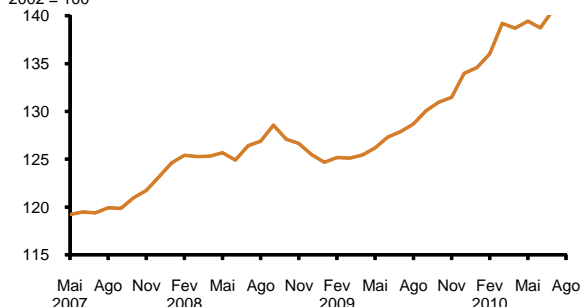
Considerados períodos de doze meses, a variação do IPCA atingiu 5,26% em setembro, ante 5,50% em junho, resultado de variações de 5,25% nos preços livres e de 5,29% nos monitorados.

As projeções relacionadas à evolução da economia da região Norte nos próximos meses sugerem continuidade do dinamismo da demanda interna, favorecido pelos crescimentos do emprego e do crédito, embora em ritmo mais moderado. Esse ambiente, adequado à retomada da indústria e à manutenção do desempenho das vendas do comércio, deverá ser favorecido pelos efeitos dos investimentos, públicos e privados, em implantação na região. Devem ser considerados, ainda, os impactos negativos, sobre a balança comercial da região, decorrentes da retomada incipiente da atividade nas principais economias maduras.

**Gráfico 2.1 – Índice Regional de Atividade Econômica do Banco Central – Nordeste (IBCR-NE)**

Dados dessazonalizados

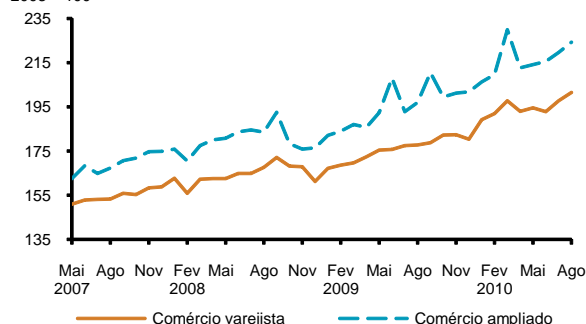
2002 = 100



**Gráfico 2.2 – Comércio varejista – Nordeste**

Dados dessazonalizados

2003 = 100



Fonte: IBGE

**Tabela 2.1 – Comércio varejista – Nordeste**

Geral e setores selecionados

Setores	Variação % no período			
	2009	2010		
		Mai <sup>1/</sup>	Ago <sup>1/</sup>	12 meses
Comércio varejista	6,8	4,2	1,1	11,2
Combustíveis e lubrificantes	5,8	3,5	-2,0	5,3
Hiper e supermercados	9,5	1,3	1,8	11,9
Móveis e eletrodomésticos	5,1	3,7	-1,7	16,4
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	1,8	5,4	-3,4	18,7
Comércio ampliado	8,3	6,3	0,4	13,1
Automóveis e motocicletas	12,4	7,0	1,7	18,3
Material de construção	-3,4	6,6	-2,9	12,2

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

A economia do Nordeste segue em expansão, mas revela arrefecimento na margem. Nesse sentido, considerados dados dessazonalizados, as taxas de crescimento trimestrais do PIB da Bahia e do Ceará registraram desaceleração no trimestre encerrado em junho. Adicionalmente, a análise de dados mais recentes sinaliza continuidade desse processo, expresso na desaceleração da taxa de crescimento do IBCR-NE, que atingiu 0,6% no trimestre encerrado em agosto, em relação ao finalizado em maio, quando crescera 3,2%, no mesmo tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados.

As vendas varejistas no Nordeste<sup>1</sup> cresceram 1,1% no trimestre encerrado em agosto, em relação ao finalizado em maio, quando haviam aumentado 4,2%, no mesmo tipo de comparação, de acordo com dados dessazonalizados da PMC, do IBGE. Destacaram-se os aumentos nas vendas de livros, jornais, revistas e papelaria, 10,6%, e outros artigos de uso pessoal e doméstico, 4%. O comércio ampliado, evidenciando as variações registradas nos segmentos veículos, motos, partes e peças, 1,7%, e material de construção, -2,9%, cresceu 0,4% no trimestre.

Considerados períodos de doze meses, o comércio varejista da região cresceu 11,2% em agosto, em relação a igual período de 2009, ante 10,2% em maio, com ênfase nos desempenhos dos segmentos equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação, 18,7%, e móveis e eletrodomésticos, 16,4%. Incorporadas as elevações de 18,3% nas vendas de veículos, motos, partes e peças e de 12,2% nas relativas a materiais de construção, o comércio ampliado da região cresceu 13,1% no período.

A produção industrial do Nordeste decresceu 2,1% no trimestre finalizado em agosto, em relação ao encerrado em maio, período em que se elevava 3,8%, no mesmo tipo

1/ Os dados relativos à região foram obtidos a partir da agregação do índice do volume de vendas de cada unidade da Federação, ponderados pela participação da variável receita bruta de revenda de cada unidade da Federação na receita bruta total da região, constante da Pesquisa Anual de Comércio do IBGE.

**Tabela 2.2 – Produção industrial – Nordeste**

Geral e setores selecionados

Setores	Pesos <sup>1/</sup>	Variação % no período		
		2010		
		Mai <sup>2/</sup>	Ago <sup>2/</sup>	12 meses
Indústria geral	100,0	3,8	-2,1	9,4
Indústria extrativa	6,8	3,2	-1,9	-1,0
Indústria de transformação	93,0	4,4	-2,3	10,1
Alimentação e bebidas	26,8	14,0	-2,0	6,6
Química	20,6	-4,7	-1,1	10,1
Refino de petróleo e álcool	11,6	4,8	-0,9	16,0
Têxtil	8,0	5,0	-5,4	10,8

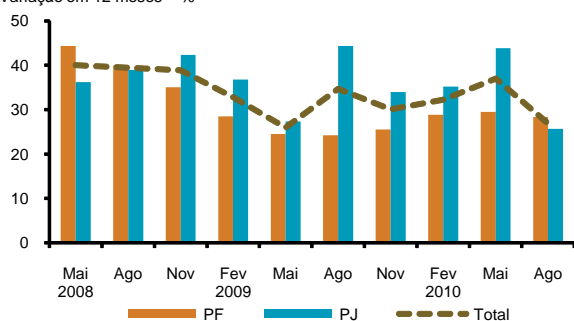
Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

**Gráfico 2.3 – Evolução do saldo das operações de crédito – Nordeste<sup>1/</sup>**

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$5 mil.

**Tabela 2.3 – Necessidades de financiamento – Região Nordeste<sup>1/</sup>**

UF	R\$ milhões			
	Resultado primário		Juros nominais	
	2009	2010	2009	2010
	Jan-abr	Jan-abr	Jan-abr	Jan-abr
Total	-2 262	-2 422	524	1 360
Governo estadual	-1 774	-2 523	486	1 318
Capital	-444	-500	24	18
Demais municípios	-44	602	14	24

1/ Inclui informações dos estados e de seus principais municípios. Dados preliminares.

**Tabela 2.4 – Dívida líquida – Região Nordeste<sup>1/</sup>**

Composição

Região Nordeste	R\$ milhões		
	2008	2009	2010
	Dez	Dez	Abr
Dívida bancária	2 641	5 383	5 986
Renegociação <sup>2/</sup>	27 571	25 147	25 042
Dívida externa	4 360	4 197	3 937
Outras dívidas junto à União	398	238	226
Dívida reestruturada	1 753	885	845
Disponibilidades líquidas	-7 440	-8 608	-9 732
Total (A)	29 283	27 243	26 306
Brasil <sup>2/</sup> (B)	424 877	418 877	418 888
(A/B) (%)	6,9	6,5	6,3

1/ Inclui informações dos estados e de seus principais municípios. Dados preliminares.

2/ Lei nº 8.727/1993, Lei nº 9.496/1997 e MP nº 2185/2000.

de comparação, de acordo com dados dessazonalizados da PIM-PF, do IBGE. O arrefecimento no ritmo de expansão da indústria da região, após quatro acelerações trimestrais consecutivas, refletiu as retrações registradas em sete das onze atividades pesquisadas, destacando-se as relativas às indústrias de refino de petróleo e álcool, 0,9%; química, 1,1%; e de alimentação e bebidas, 2%.

Apesar da desaceleração na margem, a produção industrial nordestina aumentou 9,4% no intervalo de doze meses encerrado em agosto, em relação a igual período de 2009, ante expansão de 9,8% no país. A indústria extrativa recuou 1% no período, enquanto a de transformação cresceu 10,1%, evidenciando, em parte, o dinamismo dos segmentos calçados e artigos de couro, 18%, e refino de petróleo e álcool, 16%.

As operações de crédito superiores a R\$5 mil totalizaram R\$169 bilhões em agosto, aumentando 6,8% no trimestre e 26,9% em doze meses, ante elevações respectivas, nas mesmas bases de comparação, de 7,4% e 37%, em maio. O estoque de crédito no segmento de pessoas jurídicas, impulsionado pelo dinamismo das modalidades capital de giro, conta garantida e aquisição de bens, totalizou R\$93 bilhões, elevando-se 7,2% no trimestre e 25,7% em doze meses. O saldo das operações relacionadas ao segmento de pessoas físicas, concentrado nas modalidades crédito consignado, financiamento a veículos e financiamentos habitacionais, somou R\$76 bilhões, crescendo 6,3% no trimestre e 28,4% em doze meses. A inadimplência nas operações de crédito da região atingiu 3,6% em agosto. O recuo trimestral de 0,2 p.p. refletiu as retrações observadas nas taxas relativas aos segmentos de pessoas físicas, 0,2 p.p., e de pessoas jurídicas, 0,3 p.p., que atingiram, na ordem, 5,4% e 2,1%.

O superávit primário dos governos estaduais, das capitais e dos principais municípios do Nordeste atingiu R\$2,4 bilhões nos quatro primeiros meses de 2010. O aumento de 7,1% em relação a igual período do ano anterior traduziu elevações nos superávits dos governos estaduais, 42,2%, favorecidos pelo crescimento de 19,7% na arrecadação de Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS), e das capitais, 12,6%, enquanto os demais municípios apresentaram reversão, de superávit de R\$44 milhões para déficit de R\$602 milhões.

Os juros nominais, apropriados por competência, somaram R\$1,4 bilhão, dos quais R\$1,3 bilhão na esfera estadual, contribuindo para que o superávit nominal totalizasse R\$1,1 bilhão no quadrimestre, reduzindo-se 38,9% em relação a igual período de 2009.

**Tabela 2.5 – Dívida líquida e necessidades de financiamento – Região Nordeste<sup>1/</sup>**

UF	R\$ milhões					
	Dívida	Fluxos acumulados no ano			Dívida <sup>2/</sup>	
	2009	Nominal	Outros <sup>4/</sup>		2010	
	Dez	Primário	Juros	Total <sup>3/</sup>	Abr	
Total (A)	27 243	-2 422	1 360	-1 061	125	26 306
Governo estadual	27 122	-2 523	1 318	-1 205	125	26 042
Capital	312	-500	18	-482	-0	-171
Demais municípios	-191	602	24	626	-0	435

1/ Inclui informações dos estados e de seus principais municípios. Dados preliminares.

2/ A dívida líquida no momento t+1 é a dívida no momento t, mais o resultado nominal e o resultado de outros fluxos.

3/ O resultado nominal é a soma dos juros com o resultado primário.

4/ Inclui ajustes decorrentes de var. cambial, reconhecimento de dívidas e privatização.

**Tabela 2.6 – Produção agrícola – Nordeste**

Itens selecionados

Discriminação	Pesos <sup>1/</sup> (%)	Em mil toneladas		Var. % 2010/2009
		Produção <sup>2/</sup>		
		2009	2010	
Produção de grãos		11 748	11 769	0,2
Soja	15,1	4 183	5 307	26,9
Milho	8,1	4 777	4 031	-15,6
Feijão	7,3	847	711	-16,1
Algodão herbáceo (em caroço)	5,8	633	646	2,1
Outras lavouras selecionadas				
Cana-de-açúcar	15,1	71 883	70 094	-2,5
Mandioca	7,3	8 982	8 843	-1,5
Banana	6,0	2 913	2 985	2,5

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2008.

2/ Estimativa segundo o LSPA de setembro de 2010.

**Tabela 2.7 – Exportação por fator agregado – FOB**

Janeiro-setembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Nordeste		Brasil	
	2009	2010	Var. %	Var. %
Total	8 236	11 576	40,6	29,6
Básicos	2 220	3 408	53,5	36,6
Industrializados <sup>1/</sup>	6 016	8 149	35,4	24,5
Semimanufaturados	2 558	3 204	25,2	38,7
Manufaturados <sup>1/</sup>	3 458	4 945	43,0	20,4

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

A dívida líquida dos estados, das capitais e dos principais municípios da região totalizou R\$26,3 bilhões em abril de 2010, reduzindo-se 3,4% em relação a dezembro do ano anterior, passando a representar 6,3% da dívida de todos os estados, capitais e principais municípios do país, ante 6,5% em dezembro de 2009. As dívidas renegociadas/reestruturadas/outras com a União representaram 99,3% do endividamento líquido em abril de 2010, e as dívidas bancária e externa, 22,8% e 15%, respectivamente, passivos contrabalançados, em parte, pelas disponibilidades, com participação de 37% na dívida líquida.

A safra de grãos do Nordeste deverá atingir 11,8 milhões de toneladas em 2010, de acordo com o LSPA de setembro do IBGE, representando 7,9% da produção nacional. O crescimento anual de 0,2% incorpora projeções de aumentos respectivos de 26,9% e 2,1% para as colheitas de soja – concentrada na região de cerrado, menos afetada pela escassez de chuvas – e de algodão herbáceo em caroço, e de recuos para as colheitas de feijão, 16,1%, e de milho, 15,6%. Em relação às demais lavouras, estima-se elevação de 32,9% para a cultura de castanha de caju e recuos respectivos de 2,5% e 7,6% para as safras de cana-de-açúcar e mamona.

A balança comercial da região apresentou déficit de US\$916 milhões nos nove primeiros meses do ano, ante superávit de US\$587 milhões em igual período de 2009, reversão decorrente de elevações observadas nas importações, 63,3%, e nas exportações, 40,6%, que somaram, no período, US\$12,5 bilhões e US\$11,6 bilhões, respectivamente.

A elevação nas vendas externas, refletindo expansões respectivas de 23% e 14,2% nos preços e no *quantum*, decorreu de expansões em todas as categorias de fator agregado, ressaltando-se o aumento de 53,5% nas vendas de produtos básicos. Os principais mercados de destino foram EUA, China, Argentina e Holanda, com participação conjunta de 44,3%, ressaltando-se que as vendas da região à China e Argentina elevaram-se, na ordem, 38,4% e 60,3% nos nove primeiros meses do ano, em relação ao mesmo período de 2009.

O acréscimo observado nas aquisições externas, decorrente de aumentos de 8,1% nos preços e de 51% no *quantum*, resultou de crescimentos das importações em todas as categorias de uso, destacando-se os relativos a combustíveis, 159,6%, e a bens intermediários, 47,9%, este impulsionado pelo aumento de 57,8% nas compras de naftas para petroquímica. As aquisições provenientes dos EUA, Argentina, China e Argélia representaram, em conjunto,



**Tabela 2.8 – Importação por categoria de uso – FOB**

Janeiro-setembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Nordeste			Brasil
	2009	2010	Var. %	Var. %
Total	7 648	12 492	63,3	45,8
Bens de consumo	832	1 181	42,0	51,1
Duráveis	584	860	47,2	68,5
Não duráveis	248	321	29,8	31,7
Bens intermediários	4 049	5 988	47,9	43,3
Bens de capital	1 582	2 243	41,8	38,9
Combustíveis e lubrificantes	1 186	3 079	159,6	61,1

Fonte: MDIC/Secex

**Tabela 2.9 – Evolução do emprego formal – Nordeste**

Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) <sup>1/</sup>				
	2009		2010		
	Ago	Nov	Fev	Mai	Ago
Total	130,1	204,9	5,0	55,3	147,6
Indústria de transformação	39,9	93,8	-19,5	-34,4	37,1
Serv. ind. de utilidade pública	2,5	-1,7	0,2	0,1	0,9
Construção civil	22,1	31,8	18,6	34,5	31,2
Comércio	15,4	42,2	8,7	13,9	15,3
Serviços	24,5	38,5	17,2	37,2	39,0
Agropecuária	24,5	-0,9	-20,5	3,3	21,7
Outros <sup>2/</sup>	1,2	1,1	0,4	0,7	2,4

Fonte: MTE

<sup>1/</sup> Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.<sup>2/</sup> Inclui extrativa mineral, administração pública e outras.**Tabela 2.10 – IPCA – Nordeste**

Discriminação	Pesos <sup>1/</sup>	Variação %			
		2010			
		I Tri	II Tri	III Tri	12 m
IPCA	100,0	1,88	1,37	0,01	4,34
Livres	70,8	2,40	1,37	0,05	5,00
Comercializáveis	36,9	0,96	1,15	0,59	3,75
Não comercializáveis	33,9	3,98	3,68	-0,52	8,57
Monitorados	29,2	0,67	1,36	-0,10	2,76
Principais itens					
Alimentação	24,9	2,96	1,34	-0,93	4,91
Habitação	12,1	0,56	1,58	0,18	3,21
Artigos de residência	3,9	0,91	0,29	0,60	1,89
Vestuário	8,2	1,29	2,72	1,72	8,03
Transportes	16,9	1,22	0,87	-0,64	2,41
Saúde	12,6	0,60	2,25	1,01	5,08
Despesas pessoais	9,2	2,14	1,72	0,06	4,07
Educação	6,8	6,92	0,39	0,41	7,84
Comunicação	5,4	-0,03	-0,03	-0,05	0,94

Fonte: IBGE

<sup>1/</sup> Referentes a setembro de 2009.

43,9% do total importado pela região nos nove primeiros meses de 2010.

A economia nordestina registrou, de acordo com as estatísticas do Caged/MTE, a geração de 147,6 mil postos de trabalho, no trimestre encerrado em agosto de 2010, ante 130,1 mil em igual período do ano anterior, dos quais 39 mil no setor de serviços, 37,1 mil na indústria de transformação e 31,2 mil na construção civil. Ressalte-se que o crescimento registrado nas contratações líquidas, no período, refletiu, em especial, o desempenho das atividades construção civil e serviços, responsáveis pela criação de 70,2 mil vagas, ante 46,6 mil vagas no trimestre finalizado em agosto de 2009.

Considerados dados dessazonalizados, o nível de emprego formal da região cresceu 1,7% no trimestre encerrado em agosto, em relação ao finalizado em maio, quando crescera 2,3%, no mesmo tipo de análise. A desaceleração no ritmo de crescimento ocorreu em cinco das oito atividades pesquisadas.

A variação do IPCA<sup>2</sup> da região Nordeste atingiu 0,01% no trimestre encerrado em setembro, ante 1,37% naquele finalizado em junho, movimento decorrente da desaceleração, de 1,37% para 0,05%, registrada na variação dos preços livres, e da reversão, de 1,36% para -0,10%, na relativa aos monitorados, esta evidenciando, em parte, o recuo de 3,43% no preço da gasolina.

Relativamente aos preços livres, registrou-se desaceleração de 1,15% para 0,59% na variação dos preços dos itens comercializáveis, ressaltando-se o impacto do recuo de 8,85% no preço do item açúcares e derivados, e a reversão, de 3,68% para -0,52%, na relativa à dos não comercializáveis, esta associada, em especial, à retração de 18,10% assinalada na variação dos preços dos produtos *in natura*. Refletindo menor disseminação dos reajustes de preços, o índice de difusão atingiu a média de 40,19% no trimestre encerrado em setembro, ante 43,49% naquele finalizado em junho.

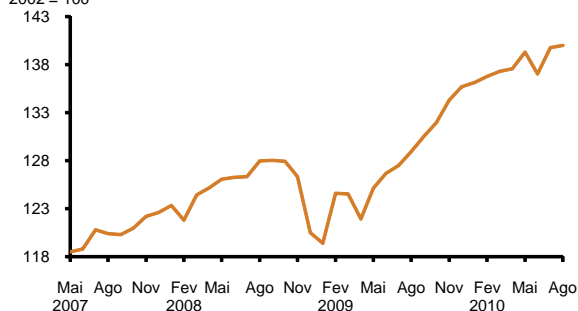
O dinamismo do mercado interno da região, em ambiente de manutenção das políticas sociais de transferência de renda, expansão do mercado de trabalho, recuperação das exportações e intensificação dos investimentos públicos e privados deverá seguir sustentando o crescimento da economia nordestina.

<sup>2/</sup> Consideram-se as variações e os respectivos pesos das três regiões metropolitanas abrangidas pelo IPCA: Fortaleza, Recife e Salvador.

**Gráfico 2.4 – Índice de Atividade Econômica Regional – Bahia (IBCR-BA)**

Dados dessazonalizados

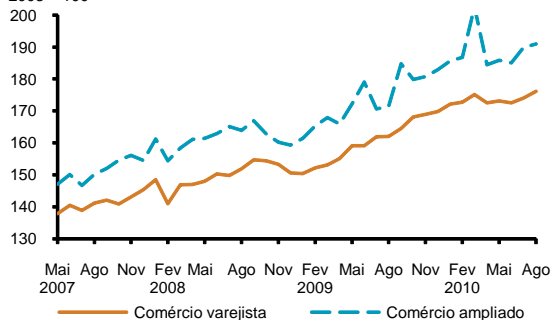
2002 = 100



**Gráfico 2.5 – Comércio varejista – Bahia**

Dados dessazonalizados

2003 = 100



Fonte: IBGE

**Tabela 2.11 – Comércio varejista – Bahia**

Geral e setores selecionados

Setores	Variação % no período			
	2009		2010	
	Mai <sup>1/</sup>	Ago <sup>1/</sup>	Mai <sup>1/</sup>	12 meses
Comércio varejista	7,0	1,2	0,4	10,3
Combustíveis e lubrificantes	1,2	3,6	-0,8	3,6
Hiper e supermercados	8,5	-1,2	1,7	7,8
Tecidos, vestuário e calçados	2,2	-0,0	3,2	10,5
Móveis e eletrodomésticos	5,6	4,5	-2,6	19,4
Livros, jornais, revistas e papelaria	15,8	-23,8	1,9	6,8
Comércio ampliado	7,3	3,2	-1,2	11,8
Automóveis e motocicletas	10,0	4,3	-3,5	15,5
Material de construção	-3,2	11,2	-4,2	12,9

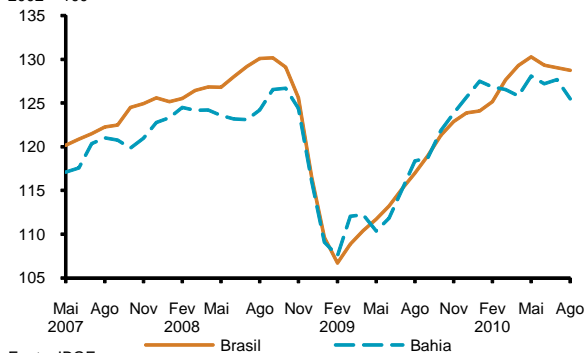
Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

**Gráfico 2.6 – Produção industrial – Bahia**

Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral

2002 = 100



Fonte: IBGE

## Bahia

Os principais indicadores econômicos do estado, embora sigam apresentando resultados positivos, passaram a revelar indícios de arrefecimento no ritmo da atividade, tendência observada em âmbito nacional. O PIB da Bahia cresceu 2,1% no trimestre encerrado em junho, em relação ao finalizado em março, quando havia aumentado 2,8%, no mesmo tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI). No mesmo sentido, o IBCR-BA aumentou 0,6% no trimestre encerrado em agosto, em relação ao finalizado em maio, quando crescera 1,4%, no mesmo tipo de análise, considerados dados dessazonalizados.

As vendas do comércio varejista na Bahia aumentaram 0,4% no trimestre encerrado em agosto, em relação ao finalizado em maio, quando haviam crescido 1,2%, no mesmo tipo de comparação, de acordo com dados dessazonalizados da PMC do IBGE. Ressaltem-se, no período, os crescimentos nas vendas dos segmentos hipermercados e supermercados, 1,7%, e tecidos, vestuário e calçados, 3,2%, e o recuo nas relativas a móveis e eletrodomésticos, 2,6%. As vendas do comércio ampliado, traduzindo os desempenhos negativos dos setores materiais de construção, 4,2%, e automóveis e motocicletas, 3,5%, recuaram 1,2% no trimestre.

Considerados períodos de doze meses, o comércio varejista baiano, beneficiado pelo cenário de expansão do crédito e da renda disponível, cresceu 10,3% em agosto, em relação a igual mês de 2009, enquanto o comércio ampliado elevou-se 11,8%.

O Índice de Confiança do Consumidor (ICC) de Salvador, divulgado pela Federação das Câmaras de Dirigentes Lojistas do Estado da Bahia, aumentou 0,1% no trimestre encerrado em agosto, em relação ao finalizado em maio, quando crescera 1,1%, no mesmo tipo de comparação. O componente relativo às expectativas futuras dos consumidores registrou variação trimestral de 1,4%, enquanto o que avalia a percepção da situação presente recuou 1,6%.

A produção industrial da Bahia decresceu 2% no trimestre finalizado em agosto, em relação ao encerrado em maio, quando havia crescido 1%, na mesma base de comparação, conforme dados dessazonalizados da PIM-PF do IBGE. Seis dos segmentos considerados na pesquisa apresentaram resultados negativos no período, destacando-se

**Tabela 2.12 – Produção industrial – Bahia**

Geral e setores selecionados

Setores	Variação % no período			
	Pesos <sup>1/</sup> 2010		Acumulado	
	Mai <sup>2/</sup>	Ago <sup>2/</sup>	em 12 meses	
Indústria geral	100,0	1,0	-2,0	9,8
Indústria extrativa	5,1	7,0	-0,3	3,7
Indústria de transformação	94,9	0,6	-1,3	10,1
Produtos químicos	33,2	-8,8	-2,2	7,6
Ref. petróleo e prod. álcool	19,8	5,8	-3,4	21,9
Alimentos e bebidas	14,5	7,4	-5,5	4,9
Celulose e papel	11,9	8,1	-3,3	3,3
Metalurgia básica	8,1	-8,5	9,9	6,5

Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na Indústria Geral, conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

a retração de 11,2% na produção de veículos automotores. As indústrias de produtos químicos e de refino de petróleo e de produção de álcool, responsáveis, em conjunto, por 53% da produção industrial do estado, assinalaram retrações respectivas de 2,2% e 3,4%, no período. Em sentido oposto, assinala-se o aumento trimestral de 9,9% registrado no segmento metalurgia básica.

Considerados períodos de doze meses, a produção industrial baiana – em ascensão desde março, após sucessivos resultados negativos ao longo de 2009 – aumentou 9,8% em agosto, em relação ao período correspondente do ano anterior, traduzindo acréscimos de 10,1% na indústria de transformação e de 3,7% na extrativa.

O Indicador de Confiança do Empresariado Baiano (Iceb), calculado pela SEI, registrou recuo trimestral de 11,9% em julho, situando-se em 222,5 pontos, patamar definido como de otimismo moderado.

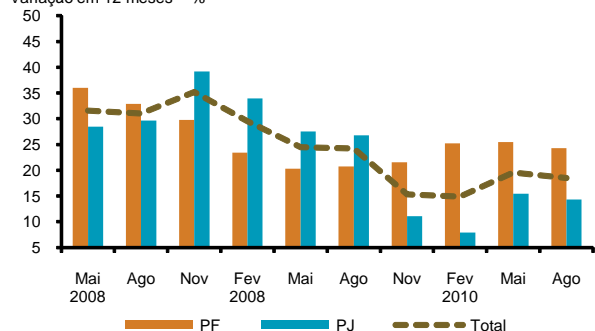
O estoque das operações de crédito com valor superior a R\$5 mil realizadas no estado somou R\$47,3 bilhões em agosto, elevando-se 4,3% no trimestre e 18,5% em doze meses. Os empréstimos contratados no segmento de pessoas físicas, evidenciando o dinamismo das modalidades financiamentos de veículos e imobiliários, e crédito consignado, totalizaram R\$20,7 bilhões, crescendo 5,4% no trimestre e 24,3% em doze meses. A carteira de pessoas jurídicas atingiu R\$26,7 bilhões, com variações respectivas de 3,5% e 14,3% nos períodos considerados, destacando-se as concessões para capital de giro.

A inadimplência dos empréstimos do sistema financeiro no estado atingiu 4,1% em agosto. O aumento de 0,3 p.p. registrado em relação a maio refletiu as elevações respectivas de 0,4 p.p. e 0,1 p.p. assinaladas nos segmentos de pessoas físicas e de pessoas jurídicas.

Os governos do estado e dos principais municípios da Bahia registraram superávit primário de R\$843 milhões nos quatro primeiros meses do ano. O aumento de 83,6% registrado em relação a igual período de 2009 refletiu o impacto mais intenso do aumento de 188,1% assinalado no superávit do estado, em relação aos déficits respectivos de R\$183 milhões e R\$186 milhões registrados na capital e nos demais municípios, que haviam apresentado, na ordem, superávits de R\$20 milhões e R\$18 milhões, de janeiro a abril de 2009.

**Gráfico 2.7 – Evolução do saldo das operações de crédito – Bahia<sup>1/</sup>**

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$5 mil.

**Tabela 2.13 – Necessidades de financiamento – Bahia<sup>1/</sup>**

Discriminação	R\$ milhões			
	Resultado primário		Juros nominais	
	2009	2010	2009	2010
	Jan-abr	Jan-abr	Jan-abr	Jan-abr
Total	-459	-843	190	445
Governo estadual	-421	-1 212	154	410
Capital	-20	183	22	21
Demais municípios	-18	186	14	13

1/ Inclui informações do estado e de seus principais municípios.

Dados preliminares.

**Tabela 2.14 – Dívida líquida e necessidades de financiamento – Bahia<sup>1/</sup>**

Discriminação	R\$ milhões					Dívida <sup>2/</sup> 2010 Abr
	Dívida 2009 Dez	Fluxos acumulados no ano			Outros <sup>4/</sup>	
		Nominal		Total <sup>3/</sup>		
		Primário	Juros			
Total	10 026	-843	445	-398	-8	9 620
Governo estadual	8 785	-1 212	410	-802	-8	7 975
Capital	873	183	21	204	0	1 077
Demais municípios	368	186	13	199	-0	568

1/ Inclui informações do estado e de seus principais municípios. Dados preliminares.

2/ A dívida líquida no momento t+1 é a dívida no momento t, mais o resultado nominal e o resultado de outros fluxos.

3/ O resultado nominal é a soma dos juros com o resultado primário.

4/ Inclui ajustes decorrentes de variação cambial, reconhecimento de dívidas e privatização.

**Tabela 2.15 – Produção agrícola – Bahia**

Itens selecionados

Discriminação	Peso <sup>1/</sup>	Em mil toneladas			Variação % 2010/2009
		Produção <sup>2/</sup>			
		2009	2010 <sup>1/</sup>		
Grãos	43,3	6 123	6 743	10,1	
Soja	18,5	2 426	3 111	28,2	
Algodão herbáceo	11,6	962	995	3,5	
Milho	7,1	2 158	2 054	-4,8	
Feijão	6,1	342	371	8,4	
Outras lavouras					
Banana	6,9	1 426	1 368	-4,1	
Café	5,7	177	189	7,1	

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2008.

2/ Estimativa segundo o LSPA de setembro de 2010.

**Tabela 2.16 – Exportação por fator agregado – FOB**

Janeiro-setembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Bahia			Brasil
	2009	2010	Var. %	Var. %
Total	4 997	6 628	32,7	29,6
Básicos	1 281	1 330	3,8	36,6
Industrializados	3 716	5 298	42,6	24,2
Semimanufaturados	1 573	1 921	22,1	38,7
Manufaturados <sup>1/</sup>	2 142	3 377	57,7	19,8

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

**Tabela 2.17 – Importação por categoria de uso – FOB**

Janeiro-setembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Bahia			Brasil
	2009	2010	Var. %	Var. %
Total	3 328	4 935	48,3	45,8
Bens de capital	573	887	54,7	38,9
Bens intermediários	2 096	3 029	44,5	43,3
Bens de consumo	520	719	38,3	51,1
Duráveis	481	665	38,4	68,5
Não duráveis	39	54	36,9	31,7
Combustíveis	139	300	116,3	61,1

Fonte: MDIC/Secex

Os juros nominais, apropriados por competência, totalizaram R\$445 milhões nos quatro primeiros meses do ano, aumentando 134,4% em relação a igual período do ano anterior, contribuindo para que o superávit nominal totalizasse R\$398 milhões, ante R\$269,4 milhões de janeiro a abril de 2009. A dívida líquida do estado atingiu R\$9,6 bilhões em abril, reduzindo-se 4,1% em relação a dezembro de 2009, ressaltando-se o impacto mais acentuado da retração da dívida na esfera estadual, em relação ao decorrente dos aumentos assinalados nas demais esferas regionais.

A safra de grãos no estado deverá totalizar 6,7 milhões de toneladas em 2010, segundo o LSPA do IBGE de setembro, correspondendo a 55,3% da produção da região. O aumento anual de 10,1% considera estimativa de crescimento para as colheitas de soja, 28,2%, e de algodão herbáceo, 3,5%, projetadas em 3,1 milhões e 1 milhão de toneladas, respectivamente. Adicionalmente, estão previstas variações de 8,4% para a safra de feijão e de -4,8% para a de milho.

O superávit comercial da Bahia totalizou US\$1,7 bilhão nos nove primeiros meses do ano, aumentando 1,5% em relação a igual intervalo de 2009, compreendendo exportações de US\$6,6 bilhões e importações de US\$4,9 bilhões. As exportações elevaram-se 32,7% no período, resultado de aumentos de 23,8% nos preços e de 7,2% no *quantum*. As importações cresceram 48,3%, refletindo as expansões respectivas de 13,8% e 30,4% nos preços e no *quantum*.

O desempenho das vendas externas refletiu, em grande parte, o dinamismo dos embarques de produtos industrializados que, com participação de 79,9% na pauta de exportação do estado, aumentaram 42,6% no período. A evolução das importações baianas, decorrente de aumentos nas compras em todas as categorias de uso, foi impactada, em especial, pelo acréscimo de 44,5% nas aquisições de matérias-primas e bens intermediários, que, representaram, em conjunto, 61,4% das compras do estado.

A economia do estado criou, de acordo com o Caged/MTE, 23 mil postos de trabalho formais no trimestre finalizado em agosto, ante 27 mil em igual período de 2009, dos quais 9,7 mil no setor de serviços, 9,2 mil na construção civil e 3,1 mil na indústria de transformação. Considerados dados dessazonalizados, o nível do emprego formal no estado cresceu 1,3% no trimestre encerrado em agosto, em relação ao finalizado em maio, ressaltando-se a expansão de 4% observada na construção civil.

**Tabela 2.18 – Evolução do emprego formal – Bahia**

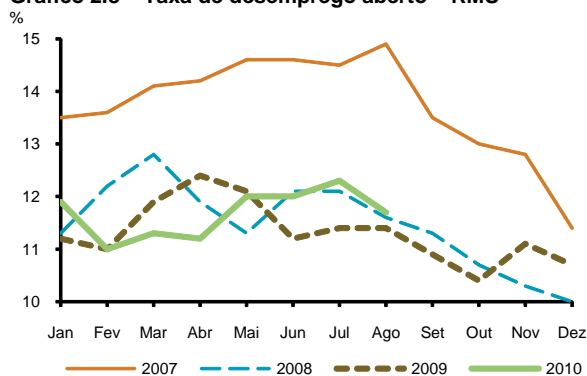
Novos postos de trabalho

Discriminação	2009		2010		
	Ago	Nov	Fev	Mai	Ago
Total	27,0	31,4	16,3	37,1	23,0
Indústria de transformação	3,8	4,5	2,7	8,2	3,1
Comércio	4,0	10,0	3,9	1,5	1,0
Serviços	8,4	12,3	6,3	7,3	9,7
Construção civil	8,6	10,0	5,3	9,6	9,2
Agropecuária	1,8	-6,3	-2,1	10,0	-0,6
Serviço industrial de utilidade pública	0,3	0,3	-0,1	0,1	0,2
Outros <sup>2/</sup>	0,3	0,7	0,3	0,5	0,5

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outras.

**Gráfico 2.8 – Taxa de desemprego aberto – RMS**

Fonte: IBGE

**Tabela 2.19 – IPCA – Salvador**

Discriminação	Pesos <sup>1/</sup>	Variação % trimestral			
		2009 IV Tri	2010 I Tri	II Tri	III Tri
IPCA	100,0	0,63	2,49	1,43	-0,16
Livres	69,9	0,78	2,60	1,39	-0,09
Comercializáveis	35,3	1,03	0,97	1,31	0,58
Não comercializáveis	34,6	0,52	4,31	1,47	-0,78
Monitorados	30,1	0,31	2,21	1,54	-0,34
Principais itens					
Alimentação	24,5	1,31	3,11	1,36	-1,06
Habitação	10,7	0,23	0,59	3,05	0,21
Artigos de residência	3,8	0,19	0,99	0,05	0,68
Vestuário	8,5	1,44	1,74	3,14	1,96
Transportes	18,2	0,09	3,33	-0,17	-0,72
Saúde	12,7	1,27	0,80	2,51	0,70
Despesas pessoais	9,5	-1,09	2,60	2,36	-0,57
Educação	6,9	0,06	8,03	0,21	-0,21
Comunicação	5,2	1,70	-0,30	0,04	-0,13

Fonte: IBGE

1/ Referentes a setembro de 2010.

O mercado de trabalho baiano gerou 80,7 mil empregos formais nos oito primeiros meses do ano, resultado 83,5% superior ao registrado em igual intervalo de 2009, dos quais 25,5 mil na construção civil, 22,2 mil no setor de serviços e 15,1 mil na indústria de transformação.

A taxa média de desemprego da região metropolitana de Salvador situou-se em 12% no trimestre finalizado em agosto, de acordo com a Pesquisa Mensal de Emprego (PME) do IBGE, ante 11,3% em igual período de 2009, refletindo elevações de 5,4% na População Economicante Ativa (PEA) e de 4,6% na população ocupada. Considerados dados dessazonalizados, a taxa de desemprego aumentou 0,4 p.p. em relação ao trimestre encerrado em maio. O rendimento médio real habitualmente recebido pelos trabalhadores atingiu R\$1.200,30 no trimestre, elevando-se 4,7% em relação a igual período de 2009.

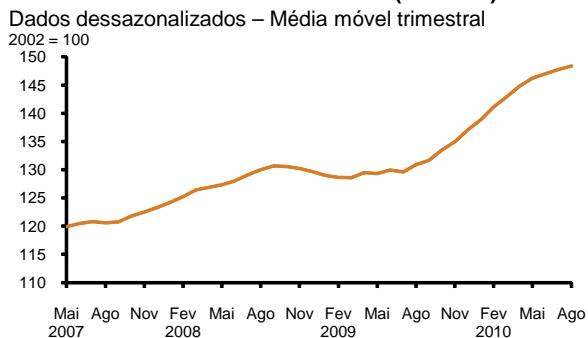
O IPCA da Região Metropolitana de Salvador (RMS) registrou variação de -0,16% no trimestre encerrado em setembro, ante 1,43% naquele encerrado em junho, refletindo as reduções observadas nas variações dos preços livres, de 1,39% para -0,09%, e dos monitorados, de 1,54% para -0,34%, esta evidenciando, em parte, os recuos registrados nos preços dos itens álcool combustível, 8,51%, e gasolina, 6,04%.

A evolução dos preços livres traduziu a redução, de 1,47% para -0,78%, na variação dos preços dos bens não comercializáveis, influenciada, em parte, pelo recuo de 58,86% no preço da cebola, e a desaceleração, de 1,31% para 0,58%, na variação dos preços dos itens comercializáveis, com ênfase na redução de 15,27% no preço do açúcar cristal.

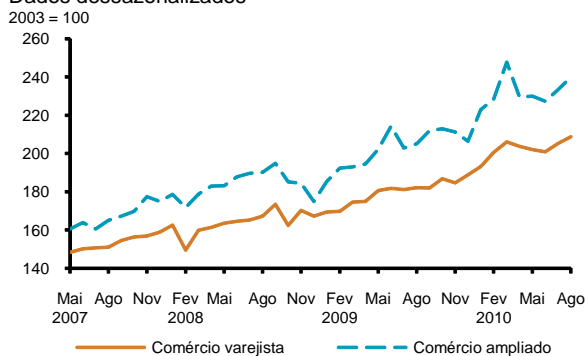
Considerados períodos de doze meses, a variação do IPCA recuou de 5,22%, em junho, para 4,45%, em setembro, trajetória decorrente das desacelerações observadas nas variações dos preços livres, de 5,44% para 4,74%, e dos monitorados, de 4,72% para 3,71%.

As perspectivas em relação à economia baiana continuam favoráveis, ancoradas no desempenho robusto do mercado de trabalho e na evolução positiva da construção civil, do comércio e das exportações.

**Gráfico 2.9 – Índice Regional de Atividade Econômica do Banco Central – Ceará (IBCR-CE)**



**Gráfico 2.10 – Comércio varejista – Ceará**



Fonte: IBGE

**Tabela 2.20 – Comércio varejista – Ceará**

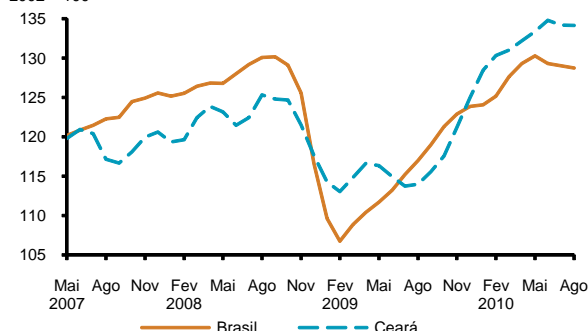
Geral e setores selecionados

Setores	Variação % no período			
	2009	2010		
		Mai <sup>1/</sup>	Ago <sup>1/</sup>	12 meses
Comércio varejista	9,5	5,0	0,5	13,2
Combustíveis e lubrificantes	10,0	4,3	-4,3	3,3
Hiper e supermercados	14,4	4,2	3,3	19,4
Móveis e eletrodomésticos	9,8	5,5	-3,1	15,5
Livros, jornais, revistas e papelaria	7,7	19,2	19,4	24,0
Comércio ampliado	10,2	7,5	-0,9	16,0
Automóveis e motocicletas	14,7	10,9	-3,0	22,4
Material de construção	-4,6	-0,7	-4,8	11,7

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

**Gráfico 2.11 – Produção industrial – Ceará**



Fonte: IBGE

## Ceará

A evolução dos principais indicadores da economia cearense revela a manutenção, em ritmo menos intenso do que o verificado no início deste ano, do crescimento da atividade no estado, com ênfase no impacto das condições meteorológicas adversas. Nesse sentido, o PIB cresceu 1,1% no trimestre encerrado em junho, considerando dados dessazonalizados, em relação ao finalizado em março, quando a expansão atingira 3,6%, no mesmo tipo de comparação. Esse arrefecimento se expressa, adicionalmente, no desempenho mais recente de indicadores relativos à indústria, à atividade varejista e ao mercado de trabalho. Nesse cenário, o IBCR-CE cresceu 1,5% no trimestre encerrado em agosto, em relação ao finalizado em maio, quando se elevava 3,6%, neste tipo de análise, considerados dados dessazonalizados.

A atividade varejista do estado cresceu 0,5% no trimestre encerrado em agosto, em relação ao finalizado em maio, quando se elevava 5%, no mesmo tipo de comparação, segundo dados dessazonalizados da PMC do IBGE. Ressaltem-se, no período, a elevação de 19,4% nas vendas de livros, jornais, revistas e papelaria, e o decréscimo de 6,3% nas relativas a equipamentos e materiais para escritório. Incorporadas as retrações nas vendas de veículos, motos, partes e peças, 3%, e de materiais de construção, 4,8%, o comércio ampliado cearense apresentou redução trimestral de 0,9%. Considerados períodos de doze meses, as vendas varejistas do estado cresceram 13,2% em agosto, em relação a igual intervalo de 2009, resultado 2,8 p.p. inferior ao registrado no comércio ampliado.

A atividade industrial cearense registrou crescimento de 0,6% no trimestre encerrado em agosto, em relação ao finalizado em maio, quando crescera 2,3%, no mesmo tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados da PIM-PF do IBGE. Esse resultado refletiu o arrefecimento registrado em sete das dez atividades pesquisadas, ressaltando-se a retração, de 22,8% para 14,8%, assinalada na taxa de crescimento da indústria de refino de petróleo e álcool. A análise em doze meses revela que a indústria cearense cresceu 11,3% em agosto, em relação a igual intervalo de 2009, ante 4,9% em maio.

O faturamento real da indústria de transformação cresceu 19,4% no período de doze meses encerrado em agosto, em relação a igual intervalo de 2009, ante 20,2% em maio, de acordo com o Instituto de Desenvolvimento Industrial do Ceará (Indi), da Federação das Indústrias do

**Tabela 2.21 – Produção industrial – Ceará**

Geral e setores selecionados

Setores	Pesos <sup>1/</sup> 2010	Variação % no período		
		12 meses		
		Mai <sup>2/</sup>	Ago <sup>2/</sup>	12 meses
Indústria geral	100,0	2,3	0,6	11,3
Alimentação e bebidas	31,7	7,3	6,7	3,2
Têxtil	22,3	-5,7	-3,6	11,5
Calçados e artigos de couro	15,6	-8,9	-1,0	20,0
Química	8,9	3,7	-11,2	23,0
Refino de petróleo e álcool	5,0	22,8	14,8	4,2
Vestuário e acessórios	5,8	4,3	-0,2	-3,7

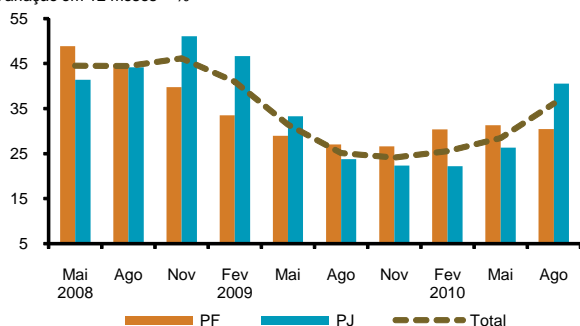
Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

**Gráfico 2.12 – Evolução do saldo das operações de crédito – Ceará<sup>1/</sup>**

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$5 mil.

**Tabela 2.22 – Necessidades de financiamento – CE<sup>1/</sup>**

UF	R\$ milhões			
	Resultado primário		Juros nominais	
	2009	2010	2009	2010
	Jan-abr	Jan-abr	Jan-abr	Jan-abr
Estado do Ceará	-803	-474	25	96
Governo estadual	-748	-370	30	98
Capital	-72	-196	-3	-2
Demais municípios	16	92	-2	1

1/ Inclui informações do estado e de seus principais municípios.

Dados preliminares.

**Tabela 2.23 – Dívida líquida e necessidades de financiamento – Ceará<sup>1/</sup>**

UF	R\$ milhões					
	Dívida	Fluxos acumulados no ano				Dívida <sup>2/</sup>
		2009	Nominal			
	Dez	Primário	Juros	Total <sup>3/</sup>	Outros <sup>4/</sup>	2010
						Abr
Estado do Ceará	296	-474	96	-377	139	58
Governo estadual	782	-370	98	-272	139	649
Capital	-381	-196	-2	-198	-0	-579
Demais municípios	-105	92	1	93	0	-12

1/ Inclui informações do estado e de seus principais municípios. Dados preliminares.

2/ A dívida líquida no momento t+1 é a dívida no momento t, mais o resultado nominal e o resultado de outros fluxos.

3/ O resultado nominal é a soma dos juros com o resultado primário.

4/ Inclui ajustes decorrentes de var. cambial, reconhecimento de dívidas e privatização.

Estado do Ceará (Fiec). Na mesma base de comparação, a remuneração real cresceu 13,7%, o pessoal empregado, 10,5%, e as horas trabalhadas, 8,5%. O Nuci médio atingiu 88,3% em agosto, ante 87,9% em maio e 84,2% em igual período do ano anterior.

O estoque das operações de crédito superiores a R\$5 mil atingiu R\$25 bilhões em agosto, aumentando 10,8% no trimestre e 36,2% em doze meses, ante elevações respectivas, nas mesmas bases de comparação, de 6,7% e 28,4%, em maio. O saldo relativo ao segmento de pessoas jurídicas, traduzindo o dinamismo das modalidades capital de giro, aquisição de bens e outros financiamentos, totalizou R\$15 bilhões, elevando-se 14,2% no trimestre e 40,5% em doze meses. O saldo das operações relacionadas ao segmento de pessoas físicas, impulsionado pelas modalidades crédito consignado, financiamento de veículos e financiamentos habitacionais, somou R\$10 bilhões, crescendo 6,3% no trimestre e 30,4% em doze meses.

A inadimplência nas operações de crédito do estado atingiu 3,2% em agosto. A retração trimestral de 0,4 p.p. refletiu os recuos observados nas taxas relativas aos segmentos de pessoas físicas, 0,2 p.p., e de pessoas jurídicas, 0,5 p.p., que atingiram, na ordem, 5% e 2%.

Os governos do Ceará, da capital e dos principais municípios do estado registraram superávit primário de R\$474 milhões nos quatro primeiros meses do ano. O recuo de 41% registrado em relação a igual período de 2009 – apesar do crescimento de 21,2% na arrecadação do ICMS – refletiu o impacto mais acentuado da retração de 50,5% no superávit do governo estadual e do aumento, de R\$16 milhões para R\$92 milhões, no déficit dos demais municípios, em relação ao derivado do crescimento de 171,5% no superávit da capital.

Os juros nominais, apropriados por competência, totalizaram R\$96 milhões no quadrimestre, crescimento de 278% no período, contribuindo para que o superávit nominal atingisse R\$377 milhões, no primeiro quadrimestre de 2010, reduzindo-se 51,5% em relação a igual período de 2009.

A dívida líquida dos governos do estado, da capital e dos principais municípios do Ceará atingiu R\$58 milhões em abril de 2010. A redução de 80,5% em relação a dezembro do ano anterior refletiu o impacto conjunto do decréscimo de 17% registrado na dívida da esfera estadual e do aumento de 21,7% assinalado na posição credora dos governos da capital e dos demais municípios. A participação do estado

**Tabela 2.24 – Produção agrícola – Ceará**

Discriminação	Peso <sup>1/</sup>	Em mil toneladas		
		Produção <sup>2/</sup>		Var. %
		2009	2010	2010/2009
Produção de grãos		770	336	-56,4
Feijão	0,19	130	85	-34,8
Milho	0,18	534	180	-66,4
Arroz (em casca)	0,03	93	63	-32,1
Outras lavouras selecionadas				
Banana	0,09	430	414	-3,6
Mandioca	0,07	686	701	2,1
Abacaxi (mil frutos)	0,06	18	9	-46,6
Castanha de caju	0,05	104	153	46,9

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2008.

2/ Estimativa segundo o LSPA de setembro de 2010.

**Tabela 2.25 – Exportação por fator agregado – FOB**

Discriminação	US\$ milhões			
	Ceará			Brasil
	2009	2010	Var. %	Var. %
Total	764	912	19,3	29,6
Básicos	235	260	10,7	36,6
Industrializados <sup>1/</sup>	529	652	23,1	24,5
Semimanufaturados	118	165	39,9	38,7
Manufaturados <sup>1/</sup>	411	486	18,3	20,4

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

**Tabela 2.26 – Importação por categoria de uso – FOB**

Discriminação	US\$ milhões			
	Ceará			Brasil
	2009	2010	Var. %	Var. %
Total	930	1 414	52,0	45,8
Bens de consumo	74	72	-2,0	51,1
Duráveis	33	36	10,7	68,5
Não duráveis	41	36	-12,1	31,7
Bens intermediários	565	946	67,5	43,3
Bens de capital	240	292	21,6	38,9
Combustíveis e lubrificantes	52	104	100,3	61,1

Fonte: MDIC/Secex

no endividamento total, considerados todos os governos de todos os estados e de seus principais municípios, reduziu-se de 1,1%, em dezembro de 2009, para 0,2%, em abril de 2010.

A safra de grãos do Ceará deverá apresentar redução anual de 56,4% em 2009, contrastando com as elevações respectivas de 0,2% e 11,1% projetadas para a região Nordeste e para o país, segundo o LSPA de setembro, do IBGE. O resultado reflete, em especial, o impacto das condições meteorológicas desfavoráveis sobre as safras de milho e feijão, as duas principais culturas do estado, bem como de arroz, que deverão assinalar retrações respectivas anuais de 66,4%, 34,8% e 32,1%. Em relação às demais culturas, estão estimados aumentos para as relativas a castanha de caju, 46,9%, e mandioca, 2,1%, e recuo de 46,6% para a produção de abacaxi.

A balança comercial cearense registrou, de acordo com o MDIC, déficit de US\$502 milhões nos nove primeiros meses do ano, ante US\$166 milhões em igual período de 2009, aumento decorrente de elevações nas exportações, 19,3%, e nas importações, 52%, que totalizaram US\$912 milhões e US\$1,4 bilhão, respectivamente.

O desempenho das vendas externas, evidenciando aumentos de 14,1% nos preços e de 4,6% no *quantum*, decorreu de expansões nas vendas em todas as categorias de fator agregado, com ênfase na relativa a produtos semimanufaturados, 39,9%. A expansão das importações, decorrente de variações de 40,4% nos preços e de 8,2% no *quantum*, refletiu, em especial, os aumentos nas aquisições de combustíveis e lubrificantes, 100,3%, e de bens intermediários, 67,5%.

O desempenho do mercado de trabalho formal do Ceará segue robusto, registrando-se, de acordo com o Caged/MTE, a criação de 26,6 mil vagas no trimestre finalizado em agosto de 2010, ante 20,3 mil naquele finalizado em maio e 29,1 mil em igual período do ano anterior, das quais 8,4 mil no setor de serviços, 6,8 mil na indústria de transformação e 4,7 mil na construção civil.

O nível de emprego formal no Ceará, considerados dados dessazonalizados, cresceu 1,8% no trimestre encerrado em agosto, em relação ao finalizado em maio, quando se elevava 2,7%, no mesmo tipo de comparação. O arrefecimento assinalado no período refletiu tanto as desacelerações registradas nas taxas de crescimento do emprego na indústria de transformação, na construção civil e no comércio, quanto a reversão, de 1,4% para -2,2%, na referente à agropecuária.



**Tabela 2.27 – Evolução do emprego formal – Ceará**

Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) <sup>1/</sup>				
	2009		2010		
	Ago	Nov	Fev	Mai	Ago
Total	29,1	36,3	3,1	20,3	26,6
Indústria de transformação	10,9	11,4	-0,5	3,8	6,8
Serv. ind. de utilidade pública	0,1	0,0	0,0	-0,1	0,1
Construção civil	5,5	5,2	4,0	5,0	4,7
Comércio	3,1	7,8	2,9	2,9	3,3
Serviços	5,3	9,1	1,2	9,4	8,4
Agropecuária	3,2	2,6	-4,5	-0,7	2,1
Outros <sup>2/</sup>	0,9	0,2	-0,1	0,0	1,2

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outras.

**Tabela 2.28 – IPCA – Fortaleza**

Discriminação	Pesos <sup>1/</sup>	Variação %			
		2010			
		I Tri	II Tri	III Tri	12 meses
IPCA	100,0	1,10	1,82	0,49	4,58
Livres	71,3	1,94	1,65	0,51	5,33
Comercializáveis	37,6	0,67	1,40	0,77	3,54
Não comercializáveis	33,7	3,43	1,92	0,22	7,41
Monitorados	28,7	-0,95	2,25	0,44	2,76
Principais itens					
Alimentação	24,8	2,45	1,20	-0,34	4,41
Habitação	14,1	1,09	2,38	-0,03	3,99
Artigos de residência	3,6	1,08	1,53	0,20	1,94
Vestuário	7,9	0,68	3,06	2,98	11,29
Transportes	16,2	-1,85	2,45	-0,35	2,17
Saúde	12,3	0,14	2,21	0,71	3,60
Despesas pessoais	8,7	1,25	1,76	1,87	5,93
Educação	7,0	6,10	1,04	0,49	7,73
Comunicação	5,4	0,30	0,09	-0,08	0,65

Fonte: IBGE

1/ Referentes a setembro de 2009.

O IPCA da Região Metropolitana de Fortaleza (RMF) cresceu 0,49% no trimestre encerrado em setembro, ante 1,82% naquele finalizado em junho, variação decorrente das desacelerações registradas nas variações dos preços livres, de 1,65% para 0,51%, e dos monitorados, de 2,25% para 0,44%, esta refletindo, em parte, a retração de 3,21% no preço do item ônibus interestadual.

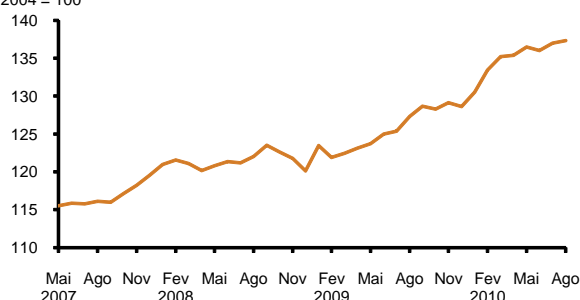
A trajetória dos preços livres refletiu as desacelerações observadas nas variações dos preços dos itens comercializáveis, de 1,40% para 0,77%, com ênfase no recuo de 6% no preço do item açúcares e derivados, e dos não comercializáveis, de 1,92% para 0,22%, favorecida pela retração de 42,2% no preço do item tubérculos, raízes e legumes. O índice de difusão, indicando menor dispersão dos aumentos do IPCA da RMF, atingiu 32,90% no trimestre encerrado em setembro, ante 34,29% no finalizado em junho.

Considerados períodos de doze meses, a variação do IPCA da RMF totalizou 4,58% em setembro, ante 5,22% em junho, evolução decorrente de desacelerações nas variações dos preços monitorados, de 3,16% para 2,76%, e dos preços livres, de 6,07% para 5,33%.

A previsão de crescimento anual de 7% para o PIB cearense, realizada pelo Ipece, considera a trajetória dos principais indicadores econômicos do estado nos oito primeiros meses do ano e as perspectivas em relação a seu desempenho até o final do período. Vale ressaltar o impacto favorável, sobre essa projeção, das expectativas de continuidade da expansão do comércio, do mercado de trabalho, da indústria, dos investimentos em infraestrutura e de diversas obras públicas no âmbito do PAC e do governo estadual. Em contrapartida, cabe mencionar o menor dinamismo na atividade agropecuária, decorrente, em especial, das condições meteorológicas adversas na região do semiárido nordestino, onde se localiza a maior parte do território do estado.

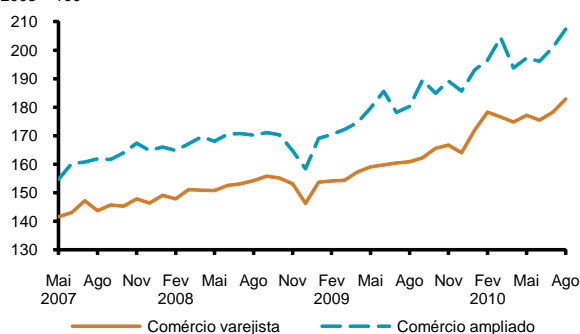
**Gráfico 2.13 – Índice de Atividade Econômica Regional – Pernambuco (IBCR-PE)**

Dados dessazonalizados  
2004 = 100



**Gráfico 2.14 – Comércio varejista – Pernambuco**

Dados dessazonalizados  
2003 = 100



Fonte: IBGE

**Tabela 2.29 – Comércio varejista – Pernambuco**

Geral e setores selecionados

Setores	Variação % no período			
	2010			
	Fev <sup>1/</sup>	Mai <sup>1/</sup>	Ago <sup>1/</sup>	12 meses
Comércio varejista	3,9	2,8	1,5	10,9
Combustíveis e lubrificantes	-0,1	5,0	-1,5	9,4
Hiper e supermercados	3,8	0,8	1,6	10,1
Tecidos, vestuário e calçados	3,5	4,9	1,7	13,0
Móveis e eletrodomésticos	9,8	3,6	0,8	9,4
Comércio ampliado	2,6	3,4	1,5	12,9
Automóveis e motocicletas	-0,7	2,7	1,9	17,2
Material de construção	0,6	9,1	0,3	11,3

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

**Tabela 2.30 – Produção industrial – Pernambuco**

Geral e setores selecionados

Setores	Variação % no período			
	Pesos <sup>1/</sup> 2010			
	Mai <sup>2/</sup>	Ago <sup>2/</sup>	Acum. 12 meses	
Indústria geral	100,0	8,9	-5,0	10,9
Alimentação e bebidas	39,0	15,7	-4,2	6,5
Metalurgia básica	15,4	1,7	-5,1	17,8
Química	14,0	1,0	-8,7	19,3
Minerais não-metálicos	7,5	9,8	1,4	14,1
Produtos de metal	6,4	1,4	-0,2	9,0
Borracha e plástico	5,4	13,8	-6,0	13,4

Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

## Pernambuco

O PIB pernambucano cresceu 4,3% no trimestre encerrado em junho, em relação ao finalizado em março, quando expandira 2%, no mesmo tipo de comparação, segundo dados dessazonalizados da Agência Condepe/Fidem. A aceleração observada no período, evidenciando, em especial, o resultado relativamente modesto registrado no início do ano, decorreu de crescimentos de 6,5% na agropecuária, 5,3% no setor industrial e de 4% no de serviços. A análise de indicadores mais recentes revela arrefecimento da atividade no estado, expresso no aumento de 0,8% experimentado pelo IBCR-PE no trimestre encerrado em agosto, em relação ao terminado em maio, quando, na mesma análise temporal, a expansão totalizara 3,7%, considerados dados dessazonalizados.

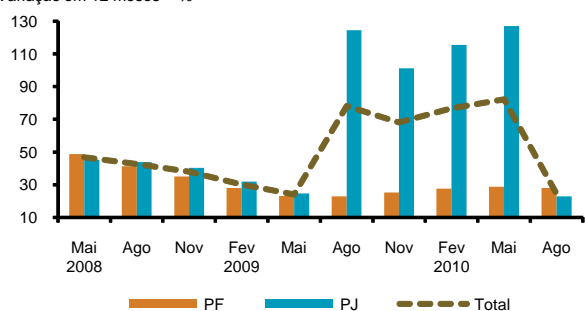
As vendas do comércio varejista aumentaram 1,5% no trimestre encerrado em agosto, em relação ao finalizado em maio, quando se elevaram 2,8%, no mesmo tipo de comparação, de acordo com dados dessazonalizados da PMC do IBGE. Vale ressaltar que a desaceleração assinalada no período refletiu, em parte, o decréscimo observado no segmento combustíveis e lubrificantes, 1,5%. O comércio ampliado, refletindo os acréscimos trimestrais respectivos de 0,3% e 1,9% registrados nas vendas de materiais de construção e de veículos e peças, cresceu 1,5% no período. Considerados períodos de doze meses, as vendas varejistas do estado aumentaram 10,9% em agosto, em relação a igual intervalo de 2009, ante expansão de 9,4% em maio.

A produção industrial do estado recuou 5% no trimestre encerrado em agosto, em relação ao finalizado em maio, quando havia aumentado 8,9%, na mesma base de comparação, de acordo com dados dessazonalizados da PIM-PF do IBGE, ressaltando-se as retrações nos segmentos químico, 8,7%, e borracha e plástico, 6%. É relevante ressaltar que esse resultado negativo sucede cinco aumentos trimestrais consecutivos e não constitui indicativo de mudança de tendência, conforme sinaliza a evolução recente do índice de confiança da Federação das Indústrias do Estado de Pernambuco (Fiepe), que atingiu 67,5 pontos em junho, patamar 9,8% superior à média de 2009. Considerando períodos de 12 meses, a produção industrial do estado cresceu 10,9% em agosto, em relação a igual intervalo de 2009.

O nível de utilização da capacidade instalada da indústria pernambucana atingiu 72,5% em agosto, de acordo com a Fiepe, patamar mais reduzido para o mês desde o início da série, em 2003.

**Gráfico 2.15 – Evolução do saldo das operações de crédito – Pernambuco<sup>1/</sup>**

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$5 mil.

**Tabela 2.31 – Necessidades de financiamento – Pernambuco<sup>1/</sup>**

UF	R\$ milhões			
	Resultado primário		Juros nominais	
	2009	2010	2009	2010
	Jan-abr	Jan-abr	Jan-abr	Jan-abr
Estado de Pernambuco	-367	-476	32	167
Governo estadual	-202	-382	28	168
Capital	-120	-105	2	-1
Demais municípios	-45	10	2	-0

1/ Inclui informações do estado e de seus principais municípios. Dados preliminares.

**Tabela 2.32 – Dívida líquida e necessidades de financiamento – Pernambuco<sup>1/</sup>**

UF	R\$ milhões					
	Dívida	Fluxos acumulados no ano			Dívida <sup>2/</sup>	2010
		2009	Nominal			
	Dez	Primário	Juros	Total <sup>3/</sup>		Abr
	Est. Pernambuco	3 553	-476	167	-310	-2
Governo estadual	3 478	-382	168	-213	-2	3 263
Capital	218	-105	-1	-106	-0	112
Demais municípios	-143	10	-0	10	0	-134

1/ Inclui informações do estado e de seus principais municípios. Dados preliminares.

2/ A dívida líquida no momento t+1 é a dívida no momento t, mais o resultado nominal e o resultado de outros fluxos.

3/ O resultado nominal é a soma dos juros com o resultado primário.

4/ Inclui ajustes decorrentes de var. cambial, reconhecimento de dívidas e privatizações.

O saldo das operações de crédito superiores a R\$5 mil, realizadas no estado, totalizou R\$41 bilhões em agosto, expandindo-se 5,9% no trimestre e 24,5% em doze meses. Os empréstimos no segmento de pessoas físicas, evidenciando o dinamismo das operações de crédito pessoal e para aquisição de veículos automotores, atingiram R\$13,3 bilhões, aumentando 6,4% no trimestre e 27,9% em doze meses. A carteira de pessoas jurídicas, impactada pelas operações direcionadas aos serviços públicos, exceto saúde e educação, e à indústria química, somou R\$27,7 bilhões, registrando variações respectivas de 5,7% e 22,9%, nas bases de comparação mencionadas.

A inadimplência nessas operações atingiu 2,5% em agosto. O recuo trimestral de 0,4 p.p. resultou de retrações de 0,4 p.p. nas taxas relativas aos segmentos de pessoas físicas e de pessoas jurídicas, que totalizaram, na ordem, 5,3% e 1,2%.

Os governos do estado, da capital e dos principais municípios pernambucanos apresentaram superávit primário de R\$476 milhões nos quatro primeiros meses do ano, ante R\$367 milhões em igual período de 2009. A elevação observada no período refletiu o impacto mais intenso da expansão de 88,6% no superávit do governo estadual, em relação ao proporcionado pelo recuo de 12,5% registrado no resultado positivo da capital e pela reversão, de superávit de R\$45 milhões para déficit de 10 milhões, nos demais municípios.

A arrecadação do estado cresceu 20,5% no quadrimestre, ressaltando-se as elevações observadas nas receitas associadas ao ICMS, 25%, e ao Imposto sobre a Propriedade de Veículos Automotores (IPVA), 10,7%. As despesas correntes cresceram 13,5%, com os gastos com pessoal e encargos elevando-se 8,2%, e as outras despesas correntes, 21,9%.

Os juros nominais, apropriados por competência, totalizaram R\$167 milhões no quadrimestre, resultando em superávit nominal de R\$310 milhões.

A dívida líquida do estado e principais municípios de Pernambuco somou R\$3,2 bilhões em abril, ressaltando-se que a retração de 8,8% em relação a dezembro de 2009 refletiu, em especial, o recuo de 6,2% na dívida estadual. A participação do endividamento do estado no total da região nordeste atingiu 12,3% em abril, ante 10,8% em igual mês de 2009.

**Tabela 2.33 – Produção agrícola – Pernambuco**

Itens selecionados

Discriminação	Peso <sup>1/</sup>	Em mil toneladas		
		Produção <sup>2/</sup>		Variação %
		2009	2010 <sup>1/</sup>	
<b>Grãos</b>				
Feijão	8,3	130	102	-21,2
Milho	2,2	193	107	-44,6
<b>Outras lavouras</b>				
Cana-de-açúcar	36,9	19.445	21.409	10,1
Uva	18,1	159	168	6,1
Banana	7,2	437	542	24,1
Mandioca	5,2	656	764	16,5
Tomate	4,9	157	157	-0,3

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2008.

2/ Estimativa segundo o LSPA de setembro de 2010.

**Tabela 2.34 – Exportação por fator agregado – FOB**

Janeiro-setembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Pernambuco			Brasil
	2009	2010	Var. %	Var. %
Total	516	688	33,3	29,6
Básicos	49	65	31,4	36,6
Industrializados	467	624	33,5	24,2
Semimanufaturados	98	210	115,3	38,7
Manufaturados <sup>1/</sup>	370	414	11,9	19,8

Fonte: MDIC/Secex

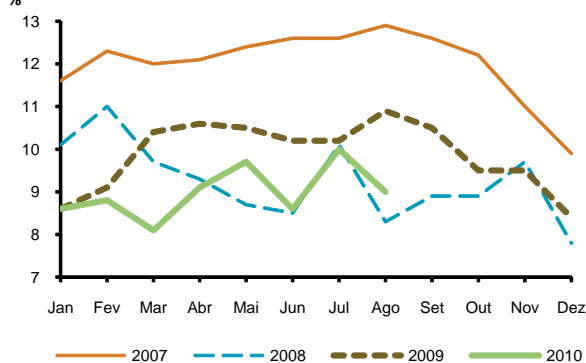
1/ Inclui operações especiais.

**Tabela 2.35 – Importação por categoria de uso – FOB**

Janeiro-setembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Pernambuco			Brasil
	2009	2010	Var. %	Var. %
Total	1.329	2.214	66,6	45,9
Bens de consumo	154	280	81,5	50,9
Duráveis	49	123	152,3	68,5
Não duráveis	105	157	48,7	31,4
Bens intermediários	754	1.148	52,3	43,4
Bens de capital	241	433	79,4	38,9
Combustíveis e lubrificantes	180	353	96,2	61,1

Fonte: MDIC/Secex

**Gráfico 2.16 – Taxa de desemprego aberto – Recife**

Fonte: IBGE

A produção de grãos do estado deverá retrair 35% em 2010, de acordo com o LSPA de agosto, do IBGE, projeção consistente com os impactos das adversidades meteorológicas, registradas na região agreste do estado, sobre as safras de feijão e milho, que deverão decrescer 21% e 45%, respectivamente, no ano. Em relação às demais culturas do estado, destaquem-se as perspectivas de crescimento relacionadas às colheitas de banana, 24,1%; mandioca, 16,5%; cana-de-açúcar, 10,1%; e uva, 6,1%.

A balança comercial do estado acumulou déficit de US\$1,5 bilhão nos nove primeiros meses do ano, ante US\$812,5 milhões em igual período de 2009, de acordo com estatísticas do MDIC. As exportações totalizaram US\$688,5 milhões e as importações, US\$2,2 bilhões, registrando crescimentos respectivos de 33,3% e 66,6%, no período.

A evolução das vendas externas, decorrente de variações de 34,4% nos preços e de -0,8% no *quantum*, resultou de expansões em todas as categorias de fator agregado, com ênfase na expansão de 115,3% nas associados a produtos semimanufaturados. O crescimento das importações, refletindo aumentos de 1,8% nos preços e de 63,7% no *quantum*, traduziu, igualmente, expansões em todas as categorias de uso, ressaltando-se a elevação de 152,3% nas relativas a bens duráveis.

A criação de 44,3 mil empregos formais registrada no estado, no trimestre encerrado em agosto, constitui-se, de acordo com estatísticas do Caged/MTE, no melhor resultado para o período desde o início da série, em 1996, e representou acréscimo de 22,1% em relação ao resultado de igual trimestre de 2009. A indústria de transformação gerou 11,2 mil postos de trabalho no trimestre, seguindo-se a agropecuária, 10,3 mil; a construção civil, 9,9 mil, com ênfase no estímulo proporcionado pela obras da Ferrovia Transnordestina e da transposição do Rio São Francisco; e o setor de serviços, 9,9 mil. O índice de emprego formal registrou aumento de 2,3% no trimestre encerrado em agosto, em relação ao finalizado em maio, quando aumentara 2,4%, no mesmo tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados.

A taxa de desemprego da Região Metropolitana do Recife (RMR) atingiu 9,2% no trimestre finalizado em agosto, recuando 1,2 p.p. em relação a igual período de 2009, de acordo com a PME do IBGE. O rendimento médio real recebido pelas pessoas ocupadas aumentou 14,7%, no período. Na margem, considerados dados dessazonalizados,

**Tabela 2.36 – Evolução do emprego formal – Pernambuco**  
Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) <sup>1/</sup>				
	2009		2010		
	Ago	Nov	Fev	Mai	Ago
Total	36,3	48,4	0,1	-3,8	44,3
Indústria de transformação	13,8	28,7	-4,1	-20,4	11,2
Comércio	3,2	9,5	0,1	3,0	2,6
Serviços	5,5	8,4	5,5	9,1	9,9
Construção civil	2,9	7,4	3,6	4,2	9,9
Agropecuária	9,0	-3,7	-5,3	-0,3	10,3
Serviços ind. de utilidade pública	1,8	-1,9	0,3	0,7	0,3
Outros <sup>2/</sup>	0,0	0,1	0,1	-0,1	0,1

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outras.

**Tabela 2.37 – IPCA – Recife**

Discriminação	Pesos <sup>1/</sup>	Variação % trimestral			
		2009	2010		
		IV Tri	I Tri	II Tri	III Tri
IPCA	100,0	1,59	1,60	0,83	-0,20
Livres	72,0	1,64	2,44	1,06	-0,21
Comercializáveis	38,7	1,22	1,22	0,68	0,39
Não comercializáveis	33,3	2,15	3,89	1,53	-0,92
Monitorados	28,0	1,46	-0,49	0,22	-0,17
Principais itens					
Alimentação	26,2	2,16	3,21	1,44	-1,36
Habitação	12,7	2,03	-0,05	-1,20	-0,06
Artigos de residência	4,2	0,66	0,67	-0,32	-0,29
Vestuário	7,6	1,30	1,09	1,65	0,25
Transportes	15,2	1,68	0,16	1,43	-0,55
Saúde	12,7	1,48	0,68	1,83	1,30
Despesas pessoais	9,3	1,42	2,12	0,61	-0,05
Educação	6,4	0,15	5,70	0,05	1,50
Comunicação	5,7	0,67	0,07	-0,24	-0,02

Fonte: IBGE

1/ Referentes a setembro de 2010.

a taxa de desemprego registrou aumento de 0,3 p.p. em relação ao trimestre encerrado em maio, resultado de reduções de 0,5% na população ocupada e de 0,3% na PEA.

O IPCA da RMR recuou 0,20% no trimestre encerrado em setembro, ante elevação de 0,83% naquele finalizado em junho. Essa trajetória decorreu das reversões assinaladas nas variações dos preços livres, de 1,06% para -0,21%, e dos monitorados, de 0,22% para -0,17%, esta evidenciando, em parte, as retrações registradas nos preços dos itens gás de botijão, 2,96%, e tarifa de energia elétrica, 2,08%.

O comportamento dos preços livres refletiu a desaceleração, de 0,68% para 0,39%, registrada na variação dos preços comercializáveis, e, em especial, o recuo de 0,92% nos preços não comercializáveis, que haviam se elevado 1,53% no trimestre finalizado em junho. Em relação aos itens comercializáveis, ressaltou-se a retração de 7,09% observada no preço do item açúcares e derivados, enquanto a maior contribuição para a deflação assinalada no segmento de bens não comercializáveis foi exercida pelo recuo de 36% nos preços do item tubérculos, raízes e legumes. O índice de difusão do IPCA, evidenciando menor disseminação dos reajustes de preços no estado, atingiu, em média, 51,7% no trimestre encerrado em setembro, ante 60,2% naquele terminado em junho.

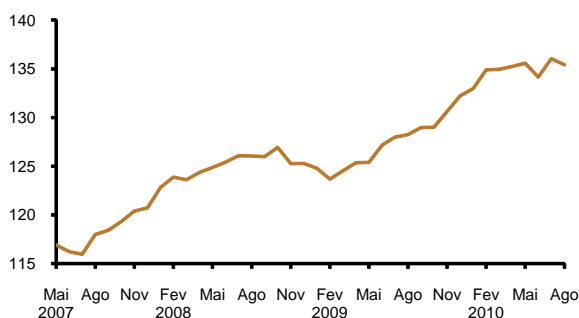
Considerados períodos de doze meses, a variação do IPCA da RMR atingiu 3,86% em setembro, ante 4,60% em junho, resultado de desacelerações nas variações dos preços monitorados, de 2,31% para 1,01%, ressaltando-se o impacto das reduções registradas nos preços dos itens gás de botijão, 8,66%, e tarifa de energia elétrica residencial, 8,46%; e dos preços livres, de 5,5% para 5,0%.

A evolução recente dos principais indicadores econômicos de Pernambuco constitui indicativo de desaceleração, na margem, da atividade no estado, expressa no desempenho do IBCR-PE e consistente com a trajetória recente da economia do país. Deve ser ressaltado, no entanto, que as perspectivas em relação ao desempenho da economia do estado nos próximos meses seguem favoráveis e incorporam dois aspectos relevantes. O primeiro, de caráter temporário, incorpora o impacto da restrição de oferta de açúcar no mercado internacional, que tende a favorecer a renda do setor sucroalcooleiro do estado, e o segundo, de mais longo prazo, é representado pelos efeitos, em especial sobre a demanda interna, associados aos projetos de investimento industriais e em infraestrutura.

**Gráfico 3.1 – Índice de Atividade Econômica Regional – Centro-Oeste (IBCR-CO)**

Dados dessazonalizados

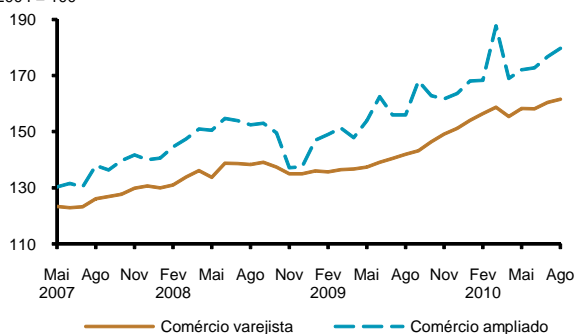
2002 = 100



**Gráfico 3.2 – Comércio varejista – Centro-Oeste**

Dados dessazonalizados

2004 = 100



Fonte: IBGE

**Tabela 3.1 – Índice de vendas no varejo – Agregação para GO e DF<sup>1/</sup>**

Geral e setores selecionados

Setores	Variação % no período			
	2009	2010		
		Mai <sup>2/</sup>	Ago <sup>2/</sup>	12 meses
Comércio varejista	3,7	1,4	1,6	10,4
Combustíveis e lubrificantes	-1,8	2,1	-0,3	2,6
Hiper e supermercados	5,8	-0,7	2,2	9,5
Tecidos, vestuário e calçados	2,0	1,4	1,3	9,6
Móveis e eletrodomésticos	0,2	4,0	-1,0	17,3
Comércio varejista ampliado	5,4	4,4	1,3	12,3
Veículos e motos, partes e peças	10,6	8,3	2,7	15,1
Material de construção	-8,1	3,8	-4,2	11,6

Fonte: IBGE

1/ Goiás e DF são os únicos entes federados da região com dados estratificados pelo IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

A economia da região Centro-Oeste segue registrando dinamismo menos acentuado do que a média nacional, trajetória associada, em especial, ao desempenho desfavorável da indústria de alimentos, que, em termos relativos, detém maior importância na cadeia produtiva da região, e ao crescimento modesto das exportações da agroindústria. A demanda interna reflete o crescimento da massa salarial, impulsionando o comércio da região, com o IBCR-CO registrando estabilidade no trimestre encerrado em agosto, em relação ao finalizado em maio, quando registrara crescimento de 1,4%, no mesmo tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados.

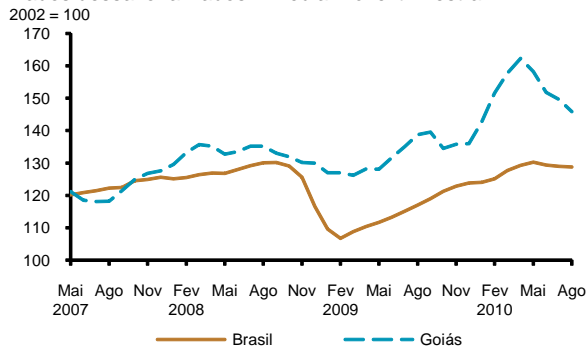
O comércio varejista da região cresceu 1,7% no trimestre encerrado em agosto, em relação ao finalizado em maio, quando expandira 2,3%, no mesmo tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados da PMC do IBGE. Esse desempenho refletiu, em especial, o aumento de 3,2% registrado no Distrito Federal, seguindo-se as elevações assinaladas no Mato Grosso, 1,7%; Mato Grosso do Sul, 0,8%; e Goiás, 0,1%. Incluídas as vendas de veículos e de material de construção, o comércio ampliado aumentou 0,1% na região, ante 5,7% no trimestre encerrado em maio, registrando-se elevações em Mato Grosso, 1,5%; Goiás, 0,3%; e Distrito Federal, 0,1%, contrapostas pela retração de 1,3% no Mato Grosso do Sul.

Consideradas estatísticas agregadas de Goiás e Distrito Federal, para os quais são divulgados dados estratificados por ramo de atividade, ressaltam-se as elevações trimestrais nas vendas dos segmentos hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo, 2,2%; e veículos, 2,7%, em oposição à redução de 4,2% nas relativas a material de construção.

A análise de períodos de doze meses revela que o crescimento das vendas varejistas da região atingiu 12,3% em agosto, ante 9,3% em maio, e o relativo ao comércio ampliado, 14,2% e 11,7%, respectivamente.

**Gráfico 3.3 – Produção industrial – Centro-Oeste**

Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral



Fonte: IBGE

**Tabela 3.2 – Produção industrial – Centro-Oeste**

Geral e setores selecionados

Setores	Pesos <sup>1/</sup> 2010	Variação % trimestral		
		Mai <sup>2/</sup>	Ago <sup>2/</sup>	Ac. 12 meses
Indústria geral	100,0	4,3	-7,8	12,9
Indústria extrativa	8,9	0,2	0,9	2,3
Indústria de transformação	91,1	4,5	-8,2	13,9
Alimentos e bebidas	65,5	6,2	-6,8	2,6
Produtos químicos	12,8	5,0	-14,0	77,6
Metalurgia básica	6,7	-7,6	5,2	2,5
Minerais não metálicos	6,1	4,0	-0,5	14,5

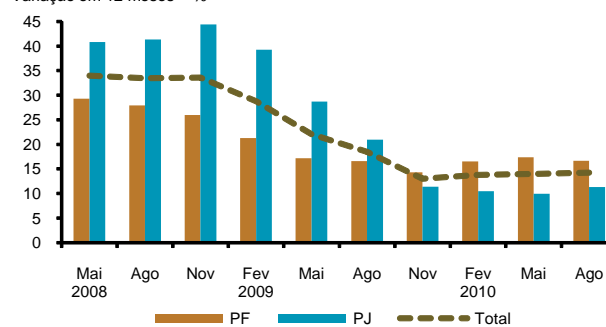
Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

**Gráfico 3.4 – Evolução do saldo das operações de crédito – Centro-Oeste<sup>1/</sup>**

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$5 mil.

**Tabela 3.3 – Necessidades de financiamento – Região Centro-Oeste<sup>1/</sup>**

UF	R\$ milhões			
	Resultado primário		Juros nominais	
	2009	2010	2009	2010
	Jan-abr	Jan-abr	Jan-abr	Jan-abr
Total	-1 714	-723	398	897
Governo estadual	-1 560	-738	393	892
Capital	-122	106	4	3
Demais municípios	-32	-91	1	2

1/ Inclui informações dos estados e principais municípios. Dados preliminares.

A produção industrial de Goiás, único estado da região incluído na PIM-PF do IBGE, recuou 7,8% no trimestre finalizado em agosto, em relação ao encerrado em maio, quando cresceu 4,3% no mesmo tipo de análise, de acordo com dados dessazonalizados. A indústria extrativa cresceu 0,9%, e a de transformação recuou 8,2%, com ênfase na retração de 6,8% observada no segmento alimentos e bebidas.

Considerados períodos de doze meses, a produção industrial do estado aumentou 12,9% em agosto, em relação a igual intervalo do ano anterior, ante 12,3% em maio. A indústria extrativa e a de transformação registraram expansões respectivas de 2,3% e 13,9% no período, ressaltando-se o dinamismo da indústria química, 77,6%. Os demais segmentos apresentaram, igualmente, desempenhos favoráveis, com a produção de alimentos e bebidas, que detém participação mais representativa na indústria regional, crescendo 2,6%.

O Índice de Confiança do Empresário Industrial (Icei/GO), divulgado pela Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg), atingiu 67,2 pontos em agosto, ante 70,5 pontos em maio, decréscimo resultante de recuos nos componentes que avaliam a situação atual, 4,5 p.p., e o sentimento dos empresários em relação aos próximos seis meses, 3 p.p.

As operações de crédito superiores a R\$5 mil realizadas na região Centro-Oeste totalizaram R\$128,3 bilhões em agosto, com expansões de 4,3% no trimestre e de 14,2% em doze meses. Os empréstimos às pessoas físicas, impulsionados pelas modalidades financiamento habitacional e crédito consignado, somaram R\$72,5 bilhões, com aumentos respectivos de 4,1% e 16,6% nas bases de comparação mencionadas. O estoque de crédito no segmento de pessoas jurídicas totalizou R\$55,8 bilhões, elevando-se 4,7% no trimestre e 11,3% em doze meses.

A inadimplência das operações de crédito na região Centro-Oeste atingiu 3,6% em agosto, ante 3,9% em maio, registrando-se estabilidade no segmento de pessoas jurídicas e redução de 0,6 p.p. no relativo a pessoas físicas. A redução mais acentuada ocorreu em Mato Grosso do Sul, 0,7 p.p.

O superávit primário dos governos dos estados, das capitais e dos principais municípios da região Centro-Oeste totalizou R\$723 milhões nos quatro primeiros meses do ano, reduzindo-se 58% em relação a igual período do ano anterior. Essa retração, apesar do aumento real de 10,9% registrado na arrecadação do ICMS no período, refletiu as variações assinaladas nos superávits dos estados, -53%;

**Tabela 3.4 – Dívida líquida e necessidades de financiamento – Região Centro-Oeste<sup>1/</sup>**

UF	R\$ milhões					
	Dívida	Fluxos acumulados no ano			Dívida <sup>2/</sup>	
		2009	Nominal			Outros <sup>4/</sup>
	Dez	Primário	Juros	Total <sup>3/</sup>	2010	
				Abr		
Total (A)	21 266	-723	897	174	-5	21 434
Gov. estadual	21 893	-738	892	154	-5	22 042
Capital	-398	106	3	109	-0	-290
Dem. municípios	-229	-91	2	-89	0	-318

1/ Inclui inform. dos estados e de seus principais municípios. Dados preliminares.

2/ A dívida líquida no momento t+1 é a dívida no momento t, mais o resultado nominal e o resultado de outros fluxos.

3/ O resultado nominal é a soma dos juros com o resultado primário.

4/ Inclui ajustes decorrentes de variação cambial, reconhec. de dívidas e privatiz.

**Tabela 3.5 – Dívida líquida – Região Centro-Oeste<sup>1/</sup>**

Composição

Região Centro-Oeste	R\$ milhões		
	2008	2009	2010
	Dez	Dez	Abr
Dívida bancária	440	796	1 067
Renegociação <sup>2/</sup>	22 743	21 962	22 043
Dívida externa	726	608	604
Outras dívidas junto à União	76	7	6
Dívida reestruturada	1 113	645	622
Disponibilidades líquidas	-2 038	-2 752	-2 909
Total (A)	23 061	21 266	21 434
Brasil <sup>2/</sup> (B)	424 877	418 877	418 888
(A/B) (%)	5,4	5,1	5,1

1/ Inclui informações dos estados e de seus principais municípios. Dados preliminares.

2/ Lei nº 8.727/1993, Lei nº 9.496/1997 e MP nº 2185/2000.

**Tabela 3.6 – Produção agrícola – Centro-Oeste**

Itens selecionados

Discriminação	Pesos <sup>1/</sup>	Em mil toneladas		
		Produção <sup>2/</sup>		Variação %
		2009	2010 <sup>1/</sup>	
Grãos	86,9	48 852	51 702	5,8
Algodão (caroço)	8,1	1 091	1 089	-0,2
Arroz (em casca)	1,8	1 229	1 072	-12,7
Feijão	3,0	514	490	-4,6
Milho	17,4	15 536	16 234	4,5
Soja	55,0	28 973	31 636	9,2
Sorgo	1,1	1 254	948	-24,4
Outras lavouras				
Banana	0,5	243	275	13,4
Cana-de-açúcar	7,6	89 544	102 499	14,5
Mandioca	1,7	1 351	1 378	2,0
Tomate	0,6	1 470	957	-34,9

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2008.

2/ Estimativa segundo o LSPA de setembro de 2010.

das capitais, onde se verificou reversão de superávit de R\$121,9 milhões para déficit de R\$105,5 milhões; e dos municípios considerados, cujo superávit aumentou 182%.

Os juros nominais, apropriados por competência, atingiram R\$897 milhões no quadrimestre. A elevação de 125% em relação a igual intervalo de 2009 decorreu, em especial, da reversão, de -0,92% para 3,49%, na variação do IGP-DI – indexador para a maioria dos passivos regionais renegociados com a União – no período considerado.

O resultado nominal da região foi deficitário em R\$174 milhões, ante superávit de R\$1,3 bilhão de janeiro a abril de 2009. Essa reversão refletiu, em especial, movimento semelhante no resultado dos estados, que passou de superávit de R\$1,2 bilhão para déficit de R\$154 milhões.

A dívida líquida da região Centro-Oeste totalizou R\$21,4 bilhões em abril, elevando-se 0,8% em relação a dezembro e mantendo participação de 5,1% na dívida de todas as regiões. As dívidas renegociadas/reestruturadas pela União representaram 105,7% do endividamento líquido ao final do primeiro quadrimestre de 2010; as dívidas bancária e externa, 5% e 2,8%, respectivamente, e as disponibilidades líquidas, 13,6%.

A safra de grãos do Centro-Oeste deve totalizar 51,7 milhões de toneladas em 2010, de acordo com o LSPA de setembro, do IBGE. O aumento anual de 5,8% reflete, em especial, o desempenho projetado para o resultado do Mato Grosso do Sul, favorecido pela base de comparação deprimida em virtude da quebra de safra assinalada em 2009. O crescimento para a produção de soja, principal cultura da região, está estimado em 9,2%, e os relativos às safras de milho e cana-de-açúcar, em 4,5% e 14,5%, respectivamente.

De acordo com o primeiro levantamento da intenção de plantio da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), divulgado em outubro, a variação anual da safra de grãos da região em 2011 deverá se situar entre 1,1% e 2,6%. Esse resultado incorpora projeções de retração, de 0,6% a 0,9%, na área plantada de milho, e de aumentos respectivos de 1% a 2,8%, e de 22,7% a 30,5%, nas destinadas às culturas de soja e de algodão.

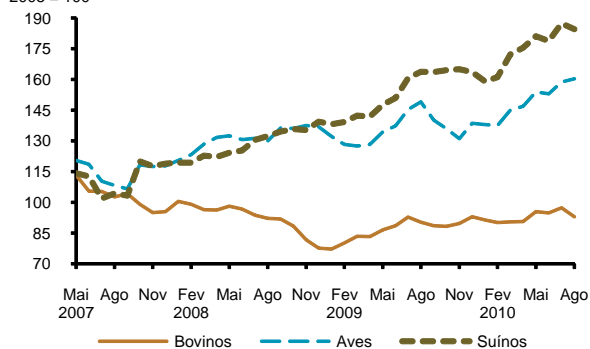
Os abates de bovinos em estabelecimentos fiscalizados pelo SIF, equivalentes a aproximadamente 96% dos realizados na região, aumentaram 6,4% nos oito primeiros meses do ano, em relação a igual intervalo de 2009, com ênfase nas expansões registradas naqueles realizados



**Gráfico 3.5 – Abates de animais – Centro-Oeste**

Média móvel trimestral

2005 = 100

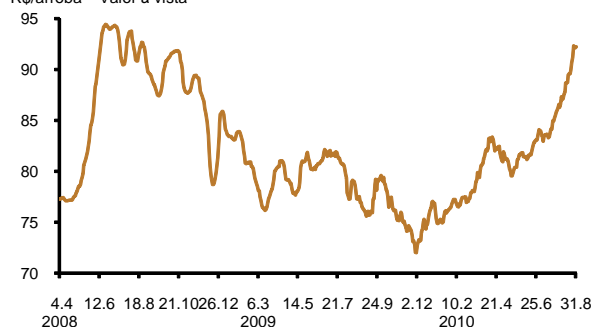


Fonte: Mapa

**Gráfico 3.6 – Indicador boi gordo**

ESALQ/BM&amp;FBovespa

R\$/arroba – Valor à vista



Fonte: Cepea/ESALQ

**Tabela 3.7 – Exportação por fator agregado**

Janeiro-setembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Centro-Oeste		Brasil	
	2009	2010	Var. %	Var. %
Total	11 151	12 134	8,8	29,6
Básicos	9 793	10 280	5,0	36,6
Industrializados	1 359	1 854	36,4	24,2
Semimanufaturados	1 042	1 429	37,1	38,7
Manufaturados <sup>1/</sup>	317	425	34,1	19,8

Fontes: MDIC/Secex e BCB/Depec-MG

1/ Inclui operações especiais.

**Tabela 3.8 – Importação por categoria de uso**

Janeiro-setembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Centro-Oeste		Brasil	
	2009	2010	Var. %	Var. %
Total	5 437	7 380	35,7	45,8
Bens de consumo	1529	2381	55,7	51,1
Duráveis	704	1226	74,3	68,5
Não duráveis	826	1155	39,9	31,7
Bens intermediários	1754	2 731	55,7	43,3
Bens de capital	878	714	-18,6	38,9
Combustíveis e lubrificantes	1276	1554	21,7	61,1

Fontes: MDIC/Secex e BCB/Depec-MG

em Mato Grosso, 8,8%, e no Mato Grosso do Sul, 7,6%, responsáveis, em conjunto, por 75% do abates na região. Vale ressaltar que a recuperação dos preços do boi gordo, expressa no Gráfico 3.6, reflete a restrição na oferta de animais para abate, relacionada com a falta de investimento na formação de estoques nos anos anteriores. Os abates de suínos e de aves registraram aumentos respectivos de 17,7% e 10,8%, no período.

O superávit da balança comercial do Centro-Oeste atingiu US\$4,8 bilhões nos nove primeiros meses do ano, recuando 16,8% em relação a igual intervalo de 2009. As exportações somaram US\$12,1 bilhões, e as importações, US\$7,4 bilhões, assinalando aumentos respectivos de 8,8% e 35,7%, no período.

O crescimento das exportações traduziu elevações de 4,3% nos preços e no *quantum*, ressaltando-se os aumentos nas vendas de Mato Grosso do Sul e Goiás, e a contração nas relativas a Mato Grosso, maior exportador da região, responsável por 55% das vendas do período. Ressalte-se o aumento de 5% nas exportações de produtos básicos, representando 85% da pauta da região. As vendas destinadas a China, Holanda, Rússia, Irã, Espanha e Tailândia representaram, em conjunto, 55% das exportações da região, no período.

A evolução das importações, refletindo variações de 31,2% no *quantum* e de 3,4% nos preços, foi impactada pelas aquisições de Goiás e do Distrito Federal. Destaque-se, no período, o crescimento de 55,7% nas aquisições de bens de consumo. As compras da região provenientes da Bolívia, Coreia do Sul, EUA, Japão, Canadá e China representaram, em conjunto, 65% do total adquirido pela região nos nove primeiros meses do ano.

A região Centro-Oeste gerou, de acordo com o Caged/MTE, 41 mil empregos formais no trimestre encerrado em agosto, ante 68,4 mil naquele finalizado em maio e 36,5 mil em igual período em 2009, dos quais 12,5 mil no setor de serviços, 10,3 mil na indústria de transformação e 7,6 mil na construção civil. A segmentação por unidades da Federação revela que Goiás foi responsável por 52,1% do total de empregos criados na região, no trimestre, seguindo-se Mato Grosso, 25,6%; Mato Grosso do Sul, 15,7%; e Distrito Federal, 6,6%. O nível de emprego formal cresceu 1,1% no trimestre encerrado em agosto, em relação ao terminado em maio, quando havia aumentado 1,3%, no mesmo tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados, ressaltando-se as expansões observadas na indústria de transformação, 1,6%, e no setor de serviços, 1,4%.

**Tabela 3.9 – Evolução do emprego formal – Centro-Oeste**  
Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) <sup>1/</sup>				
	2009		2010		
	Ago	Nov	Fev	Mai	Ago
Total	36,5	20,2	-4,1	68,4	41,0
Indústria de transformação	7,1	0,9	-5,3	23,3	10,3
Comércio	7,7	14,5	2,8	6,3	6,7
Serviços	3,1	11,8	6,3	22,1	12,5
Construção civil	9,2	-0,5	-3,6	9,6	7,6
Agropecuária	9,0	-6,0	-4,1	5,9	3,6
Ind. extrativa mineral	0,4	-0,3	-0,1	0,7	0,4
Outros <sup>2/</sup>	0,1	-0,2	-0,1	0,5	-0,1

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui serviços industriais de utilidade pública, administração pública e outras.

**Tabela 3.10 – IPCA – Centro-Oeste**

Discriminação	Pesos <sup>1/</sup>	Variação % trimestral			
		2009	2010		
		IV Trí	I Trí	II Trí	III Trí
IPCA	100,0	1,36	0,92	1,03	0,88
Livres	70,1	1,03	1,98	1,24	0,92
Comercializáveis	31,0	0,54	1,12	0,83	0,95
Não comercializáveis	39,1	1,44	2,68	1,57	0,89
Monitorados	29,9	2,09	-1,45	0,53	0,80
Principais itens					
Alimentos e bebidas	19,2	0,15	3,51	0,55	1,29
Habitação	14,6	0,49	1,87	1,73	0,86
Artigos de residência	3,6	0,85	1,14	0,93	-0,25
Vestuário	7,2	2,86	-1,03	3,89	0,00
Transportes	20,9	3,26	-2,34	-0,57	0,86
Saúde	10,9	1,11	0,78	2,32	1,23
Despesas pessoais	10,0	1,50	1,42	2,23	1,34
Educação	8,2	0,14	3,79	0,07	0,89
Comunicação	5,5	0,76	0,12	0,12	-0,02

Fonte: IBGE

1/ Referentes a setembro de 2010.

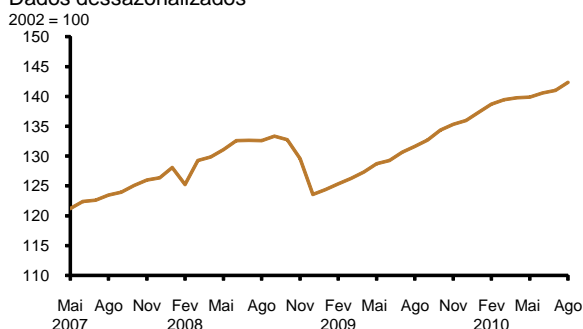
A inflação da região Centro-Oeste, medida pelo IPCA, atingiu 0,88% no trimestre finalizado em setembro, ante 1,03% naquele encerrado em junho. Esse resultado refletiu o impacto mais acentuado da desaceleração registrada na variação dos preços livres, de 1,24% para 0,92%, em relação ao derivado da aceleração, de 0,53% para 0,80%, observada no âmbito dos itens monitorados, esta impactada pela elevação de 3,03% no preço da gasolina. A evolução dos preços livres traduziu a aceleração registrada nas variações dos preços dos itens comercializáveis, de 0,83% para 0,95%, influenciada pelo aumento de 7,61% nos preços das carnes e pescados; e a desaceleração, de 1,57% para 0,89%, na relativa aos não comercializáveis ressaltando-se as variações nos preços dos itens feijão carioca, de 0,13% para -0,02%, e empregado doméstico, de 0,13% para 0,06%. O índice de difusão, evidenciando menor disseminação dos reajustes de preços na região, diminuiu 2,2 p.p. no trimestre, situando-se em 57%.

Considerados períodos de doze meses, a variação do IPCA da região atingiu 4,26% em setembro, ante 3,91% em junho, resultado de acelerações nas variações dos preços livres, de 4,84% para 5,27%, e dos monitorados, de 1,78% para 1,96%. No âmbito dos preços livres, a variação no segmento de produtos comercializáveis aumentou 1,11 p.p., para 3,49%, reflexo, principalmente, do comportamento dos preços de vestuário e das carnes e pescados, enquanto a dos não comercializáveis recuou 0,15 p.p., para 6,73%, favorecida pela redução nos preços dos produtos *in natura*.

O arrefecimento da atividade econômica no trimestre encerrado em agosto deve ser compreendido como movimento de acomodação pontual, decorrente, sobretudo, da elevada base de comparação, haja vista o forte dinamismo observado nos primeiros meses do ano, com ênfase na cadeia de produtos alimentícios, com expressiva representação na região. O crescimento econômico no Centro-Oeste tende a registrar desempenho mais favorável nos próximos meses, em ambiente de recuperação nos preços dos principais produtos agropecuários, principalmente milho, soja e boi gordo, e de manutenção do dinamismo dos mercados de trabalho e de crédito.

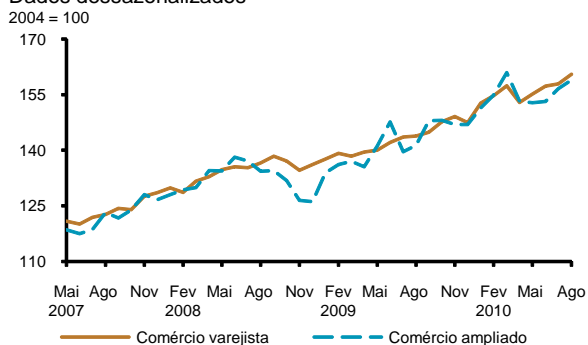
**Gráfico 4.1 – Índice de Atividade Econômica Regional – Sudeste (IBCR-SE)**

Dados dessazonalizados



**Gráfico 4.2 – Comércio varejista – Sudeste**

Dados dessazonalizados



Fonte: IBGE

**Tabela 4.1 – Comércio varejista – Sudeste**

Geral e setores selecionados

Setores	Variação % no período			
	2009	2010		
		Mai <sup>1/</sup>	Ago <sup>1/</sup>	12 meses
Comércio varejista	6,1	2,3	2,2	10,0
Combustíveis e lubrificantes	1,0	2,7	-0,7	5,6
Hiper e supermercados	8,8	1,3	2,7	10,1
Tecidos, vestuário e calçados	-4,3	6,5	0,8	6,5
Móveis e eletrodomésticos	1,9	0,8	1,4	15,6
Comércio ampliado	7,2	3,0	0,4	12,3
Automóveis e motocicletas	11,7	5,2	-1,0	19,1
Material de construção	-4,9	6,4	0,6	9,6

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

Em linha com a evolução de indicadores nacionais, o ritmo de expansão da atividade econômica na região Sudeste registrou arrefecimento no início do segundo semestre do ano, com ênfase na desaceleração do setor industrial, em especial nos segmentos mais diretamente afetados pela retirada dos estímulos fiscais introduzidos em resposta à crise internacional. Nesse cenário, o IBCR-SE cresceu 1,2% no trimestre encerrado em agosto, em relação ao finalizado em maio, quando havia aumentado 1,7%, no mesmo tipo de análise, considerados dados dessazonalizados.

As vendas varejistas aumentaram 2,2% no trimestre encerrado em agosto, em relação ao finalizado em maio, quando se elevaram 2,3%, nesse tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados da PMC do IBGE. Esse desempenho, favorecido pela continuidade da expansão da massa salarial e das operações de crédito às famílias, refletiu, em grande parte, o crescimento de 2,7% registrado nas vendas do segmento supermercados, hipermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo. O comércio ampliado, que crescera 3% no trimestre encerrado em maio, registrou expansão de 0,4%, trajetória consistente com as variações assinaladas nas vendas de veículos, -1%, e de material de construção, 0,6%.

Considerados períodos de doze meses, as vendas no varejo cresceram 10% em agosto, em relação a igual intervalo de 2009, ante 8,7% em maio, enquanto o comércio ampliado, incorporando os impactos das variações nas vendas de veículos, 19,1%, e de material de construção, 9,6%, aumentou 12,3% no período.

A produção industrial da região aumentou 0,2% no trimestre encerrado em agosto, em relação ao finalizado em maio, quando aumentara 2,3%, no mesmo tipo de análise, considerados dados dessazonalizados da Pesquisa Industrial Mensal do IBGE, registrando-se expansão de 1,4% na indústria extrativa e recuo de 0,4% na de transformação. Ressalte-se que treze das vinte e três atividades pesquisadas

**Tabela 4.2 – Produção industrial – Sudeste**

Geral e setores selecionados

Setores	Pesos <sup>1/</sup> 2010	Variação % no período		
		Mai <sup>2/</sup>		Ago <sup>2/</sup>
		12 meses		
Indústria geral	100,0	2,3	0,2	9,9
Indústria extrativa	7,4	2,6	1,4	12,8
Indústria da transformação	92,6	2,7	-0,4	9,7
Veículos automotores	11,6	8,5	1,2	22,5
Alimentos	10,3	3,6	1,8	4,8
Refino de petróleo e álcool	8,1	-8,2	10,8	-0,5
Metalurgia básica	7,3	3,6	-1,7	22,7
Outros produtos químicos	6,8	0,3	-1,8	11,7

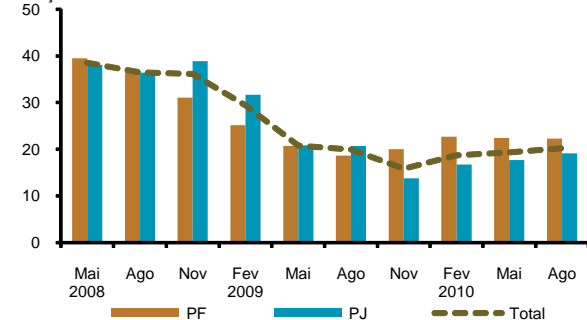
Fonte: IBGE

1/ Ponderação das atividades na indústria conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

**Gráfico 4.3 – Evolução do saldo das operações de crédito<sup>1/</sup> – Sudeste**

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$5 mil.

**Tabela 4.3 – Desembolsos do BNDES – Sudeste**

Discriminação	Var. % acum. 12 meses				2010 <sup>1/</sup>	
	2006	2007	2008	2009	R\$ milhões	Part.(%)
Sudeste	16,8	39,9	10,4	49,8	71 089	52,7
Brasil	14,9	37,4	28,8	49,3	134 959	100

Fonte: BNDES

1/ Valores acumulados em doze meses até julho.

**Tabela 4.4 – Necessidades de financiamento – Sudeste<sup>1/</sup>**

UF	R\$ milhões			
	Resultado primário		Juros nominais	
	2009	2010	2009	2010
	Jan-abr	Jan-abr	Jan-abr	Jan-abr
Total	-7 670	-12 532	2 827	15 364
Governos estaduais	-4 089	-8 874	1 540	12 016
Capitais	-3 650	-2 728	1 132	3 166
Demais municípios	70	-930	154	182

1/ Inclui informações dos estados e de seus principais municípios.

Dados preliminares.

registraram resultados negativos no período, com ênfase nos observados nas indústrias de produtos de metal, 11%; farmacêutica, 4,3%; e de edição, impressão e reprodução de gravações, 3,8%. Em contraste, os segmentos refino de petróleo e produção de álcool e alimentos registraram crescimentos respectivos de 10,8% e 1,8%, no período.

Considerados períodos de doze meses, a indústria do Sudeste cresceu 9,9% em agosto, em relação a igual intervalo de 2009, ante 3,9% em maio. Ocorreram, no período, aumentos acentuados nos segmentos metalurgia básica, 22,7%, e veículos automotores, 22,5%, contrastando com os recuos observados nas produções de material eletrônico, aparelhos e equipamentos de comunicações, 17,8%, e de outros equipamentos de transporte, 7,6%.

O saldo das operações de crédito superiores a R\$5 mil realizadas na região totalizou R\$811,4 bilhões em agosto, elevando-se 6,5% no trimestre e 20,2% em doze meses. A carteira de empréstimos a pessoas físicas, refletindo o desempenho das modalidades financiamentos de veículos e crédito habitacional, atingiu R\$284,8 bilhões, aumentando 5,2% no trimestre e 22,3% em doze meses. Os empréstimos contratados no segmento de pessoas jurídicas, impulsionados pelas operações para capital de giro, somaram R\$526,6 bilhões em agosto, registrando aumentos respectivos de 7,3% e 19,1%, nas bases de comparação mencionadas.

A inadimplência relativa a essas operações de crédito atingiu 2,6% em agosto, ante 2,9% em maio, retração decorrente dos recuos assinalados nos segmentos de pessoas físicas, 0,4 p.p. e de pessoas jurídicas, 0,2 p.p.

Os desembolsos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) destinados a financiar investimentos na região, representando 52,7% das operações correspondentes contratadas no país, cresceram 8% no período de doze meses finalizado em julho, em relação a igual período do ano anterior.

O superávit primário dos governos dos estados, das capitais e dos principais municípios do Sudeste atingiu R\$12,5 bilhões nos quatro primeiros meses do ano. O aumento de 63,4% em relação a igual período de 2009 reflete, em parte, o impacto da recuperação da atividade econômica sobre a arrecadação do ICMS.

Os juros nominais, apropriados por competência, somaram R\$15,4 bilhões nos quatro primeiros meses de 2010, ressaltando-se que o crescimento de 443,5% registrado no

**Tabela 4.5 – Dívida líquida e necessidades de financiamento – Região Sudeste<sup>1/</sup>**

UF	R\$ milhões					Dívida <sup>2/</sup> 2010 Abr
	Dívida	Fluxos acumulados no ano			Outros <sup>4/</sup>	
	2009	Nominal		Total <sup>3/</sup>		
	Dez	Primário	Juros			
Total (A)	303 900	-12 532	15 364	2 832	-1 429	305 303
Governos estaduais	248 883	-8 874	12 016	3 142	-1 423	250 603
Capitais	54 427	-2 728	3 166	438	-2	54 862
Demais municípios	590	-930	182	-748	-3	-162

1/ Inclui informações dos estados e de seus principais municípios. Dados preliminares.

2/ A dívida líquida no momento t+1 é a dívida no momento t, mais o resultado nominal e o resultado de outros fluxos.

3/ O resultado nominal é a soma dos juros com o resultado primário.

4/ Inclui ajustes decorrentes de var. cambial, reconhecimento de dívidas e privatizações.

**Tabela 4.6 – Composição da dívida líquida – Sudeste<sup>1/</sup>**

Região Sudeste	R\$ milhões		
	2008	2009	2010
	Dez	Dez	Abr
Dívida bancária	4 581	6 647	6 885
Renegociação <sup>2/</sup>	286 222	283 864	292 428
Dívida externa	7 629	7 179	8 053
Outras dívidas junto à União	19 209	17 593	16 738
Dívida reestruturada	1 841	931	882
Disponibilidades líquidas	-13 030	-12 315	-19 684
Total (A)	306 453	303 900	305 303
Brasil <sup>2/</sup> (B)	424 877	418 877	418 888
(A/B) (%)	72,1	72,6	72,9

1/ Inclui informações dos estados e principais municípios. Dados preliminares.

2/ Lei nº 8.727/1993, Lei nº 9.496/1997 e MP nº 2185/2000.

**Tabela 4.7 – Produção agrícola – Sudeste**

Itens selecionados

Discriminação	Peso <sup>1/</sup>	Em mil toneladas		
		Produção <sup>2/</sup>		Var. % 2010/2009
		2009	2010	
Grãos		17 174	17 254	0,5
Arroz (em casca)	0,4	216	190	-12,0
Feijão	4,8	952	962	1,0
Milho	9,8	10 934	10 696	-2,2
Soja	6,4	4 058	4 457	9,8
Outras lavouras				
Café	20,2	2 025	2 285	12,8
Banana	2,2	2 210	2 236	1,2
Cana-de-açúcar	30,1	470 655	468 014	-0,6
Laranja	9,9	15 210	15 790	3,8

Fonte: IBGE

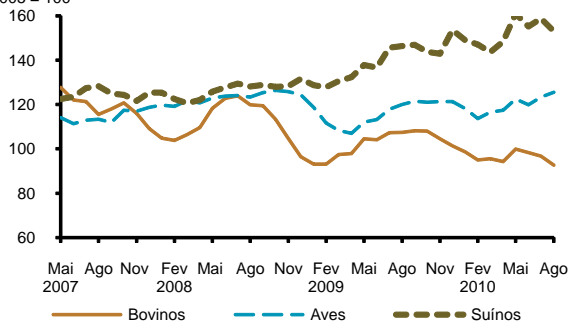
1/ Por valor da produção – PAM 2008.

2/ Estimativa segundo o LSPA de setembro de 2010.

**Gráfico 4.4 – Abates de animais – Sudeste**

Média móvel trimestral

2005 = 100



Fonte: Mapa

período se constituiu no fator preponderante para a reversão, de superávit de R\$4,8 bilhões para déficit de R\$2,8 bilhões, registrada no resultado nominal.

O estoque da dívida líquida dos estados, das capitais e dos principais municípios da região atingiu R\$305,3 bilhões, aumentando 0,5% em relação a dezembro de 2009 e representando 72,9% da dívida de todos os estados e principais municípios do país.

A safra de grãos do Sudeste deverá atingir 17,3 milhões de toneladas em 2010, registrando aumento anual de 0,5% e representando 11,6% da produção nacional, de acordo com o LSPA de setembro do IBGE. A projeção incorpora estimativas de acréscimos respectivos de 9,8% e 1% para as culturas de soja e de feijão, e retração de 2,2% para a relativa a milho.

Em relação às demais lavouras, estão projetadas elevações para as produções de café, 12,8%, em ciclo bianual de alta produtividade, e de laranja, 3,8%, e redução de 0,6% para a cultura de cana de açúcar.

Os abates de bovinos, aves e suínos registraram variações respectivas de -7,5%, 4,6% e 9,3% nos oito primeiros meses do ano, em relação a igual intervalo de 2009, conforme estatísticas do Mapa, que abrangem estabelecimentos inspecionados pelo SIF. O aumento dos abates de aves e suínos reflete o dinamismo da demanda interna e, em menor escala, o efeito substituição gerado pela retração da oferta de boi gordo. As exportações de carnes bovinas cresceram 10,6% no período, enquanto as relativas a aves e a suínos registraram retrações respectivas de 3% e 30%.

A balança comercial do Sudeste apresentou superávit de US\$5,9 bilhões nos nove primeiros meses de 2010, ante US\$5,1 bilhões em igual período do ano anterior, resultado de crescimentos de 37,2% nas exportações e de 39,3% nas importações, que atingiram, na ordem, US\$80,4 bilhões e US\$74,6 bilhões.

O aumento das exportações, retratando variações de 10,8% no *quantum* e de 23,8% nos preços, refletiu as expansões assinaladas nas vendas em todas as categorias de fator agregado, destacando-se o crescimento de 66,1% nas relativas a produtos básicos. China, EUA, Argentina, Holanda e Alemanha adquiriram, em conjunto, 44,5% das vendas externas da região, no período.

A evolução das importações, decorrente de variações de 39,1% no *quantum* e de 0,1% nos preços, resultou de

**Tabela 4.8 – Exportação por fator agregado – FOB**

Janeiro-setembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Sudeste		Brasil	
	2009	2010	Var. %	Var. %
Total	58 640	80 439	37,2	29,6
Básicos	18 565	30 831	66,1	36,6
Industrializados	40 074	49 608	23,8	24,5
Semimanufaturados	7 802	11 682	49,7	38,7
Manufaturados <sup>1/</sup>	32 272	37 926	17,5	20,4

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

**Tabela 4.9 – Importação por categoria de uso – FOB**

Janeiro-setembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Sudeste		Brasil	
	2009	2010	Var. %	Var. %
Total	53 543	74 580	39,3	45,8
Bens de consumo	8 319	11 520	38,5	51,1
Duráveis	3 662	5 662	54,6	68,5
Não duráveis	4 657	5 858	25,8	31,7
Bens intermediários	25 085	34 126	36,0	43,3
Bens de capital	13 686	18 854	37,8	38,9
Combustíveis e lubrificantes	6 453	10 079	56,2	61,1

Fonte: MDIC/Secex

**Tabela 4.10 – Evolução do emprego formal – Sudeste**

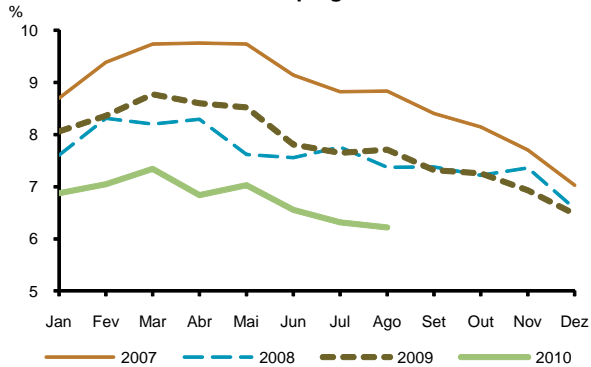
Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) <sup>1/</sup>				
	2009		2010		
	Ago	Nov	Fev	Mai	Ago
Total	243,4	318,3	-53,2	570,0	364,0
Indústria de transformação	22,2	90,2	-20,0	153,1	72,6
Comércio	58,4	120,6	4,1	62,6	72,1
Serviços	78,3	126,4	37,6	179,1	149,4
Construção civil	38,0	26,5	17,7	43,7	36,5
Agropecuária	42,2	-51,0	-84,3	116,1	24,7
Serviços ind. de utilidade pública	0,6	0,7	2,5	2,8	3,1
Outros <sup>2/</sup>	3,8	4,9	-10,8	12,5	5,5

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outras.

**Gráfico 4.5 – Taxa de desemprego aberto – Sudeste**

Fonte: IBGE

elevações nas compras em todas as categorias de uso, com destaque para as relativas a combustíveis e lubrificantes, 56,2%, e a bens de consumo duráveis, 54,6%. As importações provenientes dos EUA, China, Alemanha, Argentina e Japão representaram, em conjunto, 50,4% do total adquirido pela região, no período.

A evolução dos indicadores do mercado de trabalho reflete em certa medida o arrefecimento do dinamismo da atividade econômica. Nesse sentido, considerados dados do Caged/MTE, foram criados 364 mil empregos formais no trimestre encerrado em agosto, ante 570 mil no trimestre finalizado em maio e 243,4 mil em igual período do ano anterior, dos quais 149,4 mil no setor de serviços, 72,6 mil na indústria de transformação e 72,1 mil no comércio. Considerados dados dessazonalizados, o nível de emprego formal aumentou 1,4% no trimestre terminado em agosto, em relação ao encerrado em maio, quando cresceu 1,9%, no mesmo tipo de comparação.

A taxa média de desemprego das regiões metropolitanas de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte atingiu 6,4% no trimestre encerrado em agosto, de acordo com a PME do IBGE, ante 7,7% em igual período de 2009, refletindo as elevações registradas no pessoal ocupado, 2,8%, e na PEA, 1,3%. O rendimento médio habitual e a massa salarial apresentaram aumentos reais respectivos de 4% e 6,9% no período. Considerados dados dessazonalizados, a taxa média de desemprego atingiu 6,4% no trimestre encerrado em agosto, ante 6,5% naquele finalizado em maio.

A inflação na região Sudeste, considerada a média ponderada das variações do IPCA nas regiões metropolitanas de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, atingiu 0,49% no trimestre encerrado em setembro, ante 0,98% naquele finalizado em junho.

A retração observada no período evidenciou as desacelerações registradas nas variações dos preços livres, de 1,19% para 0,58%, e dos monitorados, de 0,52% para 0,28%, esta refletindo, em grande parte, os recuos nos preços dos itens emplacamento e licença, 2,40%, e tarifas rodoviárias interestaduais, 1,95%. A evolução dos preços livres refletiu a desaceleração de 1,51% para 0,29% registrada no segmento dos itens não comercializáveis, ressaltando-se os recuos de 35,18% nos preços dos tubérculos, e a aceleração, de 0,81% para 0,93%, no segmento de bens comercializáveis, influenciada pelo aumento de 9,48% no preço do item carnes. O índice de difusão médio, evidenciando menor disseminação dos reajustes de preços na região SE, recuou 2,9 p.p., para 51,5%, no trimestre encerrado em setembro.

**Tabela 4.11 – IPCA – Sudeste**

Discriminação	Pesos <sup>1/</sup>	Variação % no período			
		2009	2010		
		Ano	II Tri	III Tri	12 meses
IPCA	100,0	4,40	0,98	0,49	4,87
Livres	69,9	4,38	1,19	0,58	5,26
Comercializáveis	31,4	2,94	0,81	0,93	3,90
Não comercializáveis	38,5	5,63	1,51	0,29	6,43
Monitorados	30,1	4,46	0,52	0,28	4,00
Principais itens					
Alimentação	21,89	3,74	0,88	0,47	5,71
Habitação	13,51	5,69	1,34	1,16	3,96
Artigos de residência	4,21	3,93	0,94	0,49	5,67
Vestuário	6,13	6,67	2,83	0,07	5,26
Transportes	19,62	2,05	-0,37	-0,09	4,17
Saúde	10,50	5,47	2,20	0,84	4,70
Despesas pessoais	10,56	7,89	2,38	1,04	6,77
Educação	7,58	5,99	0,15	0,41	6,10
Comunicação	5,99	1,04	-0,11	0,03	0,81

Fonte: IBGE

1/ Referentes a setembro de 2010.

Considerados períodos de doze meses, a variação do IPCA atingiu 4,87% em setembro, ante 5,07% em junho, movimento decorrente do impacto mais intenso da desaceleração, de 5,11% para 4,00%, registrada na variação dos preços monitorados, em relação ao inerente à aceleração, de 5,08% para 5,26%, assinalada nos preços livres.

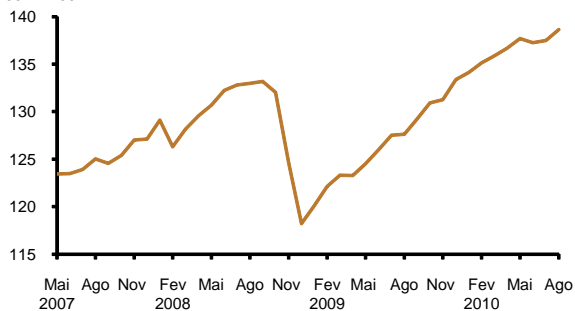
As perspectivas em relação à evolução da atividade econômica na região Sudeste permanecem favoráveis, em ambiente de expansão da massa salarial, do mercado de crédito e da demanda por bens de consumo. Vale ressaltar que o crescimento dos financiamentos imobiliários e dos investimentos públicos e privados, contribuindo para o dinamismo da construção civil, segmento intensivo em mão de obra, fortalece a demanda interna e a sustentação da atividade na região.

## Minas Gerais

**Gráfico 4.6 – Índice de Atividade Econômica Regional – Minas Gerais (IBCR-MG)**

Dados dessazonalizados

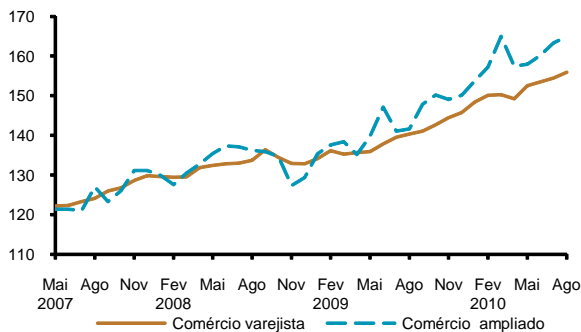
2002 = 100



**Gráfico 4.7 – Comércio varejista – MG**

Dados dessazonalizados

2004 = 100



Fonte: IBGE

**Tabela 4.12 – Índice de vendas no varejo – Minas Gerais**

Geral e setores selecionados

Setores	Variação % no período			
	2009	2010		
		Mai <sup>1/</sup>	Ago <sup>1/</sup>	12 meses
Comércio varejista	4,8	1,7	2,6	9,8
Combustíveis e lubrificantes	2,2	3,9	-2,2	7,5
Hiper e supermercados	6,2	-0,1	3,3	8,5
Tecidos, vestuário e calçados	0,3	4,2	3,2	8,8
Móveis e eletrodomésticos	-2,0	3,1	2,8	16,2
Comércio ampliado	6,8	4,2	1,7	14,3
Veículos e motos, partes e peças	11,6	8,0	1,0	23,7
Material de construção	3,4	5,5	-2,1	15,2

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

O arrefecimento registrado, na margem, na atividade econômica do estado refletiu o desempenho da indústria de transformação, em especial de veículos, movimento compatível com as antecipações, na produção e nas vendas do segmento, em resposta à perspectiva de esgotamento do impacto dos incentivos fiscais ao setor. Os mercados de trabalho e de crédito seguiram registrando dinamismo consistente com o aumento dos investimentos, particularmente nas áreas de serviços, mineração e no parque metalúrgico. Nesse cenário, o Índice de Atividade Econômica Regional – Minas Gerais (IBCR-MG) registrou aumento de 0,8% no trimestre finalizado em agosto, em relação ao encerrado em maio, quando havia crescido 1,9%, no mesmo tipo de comparação, considerando dados dessazonalizados.

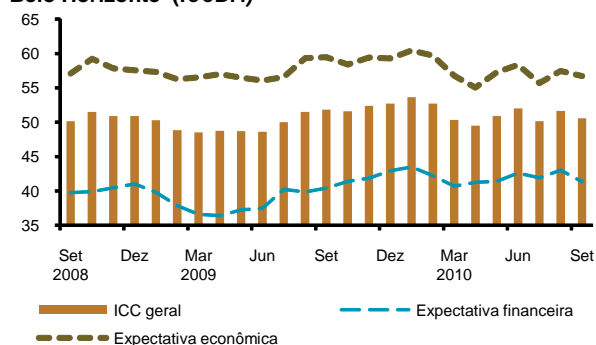
As vendas varejistas cresceram 2,6% no trimestre encerrado em agosto, em relação ao finalizado em maio, quando aumentaram 1,7%, no mesmo tipo de análise, segundo dados dessazonalizados da PMC do IBGE, com ênfase no desempenho dos segmentos outros artigos de uso pessoal e doméstico, 10,3%, e hipermercados e supermercados, 3,3%. O comércio ampliado, incluídos o aumento de 1% nas vendas de veículos e o recuo de 2,1% nas relativas a materiais de construção, cresceu 1,7% no trimestre encerrado em agosto, ante 4,2% naquele terminado em maio.

Considerados períodos de doze meses, as vendas varejistas mantiveram a trajetória ascendente iniciada em novembro de 2009, registrando variação de 9,8% em agosto, em relação a igual intervalo do ano anterior, e o comércio ampliado cresceu 14,3%.

O Índice de Confiança do Consumidor de Belo Horizonte (ICCBH), divulgado pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas, Administrativas e Contábeis de Minas Gerais (Ipead) e pela Federação do Comércio do Estado de Minas Gerais (Fecomércio Minas), atingiu 50,6 pontos em setembro, recuando 1,5 p.p. em relação a junho. O componente relacionado à expectativa financeira, refletindo retrações nos quesitos disponibilidade de recursos e pontualidade nos pagamentos, decresceu 1,6 p.p., e aquele que avalia a expectativa econômica declinou 1,3 p.p., destacando-se a avaliação negativa em relação à inflação. Ressalte-se, adicionalmente, o recuo de 5,9 p.p. no quesito pretensão de compra, que, em junho, atingira o maior valor no ano.

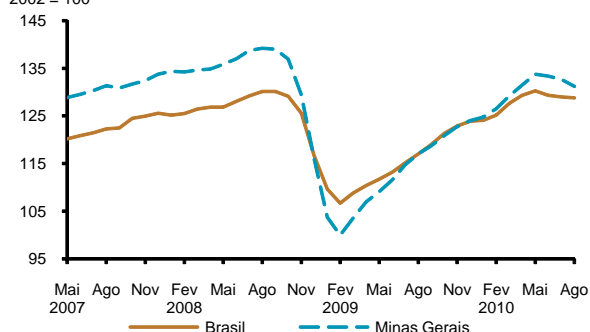


**Gráfico 4.8 – Índice de Confiança do Consumidor de Belo Horizonte (ICCBH)**



Fonte: Fecomércio Minas e Ipead/UFGM

**Gráfico 4.9 – Produção industrial – Minas Gerais**  
Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral  
2002 = 100



Fonte: IBGE

**Tabela 4.13 – Produção industrial – Minas Gerais**  
Geral e setores selecionados

Setores	Pesos <sup>1/</sup>	Variação % trimestral		
		2010		Ac. 12 meses
		Mai <sup>2/</sup>	Ago <sup>2/</sup>	
Indústria geral	100,0	5,7	-1,9	12,7
Indústria extrativa	13,0	7,3	3,4	20,5
Indústria de transformação	87,0	4,6	-3,4	11,5
Metalurgia básica	15,0	4,7	-0,2	21,4
Veículos automotores	18,1	7,0	-3,5	13,9
Alimentos	16,5	3,6	-1,6	6,1
Minerais não metálicos	7,3	7,3	-3,2	9,0
Refino de petróleo e álcool	6,9	8,8	-6,9	4,5

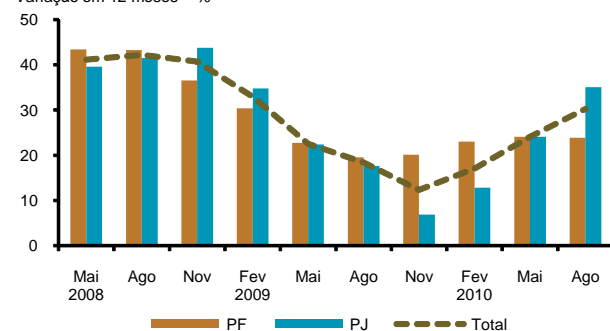
Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE referente ao último mês disponível.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

**Gráfico 4.10 – Evolução do saldo das operações de crédito – Minas Gerais<sup>1/</sup>**

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$5 mil.

A produção industrial de Minas Gerais decresceu 1,9% no trimestre encerrado em agosto, em relação ao finalizado em maio, quando havia crescido 5,7%, no mesmo tipo de comparação, conforme dados dessazonalizados da PIM-PF do IBGE. A desaceleração trimestral refletiu, em especial, a retração de 3,4% na indústria de transformação, contrapondo-se ao crescimento de 3,4% na indústria extrativa, estimulada pelo desempenho do segmento extração de minério de ferro. A evolução da indústria de transformação refletiu, em grande parte, o recuo de 3,5% no segmento veículos automotores. Considerados períodos de doze meses, a produção da indústria mineira cresceu 12,7% em agosto, em relação a igual intervalo de 2009.

O faturamento real da indústria, deflacionado pelo Índice de Preços por Atacado – Oferta Global (IPA-OG) da Fundação Getúlio Vargas (FGV), aumentou 2% no trimestre finalizado em agosto, em relação ao encerrado em maio, quando havia se elevado 4,3%, no mesmo tipo de comparação, de acordo com dados dessazonalizados da Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (Fiemg). As horas trabalhadas na produção decresceram 0,1%, e o emprego industrial manteve-se estável, no período. O Nuci atingiu 87,2%, em agosto, aumentando 0,5 p.p. no trimestre e 3,7 p.p. em doze meses.

O Icei/MG, divulgado pela Fiemg, atingiu 64 pontos em setembro. O recuo de 1,7 p.p. registrado em relação a junho decorreu das variações respectivas de 0,2 p.p. e -2,5 p.p. observadas nos componentes Índice de Condições Atuais, que reflete a conjuntura dos últimos seis meses, e Índice de Expectativas para os próximos seis meses.

O saldo das operações de crédito com valor superior a R\$5 mil reais realizadas no estado atingiu R\$131,5 bilhões em agosto, aumentando 9,4% no trimestre e 30,2% em doze meses. A carteira de crédito a empresas, com destaque para o setor de siderurgia, somou R\$77,5 bilhões, crescendo 12,1% no trimestre e 35% em doze meses. Os empréstimos contratados pelas pessoas físicas, impulsionados pelas modalidades financiamento habitacional e de veículos, totalizaram R\$54 bilhões, aumentando 5,9% no trimestre e 23,9% em doze meses.

A inadimplência relativa às operações de crédito atingiu 2,6% em agosto, ante 3,1% em maio, reflexo de recuos de 0,4 p.p. no segmento de pessoas jurídicas e de 0,5 p.p. no relativo a pessoas físicas.

O superávit primário dos governos do estado, da capital e dos principais municípios de Minas Gerais atingiu

**Tabela 4.14 – Necessidades de financiamento – MG<sup>1/</sup>**

UF	R\$ milhões			
	Resultado primário		Juros nominais	
	2009 Jan-abr	2010 Jan-abr	2009 Jan-abr	2010 Jan-abr
Estado de Minas Gerais	-649	-1 102	556	2 831
Governo estadual	-580	-1 641	515	2 781
Capital	-16	-63	21	24
Demais municípios	-54	602	19	26

1/ Inclui informações do estado e de seus principais municípios. Dados preliminares.

**Tabela 4.15 – Dívida líquida e necessidades de financiamento – Minas Gerais<sup>1/</sup>**

UF	R\$ milhões					
	Dívida 2009 Dez	Fluxos acumulados no ano			Dívida <sup>2/</sup> 2010 Abr	
		Nominal	Outros <sup>4/</sup>			
	Primário	Juros	Total <sup>3/</sup>			
Est. Minas Gerais	50 967	-1 102	2 831	1 729	-12	52 684
Governo estadual	50 073	-1 641	2 781	1 140	-12	51 201
Capital	868	-63	24	-39	-0	829
Demais municípios	26	602	26	628	-0	654

1/ Inclui informações do estado e de seus principais municípios. Dados preliminares.

2/ A dívida líquida no momento t+1 é a dívida no momento t, mais o resultado nominal e o resultado de outros fluxos.

3/ O resultado nominal é a soma dos juros com o resultado primário.

4/ Inclui ajustes decorrentes de var. cambial, reconhecimento de dívidas e privatizações.

**Tabela 4.16 – Produção agrícola – Minas Gerais**

Discriminação	Pesos <sup>1/</sup>	Em mil toneladas			Variação %
		Produção <sup>2/</sup>			
		2009	2010 <sup>1/</sup>	2010/2009	
Grãos	37,3	10 446	10 139	-2,9	
Feijão	8,5	602	620	2,9	
Milho	15,8	6 537	6 095	-6,8	
Soja	10,9	2 751	2 857	3,8	
Outras lavouras					
Caná-de-açúcar	9,6	58 384	60 260	3,2	
Café	35,3	1 195	1 420	18,8	

Fonte: IBGE

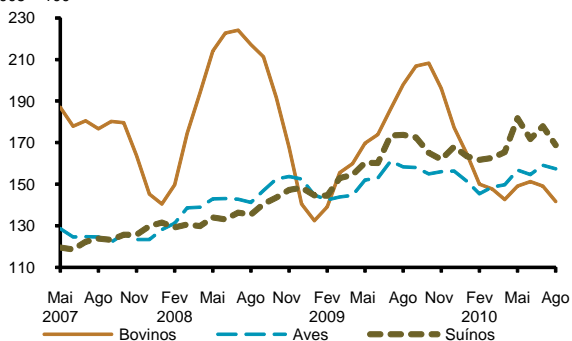
1/ Por valor da produção – PAM 2008.

2/ Estimativa segundo o LSPA de setembro de 2010.

**Gráfico 4.11 – Abates de animais – Minas Gerais**

Média móvel trimestral

2005 = 100



Fonte: Mapa

3/ De acordo com o indicador para boi gordo da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” (ESALQ) – Bolsa de Valores, Mercadorias e Futuros (BM&FBOVESPA S.A.), esses preços aumentaram 12,8% no trimestre encerrado em agosto, e 20,8% nos últimos doze meses.

R\$1,1 bilhão nos quatro primeiros meses do ano, elevando-se 69,7% em relação a igual período de 2009. Essa evolução refletiu o impacto mais acentuado das expansões respectivas de 183% e 287% nos superávits do governo estadual e da capital, em relação ao derivado da reversão, de superávit de R\$54 milhões para déficit de R\$602 milhões, no resultado primário dos demais municípios.

Os juros nominais, apropriados por competência, somaram R\$2,8 bilhões no quadrimestre, registrando expansão de 409% em relação a igual período de 2009. Esse movimento refletiu, fundamentalmente, a reversão, de -0,92% para 3,49%, na variação do IGP-DI – principal indexador dos passivos regionais renegociados com a União – e contribuiu para que o déficit nominal totalizasse R\$1,7 bilhão, ante o superávit de R\$93 bilhões no primeiro quadrimestre de 2009. A dívida líquida somou R\$52,7 bilhões em abril, elevando-se 3,4% em relação a dezembro de 2009, ressaltando-se que o aumento da dívida líquida na esfera municipal, incluindo a capital, respondeu por 34% do crescimento mencionado.

A safra de grãos do estado deve atingir 10,1 milhões de toneladas em 2010, de acordo com o LSPA de setembro, do IBGE. O recuo anual de 2,9% reflete as projeções de retração de 6,8% para a safra de milho, principal grão da região, decorrente de redução na área de plantio, e de aumento de 3,8% para a cultura de soja, que ocupou parte da área destinada anteriormente à plantação de milho. Em relação às demais culturas, destacam-se os aumentos estimados para as safras de café, 18,8%, em ciclo bianual de alta produtividade, e de cana-de-açúcar, 3,2%.

Prognóstico divulgado pela Conab, em outubro, considera que a produção de grãos do estado deverá crescer entre 0,3% e 1,3% em 2011, projeção derivada, em grande parte, da perspectiva de aumento, entre 4,9% e 5,9%, na produção de soja. Para a lavoura de milho, responsável por aproximadamente 60% dos grãos produzidos no estado, a estimativa é de crescimento anual de -0,7% a 0,2%.

Os abates de bovinos em estabelecimentos fiscalizados pelo SIF, que abrangem cerca de 70% dos realizados no estado, recuaram 14,8% nos oito primeiros meses do ano, em relação a igual período de 2009, enquanto os relacionados a aves e a suínos elevaram-se, respectivamente, 3% e 5,8%. Vale ressaltar que a recuperação recente registrada nos preços do boi gordo<sup>3</sup> refletiu a escassez de animais prontos para

**Tabela 4.17 – Exportação por fator agregado – FOB**

Janeiro-setembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Minas Gerais		Brasil	
	2009	2010	Var. %	Var. %
Total	14 105	21 005	48,9	29,6
Básicos	8 145	12 235	50,2	36,6
Industrializados	5 960	8 770	47,2	24,2
Semimanufaturados	2 692	4 569	69,7	38,7
Manufaturados <sup>1/</sup>	3 268	4 201	28,6	19,8

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

**Tabela 4.18 – Importação por categoria de uso – FOB**

Janeiro-setembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Minas Gerais		Brasil	
	2009	2010	Var. %	Var. %
Total	5 291	7 381	39,5	45,8
Bens de consumo	826	1 123	35,9	51,1
Duráveis	702	972	38,4	68,5
Não duráveis	124	151	22,0	31,7
Bens intermediários	2 346	3 416	45,6	43,3
Bens de capital	1 586	1 960	23,6	38,9
Combustíveis e lubrificantes	533	881	65,4	61,1

Fonte: MDIC/Secex

**Tabela 4.19 – Evolução do emprego formal – Minas Gerais**

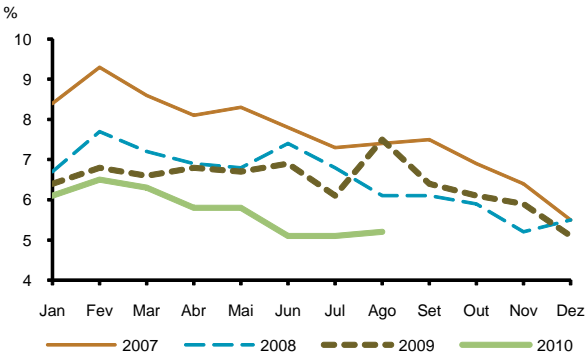
Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) <sup>1/</sup>				
	2009		2010		
	Ago	Nov	Fev	Mai	Ago
Total	57,2	48,3	-1,8	145,7	71,3
Indústria de transformação	10,5	24,6	1,6	35,3	15,9
Comércio	8,6	28,8	2,4	10,5	11,5
Serviços	14,1	23,9	5,0	33,9	25,0
Construção civil	12,4	8,9	-0,4	15,2	15,4
Agropecuária	11,1	-39,5	-10,2	48,7	1,9
Ind. extrativa mineral	0,1	1,6	0,3	1,5	1,3
Outros <sup>2/</sup>	0,4	0,2	-0,4	0,6	0,2

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui serviços industriais de utilidade pública, administração pública e outras.

**Gráfico 4.12 – Taxa de desemprego aberto – Belo Horizonte**

Fonte: IBGE

abate, decorrente da retração nos investimentos na formação do estoque em 2008, quando a crise financeira internacional e os embargos sanitários de alguns países importadores sensibilizaram as cotações da *commodity*. No curto prazo, a alta dos preços do boi gordo encoraja a formação de expectativas positivas, impulsionando a cadeia produtiva da bovinocultura de corte.

A balança comercial de Minas Gerais registrou superávit de US\$13,6 bilhões nos nove primeiros meses do ano, resultado 54,6% superior ao acumulado no período correspondente de 2009, de acordo com a Secretaria de Comércio Exterior (Secex)/MDIC. As exportações, retomando o nível pré-crise, somaram US\$21 bilhões e as importações totalizaram US\$7,4 bilhões, elevando-se, na ordem, 48,9% e 39,5%, no período.

A ampliação das exportações, observada em todas as categorias de fator agregado, decorreu de aumentos nos preços, 34%, e no *quantum*, 11,1%, ressaltando-se o dinamismo das vendas de produtos semimanufaturados, 69,7%, e básicos, 50,2%. A elevação das importações, generalizada em todas as categorias de uso, refletiu as variações assinaladas no *quantum*, 44,6%, e nos preços, -3,5%. Vale destacar as expansões nas aquisições de combustíveis e lubrificantes, 65,4%, e de bens intermediários, 45,6%.

A evolução recente da economia mineira proporcionou, de acordo com o Caged/MTE, a criação de 71,3 mil empregos formais no trimestre encerrado em agosto, ante 57,2 mil em igual intervalo de 2009, dos quais 25 mil no setor de serviços, 15,9 mil na indústria de transformação e 15,4 mil na construção civil. Na margem, considerando dados dessazonalizados, o nível de emprego aumentou 1,1% no trimestre encerrado em agosto, em relação ao finalizado em maio, ressaltando-se as expansões registradas na indústria extrativa mineral e no comércio, ambas de 2,3%; na construção civil, 2,2%; no setor de serviços, 1,8%; e na indústria de transformação, 1,5%.

A taxa média de desemprego na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) atingiu 5,1% no trimestre encerrado em agosto, ante 6% naquele finalizado em maio e 6,8% em igual período de 2009, segundo a PME do IBGE. A massa de rendimento real habitual média registrou elevação de 8% no trimestre encerrado em agosto, em relação ao terminado em maio, refletindo variações de 6,2% no rendimento real médio habitualmente recebido e de 1,7% no número de ocupados.

**Tabela 4.20 – IPCA – Belo Horizonte**

Discriminação	Pesos <sup>1/</sup>	Variação % trimestral			
		2009	2010		
		IV Tri	I Tri	II Tri	III Tri
IPCA	100,0	1,21	2,12	1,09	0,40
Livres	68,8	1,08	2,76	1,24	0,51
Comercializáveis	32,2	0,23	1,78	0,05	0,85
Não comercializáveis	36,6	1,88	3,66	2,32	0,21
Monitorados	31,2	1,50	0,77	0,77	0,15
Principais itens					
Alimentos e bebidas	22,6	0,96	4,04	0,60	0,05
Habitação	13,4	1,24	0,67	1,07	0,38
Artigos de residência	4,0	1,14	0,79	0,73	0,72
Vestuário	6,7	1,44	1,96	2,99	0,30
Transportes	18,9	2,17	0,82	0,21	0,04
Saúde	10,4	0,83	1,14	2,26	1,01
Despesas pessoais	11,0	1,48	2,90	2,77	1,12
Educação	7,1	0,01	5,19	0,15	0,87
Comunicação	5,8	0,56	0,10	0,17	0,07

Fonte: IBGE

1/ Referentes a março de 2010.

O IPCA da RMBH cresceu 0,40% no trimestre finalizado em setembro, ante 1,09% naquele encerrado em junho, movimento decorrente de desacelerações nos preços livres, de 1,24% para 0,51%, e nos monitorados de 0,77% para 0,15%, esta evidenciando a retração de 1,71% no preço da energia elétrica residencial. A evolução dos preços livres refletiu a desaceleração, de 2,32% para 0,21%, registrada no segmento de itens não comercializáveis, com destaque para o recuo de 11,32% nos preços de cereais e para a desaceleração, de 3,55% para 0,24%, no custo da alimentação fora do domicílio; e a aceleração, de 0,05% para 0,85%, no segmento de bens comercializáveis, influenciada pelo aumento de 6,93% no grupo carnes e pescados. O índice de difusão, evidenciando menor disseminação dos reajustes de preços no estado, atingiu 43,4%, ante 46,7% no trimestre finalizado em junho.

Considerados períodos de doze meses, a variação do IPCA da RMBH atingiu 4,91% em setembro, ante 4,97% em junho, desaceleração decorrente de retrações nas variações dos preços livres, de 5,74% para 5,69%, e dos monitorados, de 3,30% para 3,23%.

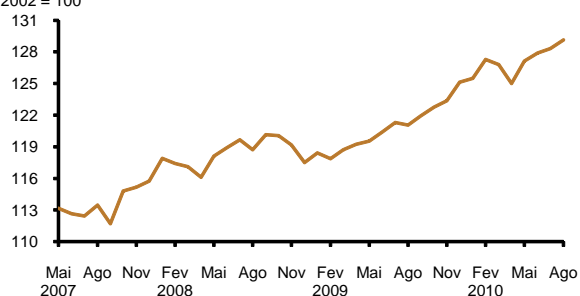
A desaceleração registrada, na margem, na atividade econômica do estado deve ser compreendida sob perspectiva da elevada base de comparação representada pelo trimestre encerrado em maio, bem como do encerramento dos incentivos fiscais na comercialização de automóveis de passeio. Por outro lado, a manutenção do dinamismo na indústria extrativa, alavancado pela demanda externa, com desdobramentos sobre os investimentos no segmento; e a manutenção da tendência de geração de empregos, em especial no setor de serviços, na indústria de transformação e na construção civil, exercendo impacto favorável sobre a massa salarial e sobre a sustentabilidade da demanda interna, constituem indicativos importantes de manutenção do ciclo de crescimento da economia mineira.

## Rio de Janeiro

**Gráfico 4.13 – Índice de Atividade Econômica Regional – Rio de Janeiro (IBCR-RJ)**

Dados dessazonalizados

2002 = 100



**Tabela 4.21 – Índice de vendas no varejo – Rio de Janeiro**  
Geral e setores selecionados

Setores	Variação % no período			
	2009		2010	
	Mai <sup>1/</sup>	Ago <sup>1/</sup>	Mai <sup>1/</sup>	12 meses
Comércio varejista	5,7	1,4	2,6	9,0
Combustíveis e lubrificantes	-1,8	-4,7	1,7	1,3
Hiper e supermercados	6,8	1,7	2,6	11,1
Tecidos, vestuário e calçados	-11,8	9,8	2,0	3,7
Móveis e eletrodomésticos	6,8	1,0	1,3	17,9
Comércio ampliado	6,1	2,3	-0,3	9,2
Veículos e motos, partes e peças	8,1	2,9	-7,0	9,7
Material de construção	0,4	4,7	13,2	10,9

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

**Tabela 4.22 – Produção industrial – Rio de Janeiro**  
Geral e setores selecionados

Setores	Pesos <sup>1/</sup> 2010	Variação % no período		
		Mai <sup>2/</sup>	Ago <sup>2/</sup>	Ac. 12 meses
		Indústria geral	100,0	0,9
Indústria de transformação	77,0	-1,7	4,7	9,3
Indústria extrativa	23,0	-0,9	-2,6	1,1
Refino de petróleo e álcool	13,0	-11,8	15,0	2,0
Metalurgia básica	9,9	6,5	2,0	27,9
Edição, imp. e rep. gravações	8,2	-3,1	5,1	-2,7
Alimentos	7,7	-4,0	0,2	-1,7
Outros produtos químicos	7,1	-1,6	7,8	1,5

Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

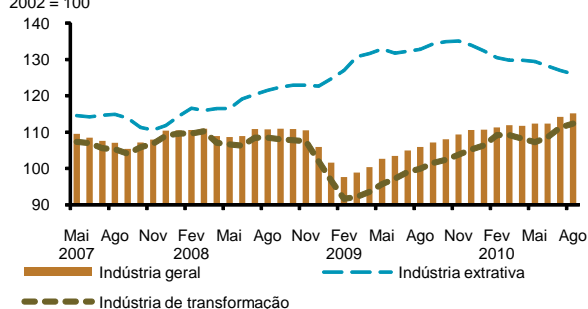
A economia do estado do Rio de Janeiro segue em trajetória de crescimento, registrando-se, na margem, expansões nas vendas varejistas, na produção industrial e no nível de emprego. Nesse cenário, o IBCR-RJ aumentou 1,7% no trimestre encerrado em agosto, em relação ao finalizado em maio, quando registrara crescimento de 0,3%, no mesmo tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados. A variação do IPCA da Região Metropolitana do Rio de Janeiro (RMRJ) registrou desaceleração na margem, trajetória associada, em grande parte, aos recuos nos preços dos alimentos.

As vendas do comércio varejista cresceram 2,6% no trimestre encerrado em agosto, em relação ao finalizado em maio, quando haviam se elevado 1,4%, nesse tipo de comparação, de acordo com dados dessazonalizados da PMC do IBGE. A expansão trimestral, em ambiente de aumento da massa salarial, refletiu, em especial, as elevações nas vendas relativas a artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos, 3,8%; hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo, 2,6%; tecidos, vestuário e calçados, 2%; e móveis e eletrodomésticos, 1,3%, as duas últimas impulsionadas, adicionalmente, pelo aumento do volume de crédito e pelas vendas associadas ao Dia dos Pais. O comércio ampliado, incorporando a retração de 7% nas vendas de veículos, motos, partes e peças, impactadas pelo término da redução do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) sobre automóveis, e o aumento de 13,2% nas relativas a material de construção, beneficiadas pelos programas governamentais de incentivo à habitação, recuou 0,3% no período. Considerados períodos de doze meses, o comércio varejista do estado cresceu 9% em agosto, em relação a igual período de 2009, e o comércio ampliado, 9,2%.

A produção industrial fluminense aumentou 2,5% no trimestre finalizado em agosto, em relação ao encerrado em maio, quando havia se elevado 0,9%, no mesmo tipo de comparação, segundo dados dessazonalizados da PIM-PF do IBGE. A indústria extrativa recuou 2,6% e a de transformação, refletindo resultados positivos em nove das doze atividades pesquisadas, com ênfase no relativo a refino de petróleo e álcool, cresceu 4,7% no trimestre. Ressalte-se que a produção de veículos, embora impactada pelo esgotamento dos estímulos fiscais ao setor, cresceu 3,3% no trimestre, décimo primeiro resultado positivo em sequência, nesse tipo de comparação.

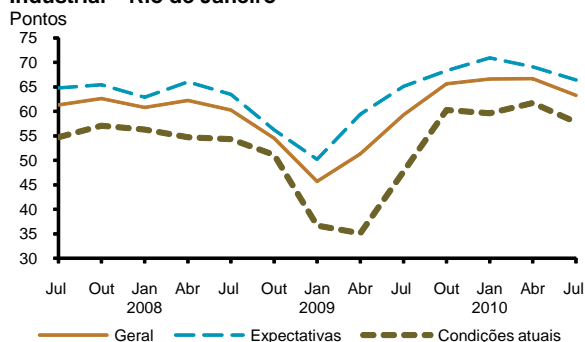
**Gráfico 4.14 – Produção industrial – Rio de Janeiro**

Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral  
2002 = 100



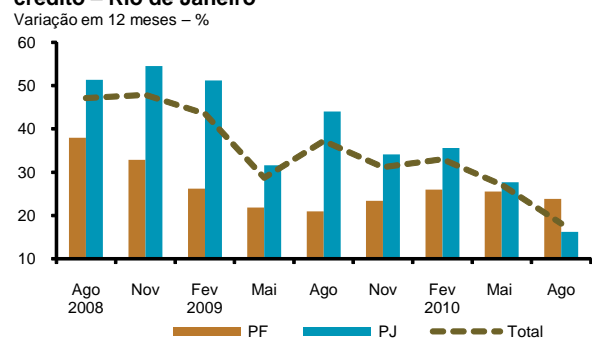
Fonte: IBGE

**Gráfico 4.15 – Índice de Confiança do Empresário Industrial – Rio de Janeiro**



Fonte: Firjan

**Gráfico 4.16 – Evolução do saldo das operações de crédito – Rio de Janeiro<sup>1/</sup>**



1/ Operações com saldo superior a R\$5 mil.

**Tabela 4.23 – Necessidades de financiamento – Rio de Janeiro<sup>1/</sup>**

Discriminação	R\$ milhões			
	Resultado primário		Juros nominais	
	2009	2010	2009	2010
	Jan-abr	Jan-abr	Jan-abr	Jan-abr
Total	-2 485	-3 809	156	2 295
Governo estadual	-973	-1 693	12	2 322
Capital	-1420	-1 845	142	-28
Demais municípios	-91	-271	2	1

1/ Inclui informações do estado e de seus principais municípios. Dados preliminares.

Considerados períodos de doze meses, a indústria do estado cresceu 7,5% em agosto, em relação a igual intervalo do ano anterior, sétima alta consecutiva, nesse tipo de comparação. A indústria extrativa cresceu 1,1%, e a de transformação, 9,3%.

A evolução dos indicadores industriais da Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan) mostra-se consistente com o dinamismo, na margem, da indústria do estado, apontado por indicadores produzidos pelo IBGE. Nesse sentido, excetuada a retração de 0,5% registrada nas horas trabalhadas, ocorreram avanços importantes nos demais indicadores no trimestre encerrado em agosto, em relação ao finalizado em maio. As vendas reais elevaram-se 1,8%, o pessoal ocupado, 2%, e a massa salarial, 0,7%, enquanto o Nuci médio atingiu 83,7%, patamar 1,3 p.p. superior ao assinalado no trimestre encerrado em maio.

O Icei, da Firjan, permanecendo em patamar elevado, totalizou 63,3 pontos em julho, ante 66,7 pontos em abril, quando atingiu o recorde da série, iniciada em abril de 2005. Os componentes condições atuais e expectativas registraram 57,8 pontos e 66,4 pontos, respectivamente, recuando, na ordem, 3,9 pontos e 2,7 pontos no trimestre.

O saldo das operações de crédito superiores a R\$5 mil totalizou R\$186,4 bilhões em agosto, dos quais R\$50,8 bilhões no segmento de pessoas físicas e R\$135,6 bilhões no de pessoas jurídicas, registrando expansões de 6,7% no trimestre e de 18,2% em doze meses. A evolução trimestral refletiu acréscimos respectivos de 4,7% e 7,5% nos segmentos de pessoas físicas e de pessoas jurídicas, enquanto o aumento em doze meses traduziu elevações de 23,8% e 16,2%, respectivamente. A inadimplência relativa a essas operações de crédito atingiu 2,1% em agosto, ressaltando-se que o recuo trimestral de 0,1 p.p. no indicador refletiu, em especial, a variação de -0,4 p.p. no segmento de pessoas físicas.

Os governos do estado, da capital e dos principais municípios do Rio de Janeiro registraram superávit primário de R\$3,8 bilhões nos primeiros quatro meses de 2010. O aumento de 53,3% em relação a igual período do ano anterior refletiu as elevações assinaladas nos superávits do estado, 74%, com ênfase na contribuição do crescimento real de 11,1% na arrecadação do ICMS; da capital, 29,9%; e dos demais municípios, 196,5%.

**Tabela 4.24 – Dívida líquida e necessidades de financiamento – Rio de Janeiro<sup>1/</sup>**

Discriminação	R\$ milhões				
	Dívida 2009 Dez	Fluxos acumulados no ano			Dívida <sup>2/</sup> 2010 Abr
		Nominal Primário	Juros	Total <sup>3/</sup> Outros <sup>4/</sup>	
Total	50 723	-3 809	2 295	-1 514	-37 49 172
Governo estadual	47 102	-1 693	2 322	629	-36 47 696
Capital	3 985	-1 845	-28	-1 873	-1 2 111
Demais municípios	-364	-271	1	-270	-0 -635

1/ Inclui informações do estado e de seus principais municípios. Dados preliminares.

2/ A dívida líquida no momento t+1 é a dívida no momento t, mais o resultado nominal e o resultado de outros fluxos.

3/ O resultado nominal é a soma dos juros com o resultado primário.

4/ Inclui ajustes decorrentes de var. cambial, reconhecimento de dívidas e privatizações.

**Tabela 4.25 – Produção agrícola – Rio de Janeiro**  
Itens selecionados

Discriminação	Em mil toneladas			
	Pesos <sup>1/</sup>	Produção <sup>2/</sup>		Variação % 2010/2009
		2009	2010 <sup>1/</sup>	
Grãos				
Feijão	1,3	5	4	-10,9
Milho	1,4	20	18	-10,0
Outras lavouras				
Cana-de-açúcar	19,3	6 482	6 395	-1,3
Mandioca	8,1	131	207	58,5
Tomate	30,1	216	205	-5,2

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2008.

2/ Estimativa segundo o LSPA de setembro de 2010.

**Tabela 4.26 – Exportação por fator agregado – FOB**  
Janeiro-setembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Rio de Janeiro			Brasil
	2009	2010	Var. %	
Total	9 248	13 735	48,5	29,6
Básicos	5 948	10 274	72,7	36,6
Industrializados	3 300	3 461	4,9	24,5
Semimanufaturados	124	82	-34,0	38,7
Manufaturados <sup>1/</sup>	3 175	3 379	6,4	20,4

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

**Tabela 4.27 – Importação por categoria de uso – FOB**  
Janeiro-setembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Rio de Janeiro			Brasil
	2009	2010	Var. %	
Total	8 087	12 086	49,5	45,8
Bens de consumo	1 280	2 041	59,4	50,9
Duráveis	578	995	72,3	68,5
Não duráveis	702	1 045	48,8	31,7
Bens intermediários	3 207	4 136	29,0	43,3
Bens de capital	1 437	2 635	83,3	38,9
Combustíveis e lubrificantes	2 163	3 274	51,4	61,1

Fonte: MDIC/Secex

Os juros nominais, apropriados por competência, totalizaram R\$2,3 bilhões, ressaltando-se que o aumento de 1.372% registrado em relação ao primeiro quadrimestre de 2009 refletiu, fundamentalmente, a reversão da variação do IGP-DI – principal indexador dos passivos estaduais – no período. O superávit nominal totalizou R\$1,5 bilhão, recuando 35% em relação ao assinalado nos quatro primeiros meses de 2009.

A dívida líquida atingiu R\$49,2 bilhões em abril, reduzindo-se 3,1% em relação a dezembro de 2009, e representando 11,7% do total da dívida dos estados e municípios brasileiros. Registraram-se, no período, crescimentos de 1,3% na esfera estadual e de 74,2% na dos demais municípios, e recuo de 47% na dívida da capital.

A produção de cana-de-açúcar, cultura mais representativa no estado, deverá recuar 1,3% em 2010, segundo o LSPA de agosto, mesmo ocupando área 14,2% maior do que no ano anterior. Em sentido oposto, a produção de mandioca deverá aumentar 58,5%, para 207 mil toneladas.

A balança comercial do estado acumulou superávit de US\$1,6 bilhão nos nove primeiros meses do ano, ante US\$1,2 bilhão em igual período de 2009, de acordo com o MDIC. As exportações totalizaram US\$13,7 bilhões e as importações, US\$12,1 bilhões, registrando crescimentos respectivos de 48,5% e 49,4%. As vendas e as compras externas de óleos brutos de petróleo, representando, na ordem, 74,7% e 15,5% dos respectivos fluxos totais, cresceram 72,8% e 19,4% no período e proporcionaram superávit de US\$8,4 bilhões, contrastando com o déficit de US\$6,7 bilhões resultante das demais transações comerciais do estado.

A elevação das exportações, em patamar superior à assinalada no país, traduziu os crescimentos respectivos de 48% e 1,3% assinalados nos preços e no *quantum* exportado, ressaltando-se o aumento de 72,7% nas vendas de produtos básicos, das quais 99,8% relativas a óleos brutos de petróleo. A expansão das importações, refletindo aumentos de 2,6% nos preços e de 46,1% no *quantum*, decorreu de expansões nas aquisições em todas as categorias de uso, ressaltando-se a elevação de 72,3% nas referentes a bens de consumo duráveis.

O mercado de trabalho formal do estado gerou, de acordo com o Caged/MTE, 55,3 mil postos no trimestre encerrado em agosto, dos quais 27,2 mil no setor de serviços, 9,9 mil na indústria de transformação e 9,6 mil no comércio, ante 59,5 mil no trimestre finalizado em maio e 30,9 mil

**Tabela 4.28 – Evolução do emprego formal –**

**Rio de Janeiro**

Novos postos

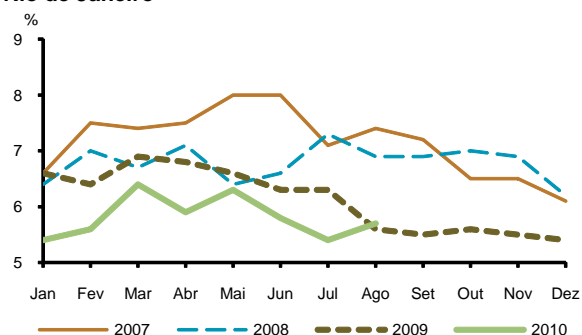
Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) <sup>1/</sup>				
	2009		2010		
	Ago	Nov	Fev	Mai	Ago
Total	30,9	56,0	5,0	59,5	55,3
Indústria de transformação	4,5	9,0	-0,6	10,8	9,9
Comércio	9,5	21,4	-1,2	10,7	9,6
Serviços	13,9	25,4	9,2	29,7	27,2
Construção civil	1,4	0,4	2,3	5,0	7,7
Agropecuária	1,5	-1,0	-1,8	2,2	0,5
Serv. ind. de util. pública	0,0	0,2	2,1	0,8	0,6
Outros <sup>2/</sup>	0,1	0,4	-4,9	0,2	-0,2

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outras.

**Gráfico 4.17 – Taxa de desemprego aberto – Rio de Janeiro**



Fonte: IBGE

**Tabela 4.29 – IPCA – Rio de Janeiro**

Discriminação	Pesos <sup>1/</sup>	Variação % trimestral			
		2009	2010		
		IV Tri	I Tri	II Tri	III Tri
IPCA	100,0	0,92	2,62	1,37	0,13
Livres	66,8	0,63	3,11	1,61	0,05
Comercializáveis	30,8	0,52	1,81	1,77	0,53
Não comercializáveis	36,0	0,73	4,25	1,48	-0,36
Monitorados	33,2	1,52	1,66	0,91	0,29
Principais itens					
Alimentação	22,7	0,95	4,17	1,00	-0,35
Habitação	14,6	0,69	1,73	2,15	0,38
Artigos de residência	4,1	2,11	2,29	2,87	-0,60
Vestuário	5,5	2,47	-0,29	2,85	1,31
Transportes	19,8	1,33	3,38	0,12	-0,51
Saúde	11,0	0,72	0,80	2,47	1,22
Despesas pessoais	8,7	0,05	1,02	3,12	0,38
Educação	7,2	0,26	7,04	0,11	0,56
Comunicação	6,4	0,43	0,26	0,02	0,01

Fonte: IBGE

1/ Referentes a setembro de 2010.

no período correspondente de 2009. No ano, foram criadas 127,6 mil vagas, melhor resultado para o período desde o início da série, em janeiro de 1997. Considerando dados dessazonalizados, o nível de emprego formal do estado cresceu 1,5% no trimestre encerrado em agosto, em relação ao finalizado em maio.

A taxa média de desemprego na RMRJ atingiu, de acordo com a PME do IBGE, 5,6% no trimestre encerrado em agosto, ante 6% em igual período de 2009, resultado de crescimentos de 2,7% na população ocupada e de 2,2% na PEA, enquanto o rendimento médio real habitualmente recebido pelas pessoas ocupadas e a massa de rendimento elevaram-se 7,4% e 5,5%, respectivamente. A análise na margem, considerados dados dessazonalizados, revelou que a taxa de desemprego recuou 0,3 p.p. em relação ao trimestre finalizado em maio.

O IPCA da RMRJ aumentou 0,13% no trimestre encerrado em setembro, ante 1,37% naquele finalizado em junho. Esse movimento refletiu as desacelerações registradas nas variações dos preços livres, de 1,61% para 0,05%, e dos monitorados, de 0,91% para 0,29%, esta evidenciando, em especial, a retração de 2,81% no preço do item emplacamento e licença.

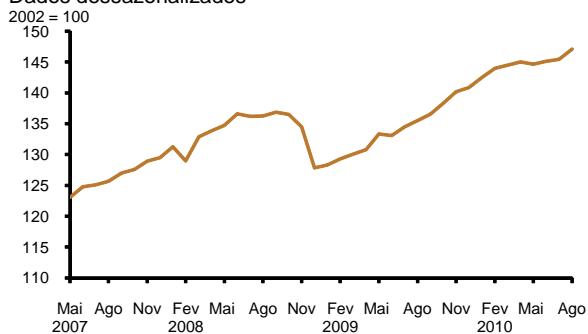
O comportamento dos preços livres decorreu da reversão registrada na variação dos preços dos itens não comercializáveis, de 1,48% para -0,36%, com ênfase no impacto da continuação da trajetória declinante dos preços dos alimentos *in natura*; e da desaceleração, de 1,77% para 0,53%, observada no âmbito dos comercializáveis, esta influenciada pelos recuos nos preços dos itens açúcar refinado e automóvel novo.

O dinamismo experimentado pela economia fluminense no período recente tende a persistir nos próximos meses, em ambiente de continuidade da evolução positiva do mercado de trabalho e do comércio varejista, bem como da intensificação das operações de crédito. Essa perspectiva é sustentada, adicionalmente, pelos impactos diretos e indiretos associados aos investimentos vinculados à Copa do Mundo e às Olimpíadas. Vale mencionar, no entanto, que a dinâmica da indústria do estado segue bastante dependente da indústria extrativa, e que o desempenho da balança comercial mostra-se, igualmente, dependente das exportações de petróleo, favorecidas, no período recente, pela evolução dos preços da *commodity*.



**Gráfico 4.18 – Índice Regional de Atividade Econômica – São Paulo (IBCR-SP)**

Dados dessazonalizados



**Tabela 4.30 – Comércio varejista – São Paulo**

Geral e setores selecionados

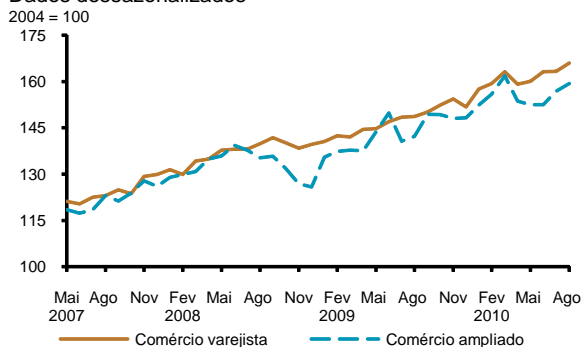
Setores	Variação % no período			
	2009	2010		
		Mai <sup>1/</sup>	Ago <sup>1/</sup>	12 meses
Comércio varejista	7,2	2,9	2,1	10,5
Combustíveis e lubrificantes	1,6	3,2	-0,1	6,8
Hiper e supermercados	11,3	3,5	1,7	10,6
Tecidos, vestuário e calçados	-3,3	6,4	0,4	6,9
Móveis e eletrodomésticos	1,7	0,8	1,2	15,1
Comércio ampliado	7,7	2,5	0,2	11,9
Automóveis e motocicletas	11,9	2,5	-0,4	15,3
Material de construção	-8,3	6,6	-0,3	7,0

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

**Gráfico 4.19 – Comércio varejista – São Paulo**

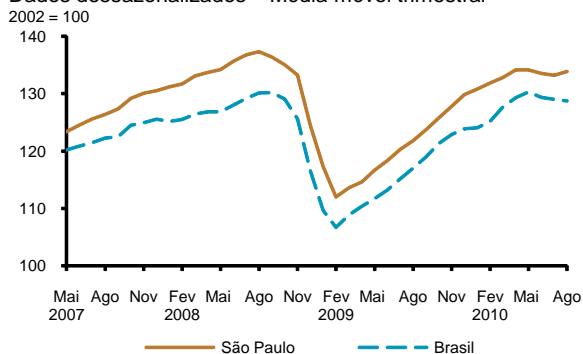
Dados dessazonalizados



Fonte: IBGE

**Gráfico 4.20 – Produção industrial – São Paulo**

Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral



Fonte: IBGE

## São Paulo

A atividade econômica no estado mostra certa acomodação, em patamar elevado, no terceiro trimestre do ano. A produção industrial e as vendas de veículos e de materiais de construção registraram acomodação na margem, movimento consistente com a base de comparação elevada, decorrente da antecipação de compras observada nos primeiros meses do ano. Nesse ambiente, o IBCR-SP cresceu 0,8% no trimestre encerrado em agosto, em relação ao finalizado em maio, quando havia aumentado 1,6%, na mesma base de comparação, considerados dados dessazonalizados.

As vendas do comércio varejista de São Paulo cresceram 2,1% no trimestre encerrado em agosto, em relação ao finalizado em maio, quando haviam expandido 2,9%, no mesmo tipo de comparação, de acordo com dados dessazonalizados da PMC do IBGE, com ênfase no aumento de 1,7% no setor supermercados, hipermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo. O comércio ampliado, incorporadas as retrações nas vendas de veículos, motos, partes e peças, 0,4%, e de materiais de construção, 0,3%, registrou elevação de 0,2%, ante 2,5% no trimestre encerrado em maio.

Considerados períodos de doze meses, o comércio varejista do estado cresceu 10,5% em agosto, em relação a igual período de 2009, enquanto o comércio ampliado registrou expansão de 11,9%.

A indústria paulista recuou 0,2% no trimestre encerrado em agosto, em relação ao terminado em maio, quando cresceu 1,7%, nesse tipo de comparação, de acordo com dados dessazonalizados da PIM-PF do IBGE. Ocorreram reduções em quatorze dos vinte setores considerados na pesquisa, ressaltando-se a relativa à indústria de produtos de metal, 12,7%. Adicionalmente, a taxa de crescimento da indústria automobilística, que detém maior participação na estrutura industrial do estado, recuou de 7,8%, no trimestre encerrado em maio, para 2,1%. A análise em doze meses revela que a indústria do estado cresceu 9% em agosto, em relação a igual intervalo do ano anterior, ante expansão de 3,3% em maio.

A continuidade da recuperação da atividade industrial no estado foi confirmada pelo desempenho dos indicadores da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp). Nesse sentido, considerados dados dessazonalizados, as vendas reais do setor cresceram 0,6% no trimestre finalizado em agosto, em relação ao encerrado em maio, enquanto as

**Tabela 4.31 – Produção industrial – São Paulo**

Geral e setores selecionados

Setores	Variação % no período			
	Pesos <sup>1/</sup> 2010	12 meses		
		Mai <sup>2/</sup>	Ago <sup>2/</sup>	12 meses
Indústria geral	100,0	1,7	-0,2	9,0
Veículos automotores	11,8	7,8	2,1	24,7
Alimentos	9,9	6,7	1,3	5,4
Farmacêutica	8,0	-2,4	-9,4	-1,7
Refino de petróleo e álcool	7,7	-14,8	17,4	-3,3
Outros produtos químicos	7,6	1,6	-2,9	14,3
Máquinas e equipamentos	7,5	5,3	-2,1	16,0

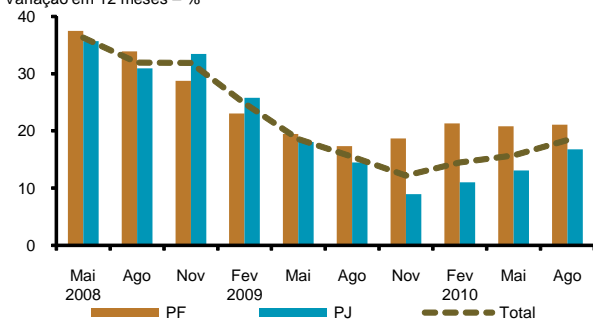
Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

**Gráfico 4.21 – Evolução do saldo das operações de crédito – São Paulo<sup>1/</sup>**

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$5 mil.

**Tabela 4.32 – Necessidades de financiamento – SP<sup>1/</sup>**

UF	R\$ milhões			
	Resultado primário		Juros nominais	
	2009 Jan-abr	2010 Jan-abr	2009 Jan-abr	2010 Jan-abr
Estado de S. Paulo	-4 344	-7 570	2 111	10 176
Governo estadual	-2 332	-5 462	1 011	6 853
Capital	-2 212	-810	970	3 169
Demais municípios	200	-1 298	131	154

1/ Inclui informações do estado e de seus principais municípios. Dados preliminares.

**Tabela 4.33 – Dívida líquida e necessidades de financiamento – São Paulo<sup>1/</sup>**

UF	R\$ milhões					
	Dívida	Fluxos acumulados no ano				Dívida <sup>2/</sup>
		2009 Dez	Nominal	Outros <sup>4/</sup>	2010 Abr	
		Primário	Juros	Total <sup>3/</sup>		
Estado São Paulo	202 186	-7 570	10 176	2 606	-1 378	203 415
Governo estadual	151 458	-5 462	6 853	1 391	-1 374	151 475
Capital	49 637	-810	3 169	2 359	-1	51 994
Demais municípios	1 092	-1 298	154	-1 144	-3	-55

1/ Inclui informações do estado e de seus principais municípios. Dados preliminares.

2/ A dívida líquida no momento t+1 é a dívida no momento t, mais o resultado nominal e o resultado de outros fluxos.

3/ O resultado nominal é a soma dos juros com o resultado primário.

4/ Inclui ajustes decorrentes de var. cambial, reconhecimento de dívidas e privatizações.

horas trabalhadas na produção aumentaram 2,2%. O Nuci passou de 82,1%, em maio, para 82,4%, em agosto.

O Índice de Confiança do Consumidor (ICC), medido pela Federação do Comércio do Estado de São Paulo (Fecomercio SP), cresceu 3,4% no trimestre encerrado em setembro, em relação ao finalizado em junho, reflexo das retrações assinaladas nos componentes associados às condições econômicas atuais, 3,9%, e às expectativas, 1,6%. O ICC cresceu 12,7% em relação a igual trimestre de 2009, resultado de aumentos respectivos de 15,2% e 9,5% nos componentes mencionados.

O saldo das operações de crédito superiores a R\$5 mil realizadas no estado atingiu R\$469,4 bilhões em agosto, expandindo 5,6% no trimestre e 18,3% em doze meses. A carteira de pessoas físicas, evidenciando o dinamismo das modalidades crédito imobiliário e crédito pessoal, somou R\$169,4 bilhões, aumentando 5,1% no trimestre e 21,1% em doze meses. O estoque dos créditos concedidos no segmento de pessoas jurídicas, impulsionado pelas modalidades de empréstimos para capital de giro, aquisição de bens e financiamentos imobiliários, totalizou R\$300 bilhões, elevando-se 5,9% e 16,8%, respectivamente, nos períodos considerados.

A inadimplência nas operações de crédito em São Paulo atingiu 2,8% em agosto. A redução trimestral de 0,3 p.p. refletiu os recuos de 0,5 p.p. na carteira de pessoas físicas e de 0,2 p.p. na de pessoas jurídicas, que situaram-se em 4,1% e 2,1%, respectivamente.

Os governos do estado, da capital e dos principais municípios de São Paulo registraram superávit primário de R\$7,6 bilhões nos quatro primeiros meses do ano, resultado 74,3% superior ao assinalado em igual intervalo de 2009. Esse movimento refletiu, em especial, o aumento de 134%, favorecido pelo desempenho da arrecadação do ICMS, registrado no superávit do governo estadual e a reversão, de déficit de R\$200 milhões para superávit de R\$1.298 milhões no resultado dos municípios.

Os juros nominais, apropriados por competência, somaram R\$10,2 bilhões no período, ante R\$2,1 bilhões no mesmo período de 2009, elevação associada ao comportamento do IGP-DI, no período. O déficit nominal atingiu R\$2,6 bilhões, ante superávit de R\$2,2 bilhões de janeiro a abril de 2009.

A dívida líquida do estado e dos principais municípios totalizou R\$203,4 bilhões em abril, com aumento

**Tabela 4.34 – Produção agrícola – São Paulo**

Itens selecionados

Discriminação	Pesos <sup>1/</sup>	Em mil toneladas		
		Produção <sup>2/</sup>		Var. %
		2009	2010	
Produção de grãos		6 575	7 015	6,7
Arroz (em casca)	0,2	75	64	-15,6
Feijão	2,7	326	319	-2,3
Milho	7,0	4 281	4 540	6,1
Soja	4,3	1 306	1 586	21,4
Outras lavouras selecionadas				
Café	3,8	194	219	13,0
Cana-de-açúcar	48,5	400 539	395 729	-1,2
Laranja	17,2	14 385	14 898	3,6

Fonte: IBGE

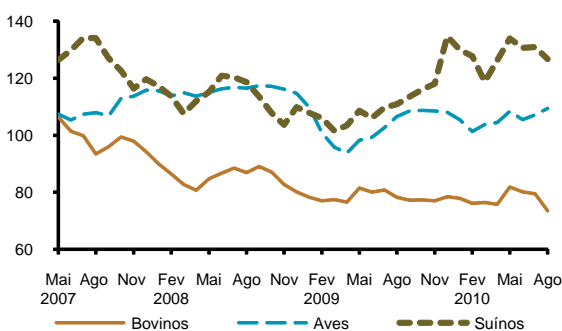
1/ Por valor da produção – PAM 2008.

2/ Estimativa segundo o LSPA de setembro 2010.

**Gráfico 4.22 – Abates de animais – São Paulo**

Média móvel trimestral

2005 = 100



Fonte: Mapa

**Tabela 4.35 – Exportação por fator agregado – FOB**

Janeiro-setembro

Discriminação	US\$ milhões			
	São Paulo		Brasil	
	2009	2010	Var. %	Var. %
Total	30 564	37 568	22,9	29,6
Básicos	2 237	3 008	34,5	36,6
Industrializados	28 327	34 559	22,0	24,5
Semimanufaturados	3 666	5 457	48,8	38,7
Manufaturados <sup>1/</sup>	24 660	29 102	18,0	20,4

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

**Tabela 4.36 – Importação por categoria de uso – FOB**

Janeiro-setembro

Discriminação	US\$ milhões			
	São Paulo		Brasil	
	2009	2010	Var. %	Var. %
Total	36 141	49 589	37,2	45,8
Bens de consumo	5 390	7 024	30,3	51,1
Duráveis	1 979	2 776	40,3	68,5
Não duráveis	3 411	4 248	24,5	31,7
Bens intermediários	18 179	24 759	36,2	43,3
Bens de capital	9 361	12 734	36,0	38,9
Combustíveis e lubrificantes	3 211	5 072	57,9	61,1

Fonte: MDIC/Secex

de 0,6% em relação a dezembro de 2009, mantendo a participação de 67% na dívida da região Sudeste.

A safra de grãos do estado deverá totalizar 7 milhões de toneladas em 2010, de acordo com o LSPA de setembro do IBGE. A expansão anual, projetada em 6,7%, reflete os aumentos estimados para as produções de soja, 21,4%, e milho, 6,1%, e as retrações previstas para as culturas de arroz, 15,6%, e feijão, 2,3%. Em relação às demais lavouras, destacam-se os aumentos respectivos de 13% e 3,6% projetados para as produções de café, em ciclo bianual de alta produtividade, e de laranja.

Os abates de bovinos, aves e suínos em estabelecimentos fiscalizados pelo SIF, que representam 95% dos abates no estado no primeiro segmento e 90% nos dois últimos, registraram, segundo o Mapa, variações respectivas de -2,9%, 4% e 16,2% nos oito primeiros meses de 2010, em relação a igual período do ano anterior. O aumento dos abates de aves e de suínos refletiu o crescimento do mercado consumidor interno, enquanto a redução nos relativos a bovinos traduziu a menor oferta de boi magro na cadeia de produção e a demora na entrada em mercado de bois confinados.

O déficit da balança comercial de São Paulo atingiu US\$12 bilhões nos nove primeiros meses de 2010, elevando-se 115,6% em relação a igual período de 2009. As exportações aumentaram 22,9% e as importações, 37,2%, somando US\$37,6 bilhões e US\$49,6 bilhões, respectivamente.

O comportamento das exportações, generalizado em todas as categorias de fator agregado e mais intenso na relativa a produtos semimanufaturados, refletiu as elevações observadas no *quantum*, 8,8%, e nos preços, 12,9%. A trajetória das importações traduziu as variações assinaladas no *quantum*, 38,1%, e nos preços, -0,6%, ressaltando-se que as compras de bens intermediários e matérias-primas, e de bens de capital representaram 75,6% das aquisições externas do estado, no período.

O mercado de trabalho de São Paulo registrou, de acordo com o Caged/MTE, a criação de 223,4 mil empregos formais no trimestre encerrado em agosto, ante 343,7 mil naquele finalizado em maio e 158,4 mil em igual período em 2009, dos quais 82,6 mil no setor de serviços, 49,5 mil no comércio, e 45,1 mil na indústria de transformação. Considerados dados dessazonalizados, o nível de emprego formal cresceu 1,3% no trimestre terminado em agosto, em

**Tabela 4.37 – Evolução do emprego formal – São Paulo**

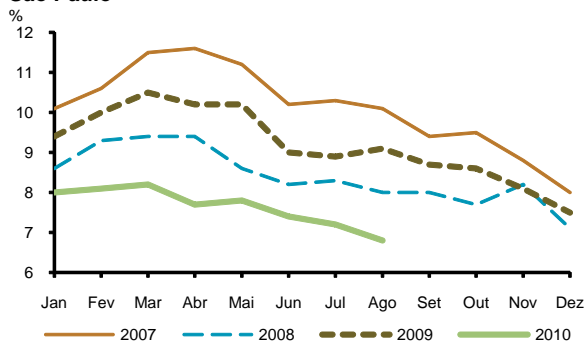
Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) <sup>1/</sup>				
	2009		2010		
	Ago	Nov	Fev	Mai	Ago
Total	158,4	198,4	-59,4	343,7	223,4
Indústria de transformação	6,6	52,7	-22,5	104,9	45,1
Comércio	39,3	64,3	3,4	40,8	49,5
Serviços	47,2	72,9	21,1	109,6	82,6
Construção civil	21,9	15,0	16,0	20,8	11,0
Agropecuária	39,7	-9,4	-71,9	56,0	28,9
Serviços ind. de utilidade pública	0,7	0,3	0,1	2,1	2,5
Outros <sup>2/</sup>	3,0	2,7	-5,5	9,4	3,7

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outras.

**Gráfico 4.23 – Taxa de desemprego aberto – São Paulo**

Fonte: IBGE

**Tabela 4.38 – IPCA – São Paulo**

Discriminação	Pesos <sup>1/</sup>	Variação % no período			
		2009	2010		
		Ano	II Trí	III Trí	12 meses
IPCA	100,0	4,53	0,79	0,67	4,74
Livres	71,5	4,43	1,00	0,81	5,03
Comercializáveis	31,3	3,04	0,67	1,12	3,89
Não comercializáveis	40,2	5,57	1,26	0,57	5,94
Monitorados	28,5	4,81	0,25	0,31	4,06
Principais itens					
Alimentação	21,3	4,60	0,92	0,95	5,64
Habitação	13,1	5,95	1,09	1,74	3,69
Artigos residência	4,3	3,97	0,21	0,87	5,92
Vestuário	6,2	6,32	2,77	-0,52	4,25
Transportes	19,8	1,57	-0,76	0,04	4,39
Saúde	10,3	5,69	2,07	0,63	4,24
Despesas pessoais	11,2	8,13	1,94	1,28	7,07
Educação	7,9	5,50	0,16	0,20	5,25
Comunicação	5,9	0,80	-0,25	0,02	0,82

Fonte: IBGE

1/ Referentes a setembro de 2010.

relação ao finalizado em maio, quando se elevou 1,7%, nesse tipo de comparação.

A taxa de desemprego da Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) atingiu 7,1% no trimestre encerrado em agosto, ante 9% em igual período de 2009, segundo a PME do IBGE, refletindo altas de 2,4% no pessoal ocupado e de 0,3% na PEA. O rendimento médio real habitualmente recebido cresceu 2,8% e a massa salarial, 5,3%, no período. A análise na margem registrou recuo de 0,1 p.p. na taxa de desemprego no trimestre finalizado em agosto, em relação ao encerrado em maio, considerados dados dessazonalizados.

O IPCA da RMSP cresceu 0,67% no trimestre encerrado em setembro, ante 0,79% naquele finalizado em junho, reflexo da desaceleração na variação dos preços livres, de 1% para 0,81%, e da aceleração, de 0,25% para 0,31%, na relativa aos monitorados, esta traduzindo, em especial, a elevação de 9,17% nos preços das passagens aéreas. A evolução dos preços livres refletiu o efeito mais acentuado da desaceleração, de 1,26% para 0,57%, nos itens não comercializáveis, ressaltando-se o recuo de 29,54% nos preços dos tubérculos, em relação ao proporcionado pela aceleração, de 0,67% para 1,12%, na variação dos preços dos itens comercializáveis, com ênfase no aumento de 11,14% no item carnes. O índice de difusão médio, evidenciando maior disseminação dos reajustes de preços na RMSP, aumentou 0,1 p.p., para 52,5%, no trimestre encerrado em setembro.

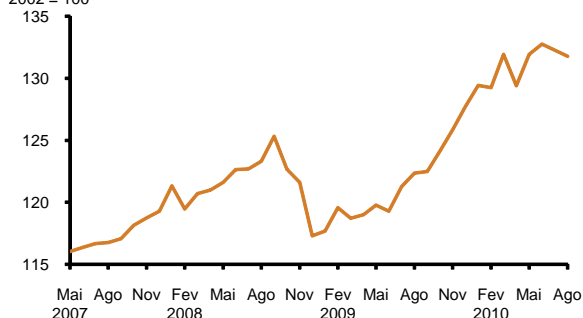
Considerados períodos de doze meses, a variação do IPCA atingiu 4,74% em setembro, ante 5,11% em junho, evolução associada à desaceleração, de 5,95% para 4,06%, na variação dos preços monitorados e à aceleração, de 4,80% para 5,03%, na relativa aos preços livres.

As perspectivas em relação ao desempenho da economia paulista seguem favoráveis, fundamentadas no crescimento da massa salarial e na expansão do crédito bancário. O aumento dos investimentos tem elevado a capacidade instalada, contribuindo para que a expansão da demanda ocorra em ambiente de estabilidade dos preços.

**Gráfico 5.1 – Índice de Atividade Econômica Regional – Sul (IBCR-S)**

Dados dessazonalizados

2002 = 100



**Tabela 5.1 – Comércio varejista – Sul**

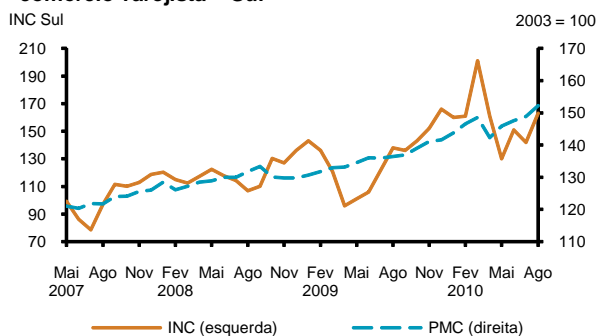
Geral e setores selecionados

Discriminação	Variação % no período			
	2009		2010	
	Mai <sup>1/</sup>	Ago <sup>1/</sup>	Mai <sup>1/</sup>	12 meses
Comércio varejista	4,8	1,1	2,7	8,8
Combustíveis e lubrificantes	-1,6	0,9	2,3	1,3
Hiper e supermercados	4,3	-1,2	4,2	6,8
Tecidos, vestuário e calçados	0,9	4,1	0,1	9,6
Móveis e eletrodomésticos	3,1	0,0	1,5	12,7
Comércio varejista ampliado	5,5	3,3	1,5	12,5
Automóveis e motocicletas	10,3	4,7	-0,5	18,7
Material de construção	-11,0	5,0	4,8	13,6

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

**Gráfico 5.2 – Índice Nacional de Confiança e comércio varejista – Sul**



Fontes: ACSP e IBGE

A economia da região Sul segue registrando evolução positiva na margem, com ênfase no desempenho dos indicadores relacionados ao comércio varejista e aos mercados de trabalho e de crédito. Nesse cenário, o IBCR-S cresceu 0,9% no trimestre encerrado em agosto, em relação ao finalizado em maio, quando havia aumentado 1,8%, no mesmo tipo de análise, considerados dados dessazonalizados.

O comércio varejista registrou crescimento de 2,7% no trimestre encerrado em agosto, em relação ao finalizado em maio, quando expandira 1,1% neste tipo de comparação, de acordo com dados agregados e dessazonalizados da PMC do IBGE. As vendas do segmento hiper e supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo aumentaram 4,8%, no período, enquanto as relativas a equipamentos e materiais para escritório e informática recuaram 4,9%. Incorporadas as variações assinaladas nas vendas de automóveis e motocicletas, -0,5%, e de materiais de construção, 4,8%, o comércio ampliado cresceu 1,5% no trimestre.

Considerados intervalos de doze meses, o comércio varejista da região cresceu 8,8% em agosto, em relação ao período correspondente de 2009, registrando-se resultados positivos em todas as atividades pesquisadas, enquanto o comércio ampliado, refletindo as elevações nas vendas de automóveis e motocicletas, 18,7%, e de materiais de construção, 13,6%, cresceu 12,5%.

O Índice Nacional de Confiança (INC) da região Sul, divulgado pela Associação Comercial de São Paulo (ACSP), atingiu 169 pontos em setembro, ante 136 pontos em igual período do ano anterior, enquanto o indicador nacional aumentou de 135 pontos, para 153 pontos no período.

A produção industrial da região caiu 1,7% no trimestre encerrado em agosto, em relação ao finalizado em maio, quando se elevava 5,9%, na mesma base de comparação, de acordo com dados da PIM-PF Regional do IBGE, agregados e dessazonalizados pelo Banco Central.

**Tabela 5.2 – Produção industrial – Sul**

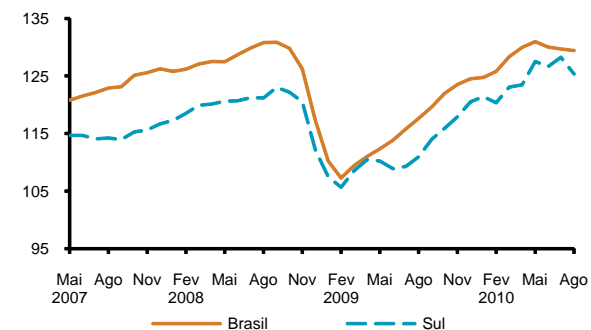
Geral e setores selecionados

Discriminação	Pesos <sup>1/</sup>	Variação % no período		
		2010		Acum. 12 meses
		Mai <sup>2/</sup>	Ago <sup>2/</sup>	
Indústria geral	100,0	5,9	-1,7	9,7
Alimentos	21,2	3,4	2,5	-0,3
Veículos automotores	9,9	2,9	10,5	27,1
Máquinas e equipamentos	9,8	5,6	0,5	18,3
Refino de petróleo e álcool	9,2	-1,7	-13,3	-0,8
Celulose, papel e produtos de papel	7,0	2,2	-5,5	6,3

Fonte: IBGE

1/ Ponderação das atividades na indústria conforme a PIM-PF/IBGE de agosto.

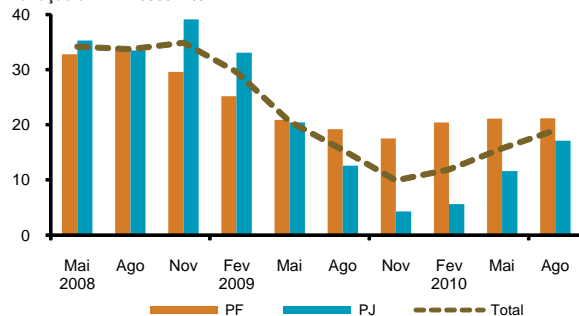
2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

**Gráfico 5.3 – Produção industrial – Sul**Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral  
2002 = 100

Fonte: IBGE

**Gráfico 5.4 – Evolução do saldo das operações de crédito – Sul<sup>1/</sup>**

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$ 5 mil.

**Tabela 5.3 – Necessidades de financiamento – Sul<sup>1/</sup>**

UF	R\$ milhões			
	Resultado primário		Juros nominais	
	2009	2010	2009	2010
	Jan-abr	Jan-abr	Jan-abr	Jan-abr
Total	-2 321	-2 879	849	2 889
Governo estadual	-2 031	-2 085	797	2 807
Capital	-121	-34	16	16
Demais municípios	-169	-760	35	66

1/ Inclui informações dos estados e de seus principais municípios. Dados preliminares.

4/ Para o indicador regional, foram considerados os cálculos realizados pelos sindicatos da indústria da construção do Rio Grande do Sul e do Paraná, ponderados pelo consumo de cimento dos respectivos estados, divulgado pelo Sindicato Nacional de Consumo de Cimento (SNIC).

Das dezenove atividades consideradas na pesquisa, dez registraram resultados positivos, destacando-se os relativos às indústrias de bebidas, 17,2%; fumo, 17,1%; e de veículos automotores, 10,5%, contrastando com o recuo de 13,3% no segmento de refino de petróleo e álcool. A análise em doze meses revela que a indústria da região cresceu 9,7% em agosto, em relação a igual intervalo de 2009, ante 4,3% em maio, no mesmo tipo de comparação.

Em linha com a evolução da indústria, a folha real de pagamentos, as horas trabalhadas e o pessoal ocupado na atividade assinalaram crescimentos respectivos de 2,5%, 0,6% e 0,9% no trimestre encerrado em agosto, em relação ao terminado em maio, quando haviam expandido, na ordem, 4,3%, 2,4% e 2,2%, nesse tipo de comparação, de acordo com dados dessazonalizados da Pesquisa Industrial Mensal de Emprego e Salário (Pimes), do IBGE.

A produtividade do trabalho na indústria, considerada a relação entre a produção física e o número de horas pagas na indústria, do IBGE, dessazonalizada pelo Banco Central, recuou 0,3% no trimestre encerrado em agosto, em relação ao finalizado em maio. O indicador cresceu 9% no período de doze meses finalizado em agosto, em relação a igual intervalo de 2009.

As vendas de cimento na região Sul elevaram-se 2,8% no trimestre encerrado em setembro, em relação ao encerrado em junho, quando declinaram 0,2%, no mesmo tipo de comparação, de acordo com dados dessazonalizados do Sindicato Nacional da Indústria do Cimento (SNIC). A taxa de velocidade das vendas de imóveis na região<sup>4</sup>, que corresponde à relação entre o lançamento de imóveis novos e sua comercialização, passou de 11,4% em maio, para 11,9% em agosto.

O saldo das operações de crédito superiores a R\$5 mil realizadas na região Sul somou R\$257,9 bilhões em agosto, aumentando 4,9% no trimestre e 19% em doze meses. A carteira de pessoas físicas, impulsionada pelo dinamismo das modalidades financiamentos imobiliários, de automóveis, e empréstimos consignados, totalizou R\$117,5 bilhões, crescendo 3,6% e 21,2%, nas bases de comparação mencionadas. O total dos empréstimos relativos ao segmento de pessoas jurídicas atingiu R\$140,4 bilhões, aumentando 5,9% no trimestre e 17,1% em doze meses, com ênfase nas ampliações das operações contratadas por empresas de transporte rodoviário e de carga, indústrias

**Tabela 5.4 – Dívida líquida e necessidades de financiamento – Região Sul<sup>1/</sup>**

UF	R\$ milhões					Dívida <sup>2/</sup> 2010 Abr
	Dívida	Fluxos acumulados no ano			Outros <sup>4/</sup>	
	2009	Nominal	Total <sup>3/</sup>			
	Dez	Primário	Juros	Total <sup>3/</sup>		
Total (A)	61 399	-2 879	2 889	10	-16	61 392
Governo estadual	61 059	-2 085	2 807	722	-14	61 766
Capital	145	-34	16	-18	-2	125
Demais municípios	195	-760	66	-695	-0	-500

1/ Inclui informações dos estados e de seus principais municípios. Dados preliminares.

2/ A dívida líquida no momento t+1 é a dívida no momento t, mais o resultado nominal e o resultado de outros fluxos.

3/ O resultado nominal é a soma dos juros com o resultado primário.

4/ Inclui ajustes decorrentes de var. cambial, reconhecimento de dívidas e privatizações.

**Tabela 5.5 – Composição da dívida líquida – Sul<sup>1/</sup>**

Região Sul	R\$ milhões		
	2008 Dez	2009 Dez	2010 Abr
Dívida bancária	1 721	2 347	2 843
Renegociação <sup>2/</sup>	54 711	54 063	55 226
Dívida externa	5 013	3 438	3 233
Outras dívidas junto à União	3 056	2 879	2 940
Dívida reestruturada	562	300	286
Disponibilidades líquidas	-2 368	-1 629	-3 137
Total (A)	62 695	61 399	61 392
Brasil <sup>2/</sup> (B)	424 877	418 877	418 888
(A/B) (%)	14,8	14,7	14,7

1/ Inclui informações dos estados e principais municípios. Dados preliminares.

2/ Lei nº 8.727/1993, Lei nº 9.496/1997 e MP nº 2185/2000.

**Tabela 5.6 – Produção agrícola – Sul**

Itens selecionados

Discriminação	Pesos <sup>1/</sup>	Em mil toneladas		
		Produção <sup>2/</sup>		Variação % 2010/2009
		2009	2010	
Grãos	78,6	52 420	63 587	21,3
Soja	34,7	18 316	25 673	40,2
Milho	20,7	18 705	22 832	22,1
Arroz (em casca)	11,3	9 114	8 131	-10,8
Trigo	5,8	4 564	5 115	12,1
Outras lavouras				
Fumo	9,7	843	748	-11,2
Cana-de-açúcar	3,9	56 586	57 042	0,8
Mandioca	3,1	5 505	6 192	12,5

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2008.

2/ Estimativa segundo o LSPA de setembro de 2010.

extrativas de petróleo e gás e fabricação de peças e acessórios para automotores.

A taxa de inadimplência no sistema financeiro na região atingiu 2,7% em agosto, ante 3% em maio, reflexo das retrações respectivas de 0,4 p.p. e 0,3 p.p. assinaladas nos segmentos de pessoas físicas e de pessoas jurídicas.

O superávit primário dos governos dos estados e dos principais municípios da região Sul totalizou R\$2,9 bilhões nos quatro primeiros meses do ano, elevando-se 24% em relação a igual período de 2009. Essa evolução refletiu, especialmente, o impacto da retomada da atividade econômica sobre a arrecadação do ICMS, que cresceu 17% no período.

Os juros nominais, apropriados por competência, totalizaram R\$2,9 bilhões, ressaltando-se que o aumento de 240,4% registrado no período decorreu, em parte, da alta quadrimestral de 3,49% do IGP-DI, principal indexador da dívida renegociada junto à União, que representa a maior parcela do endividamento público regional. O resultado nominal registrou déficit de R\$10 milhões no quadrimestre, ante superávit de R\$1,5 bilhão em igual período de 2009. A dívida líquida dos estados e dos principais municípios da região totalizou R\$61,4 bilhões em abril, recuando R\$6,9 milhões em relação a dezembro de 2009.

A safra de grãos da região Sul deverá atingir 63,6 milhões de toneladas em 2010, de acordo com o LSPA de setembro, do IBGE. O crescimento anual de 21,3% reflete, em especial, o impacto das expansões nas safras de soja, 40,2%; milho, 22,1%; e trigo, 12,1%, e o recuo de 10,8% na colheita de arroz. Dentre as demais culturas, ressaltam-se as retrações estimadas para as relativas a fumo, 11,2% e a expansão prevista para mandioca, 12,5%.

As cotações médias das principais culturas da região experimentaram recuos generalizados nos nove primeiros meses de 2010, em relação a igual período do ano anterior, de acordo com estatísticas da Associação Riograndense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater/RS) e da Secretaria da Agricultura e do Abastecimento do Paraná (Seab/PR). O preço médio da soja decresceu 23,9% no período, seguindo-se as retrações nos relativos a feijão, 19,8%; milho, 16,3%; e trigo, 14,8%. As cotações da soja e do milho, impactadas pelo aumento da demanda mundial e pelos efeitos da estiagem em alguns países, apresentaram aumentos respectivos de 13,6% e 7,9%, no trimestre encerrado em setembro, em relação ao finalizado em junho.

**Tabela 5.7 – Indicadores da pecuária – Sul**

Agosto de 2010

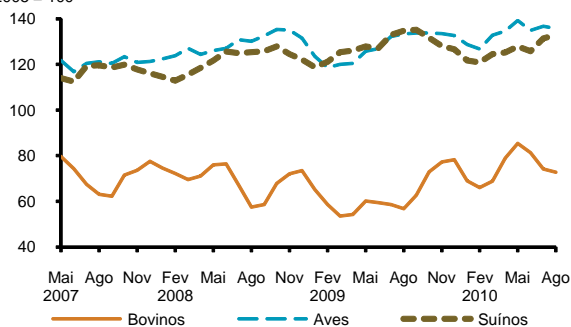
Discriminação	Variação % no ano		
	Abates (nº de animais)	Exportações (kg)	Preços (R\$)
Bovinos	28,0	0,0	-1,9
Suínos	-1,2	-7,4	19,4
Aves	6,5	2,5	-3,8

Fontes: Mapa, Emater/RS, Iepe, Seab/PR e MDIC

**Gráfico 5.5 – Abates de animais – Sul**

Média móvel trimestral

2005 = 100



Fonte: Mapa

**Tabela 5.8 – Exportação por fator agregado – FOB**

Janeiro-setembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Sul		Brasil	
	2009	2010	Var. %	Var. %
Total	24 600	27 813	13,1	29,6
Básicos	12 087	12 617	4,4	36,6
Industrializados	12 513	15 196	21,4	24,2
Semimanufaturados	1 794	2 224	24,0	38,7
Manufaturados <sup>1/</sup>	10 719	12 972	21,0	19,8

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

**Tabela 5.9 – Importação por categoria de uso – FOB**

Janeiro-junho

Discriminação	US\$ milhões			
	Sul		Brasil	
	2009	2010	Var. %	Var. %
Total	18 301	28 116	53,6	45,8
Bens de capital	3 420	5 127	49,9	38,9
Matérias-primas	9 178	14 646	59,6	43,4
Bens de consumo	2 920	4 435	51,9	50,9
Duráveis	1 759	2 712	54,3	68,5
Não duráveis	1 161	1 723	48,5	31,4
Combustíveis e lubrificantes	2 783	3 907	40,4	61,1

Fonte: MDIC/Secex

Os abates de bovinos, aves e suínos registraram variações de 28%, 6,5% e -1,2%, respectivamente, nos oito primeiros meses de 2010, em relação a igual período do ano anterior, conforme estatísticas do Mapa, enquanto seus preços oscilaram -1,9%, -3,8%, e 19,4%, respectivamente. Estatísticas do MDIC revelam que, no mesmo período, as exportações de carnes de aves, bovinos e de suínos registraram, na ordem, aumento de 2,5%, estabilidade e recuo de 7,4%.

A balança comercial da região Sul registrou déficit de US\$303 milhões nos nove primeiros meses do ano, ante superávit de US\$6,3 bilhões em igual período de 2009, de acordo com estatísticas do MDIC. As exportações, refletindo variações de 2,8% no *quantum* e de 10% nos preços, aumentaram 13,1%, para US\$27,8 bilhões, enquanto a expansão de 53,6% das importações, que totalizaram US\$28,1 bilhões, decorreu de elevações de 41,6% na quantidade e de 8,5% nos preços.

O aumento das vendas externas, registrado em todas as categorias de fator agregado, traduziu, em especial, as expansões assinaladas nas exportações de produtos semimanufaturados, 24%, e de manufaturados, 21%. No âmbito das importações, que assinalaram elevações em todas as categorias de uso, ressaltou-se o aumento de 59,6% nas aquisições de matérias primas e produtos intermediários.

O mercado de trabalho da região Sul registrou a criação de 103,1 mil vagas no trimestre encerrado em agosto, ante 54,7 mil em igual período do ano anterior, de acordo com o Caged/MTE, das quais 35,8 mil no setor de serviços. A indústria de transformação foi responsável pela geração de 28,9 mil empregos formais, concentrados nas indústrias têxtil, metalúrgica, mecânica e de alimentos e bebidas. Vale ressaltar que foram gerados 350,6 mil empregos formais nos oito primeiros meses de 2010, resultado recorde para o período, ante 106,9 mil em igual intervalo do ano anterior. Consolidando a recuperação do emprego no setor, a indústria de transformação respondeu por 145,5 mil dos postos criados no ano.

O nível de emprego apresentou crescimento de 1,7% no trimestre finalizado em agosto, em relação ao encerrado em maio, quando se elevava 2%, no mesmo tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados. Registraram-se elevações de 4% na construção civil, 1,7% na indústria de transformação, 1,6% no comércio e 1,5% no setor de serviços.



**Tabela 5.10 – Evolução do emprego formal – Sul**

Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) <sup>1/</sup>				
	2009		2010		
	Ago	Nov	Fev	Mai	Ago
Total	54,7	149,6	29,4	145,9	103,1
Indústria de transformação	9,4	45,4	11,0	72,3	28,9
Comércio	16,1	46,8	-0,2	27,1	19,7
Serviços	22,2	33,8	14,8	39,9	35,8
Construção civil	8,2	9,5	6,0	16,9	16,5
Agropecuária	-2,1	12,7	0,2	-13,2	0,6
Serviços ind. de utilidade pública	0,1	0,6	0,8	0,8	0,7
Outros <sup>2/</sup>	0,9	0,9	-3,2	2,2	0,8

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outras.

**Tabela 5.11 – IPCA – Sul**

Discriminação	Pesos <sup>1/</sup>	Variação % trimestral			
		2009	2010		
		IV Tri	I Tri	II Tri	III Tri
IPCA	100,0	0,89	1,95	0,74	0,93
Livres	72,7	0,75	2,64	1,03	0,63
Comercializáveis	34,5	0,38	1,89	1,32	0,86
Não comercializáveis	38,2	1,08	3,32	0,76	0,42
Monitorados	27,3	1,26	0,17	-0,02	1,75
Principais itens					
Alimentação	22,0	-0,06	4,50	0,20	-0,03
Habitação	14,1	0,73	0,89	0,48	1,84
Artigos de residência	4,5	0,41	1,86	1,52	0,36
Vestuário	7,0	1,75	-0,07	3,11	1,24
Transportes	19,4	2,03	0,46	-0,35	1,12
Saúde	10,4	0,48	0,97	1,92	1,23
Despesas pessoais	11,2	1,25	2,61	2,02	1,71
Educação	6,6	0,04	5,25	0,17	0,72
Comunicação	4,8	1,04	0,10	0,21	0,27

Fonte: IBGE

1/ Referentes a setembro de 2010.

O IPCA da região Sul<sup>5</sup> acumulou variação de 0,93% no trimestre finalizado em setembro, ante 0,74% no encerrado em junho, reflexo do arrefecimento, de 1,03% para 0,63%, na variação dos preços livres, e do aumento, de -0,02% para 1,75%, na relativa aos monitorados, com destaque para o impacto da elevação de 6,18% no preço do item energia elétrica residencial.

A evolução dos preços livres traduziu as desacelerações assinaladas nas variações dos preços dos itens comercializáveis, de 1,32% para 0,86%, com ênfase na retração de 5,16% no item açúcares e derivados, e dos não comercializáveis, de 0,76% para 0,42%, esta decorrente, principalmente, do recuo dos preços dos tubérculos, que mitigou o IPCA em 0,27 p.p. Refletindo a menor disseminação dos reajustes de preços, o índice de difusão atingiu média de 54,5% no trimestre finalizado em setembro, ante 56,2% naquele encerrado em junho.

Considerados períodos de doze meses, a elevação dos preços da região Sul atingiu 4,59% em setembro, ante 4,10% em junho, refletindo as acelerações registradas nos preços livres, de 4,86% para 5,13%, e nos monitorados, de 2,11% para 3,19%.

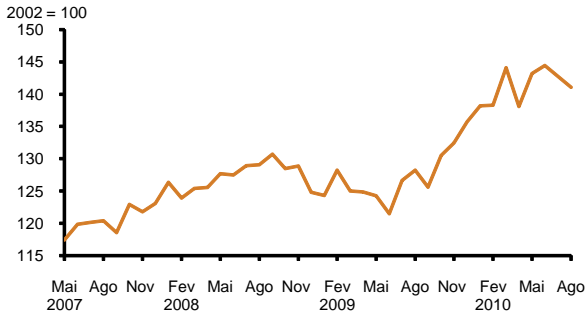
O crescimento da renda e do emprego, a evolução das operações de crédito e os impactos positivos da safra de grãos seguem ancorando a expansão da atividade econômica do Sul. Nesse cenário, que ratifica a relevância da demanda interna para o processo de crescimento da região, a recuperação da demanda externa, perceptível em algumas áreas, tem traduzido, em especial, a retomada da atividade nas economias emergentes.

5/ Calculado com base nos pesos e variações dos subitens que compõem o IPCA das regiões metropolitanas de Porto Alegre e de Curitiba, ponderados pelos pesos destas regiões na composição do IPCA nacional.

## Paraná

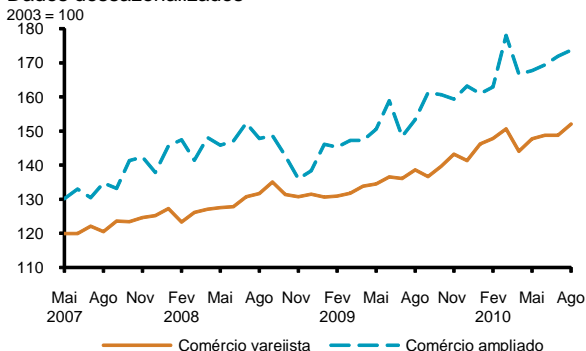
**Gráfico 5.6 – Índice de Atividade Econômica Regional – Paraná (IBCR-PR)**

Dados dessazonalizados



**Gráfico 5.7 – Comércio varejista – Paraná**

Dados dessazonalizados



Fonte: IBGE

**Tabela 5.12 – Índice de vendas no varejo – Paraná**

Geral e setores selecionados

Setores	Variação % no período			
	2009	2010		
		Mai <sup>1/</sup>	Ago <sup>1/</sup>	12 meses
Comércio varejista	5,2	1,6	1,6	9,0
Combustíveis e lubrificantes	-1,1	-2,3	0,5	-1,1
Hiper e supermercados	4,5	-2,0	4,4	5,7
Tecidos, vestuário e calçados	-0,6	3,3	-2,1	7,5
Móveis e eletrodomésticos	0,4	1,9	-1,2	14,0
Comércio ampliado	6,0	5,2	0,5	13,4
Automóveis e motocicletas	11,1	11,6	-0,1	20,5
Material de construção	-14,0	5,5	3,6	11,4

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

A economia do estado seguiu apresentando evolução positiva no período recente, embora em ritmo menos intenso que o observado no início do ano, ressaltando-se o impacto exercido pelo dinamismo da demanda interna sobre as vendas varejistas e o emprego. A análise de dados dessazonalizados revela que o IBCR-PR aumentou 0,7% no trimestre encerrado em agosto, em relação ao finalizado em maio, registrando a quinta expansão consecutiva, nesse tipo de comparação. Considerados períodos de doze meses, o IBCR-PR acumulou crescimento de 9,1% em agosto, em relação a igual intervalo de 2009, com ênfase na contribuição do desempenho favorável da safra agrícola. A variação do IPCA da Região Metropolitana de Curitiba (RMC) registrou aceleração na margem e superou a observada em âmbito nacional.

As vendas do comércio varejista paranaense repetiram, no trimestre encerrado em agosto, a expansão de 1,6% registrada naquele finalizado em maio, de acordo com dados dessazonalizados da PMC do IBGE. Registraram-se, no trimestre, elevações nas vendas dos segmentos outros artigos de uso pessoal e doméstico, 8,6%, hipermercados e supermercados e artigos farmacêuticos, médicos e de perfumaria, ambas de 4,4%, contrastando com o recuo de 13,2% nas relativas a equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação. Incorporado o aumento nas vendas de material de construção, 3,6%, e a retração de 0,1% nas relativas a veículos, motos, partes e peças, o comércio ampliado cresceu 0,5%, no período.

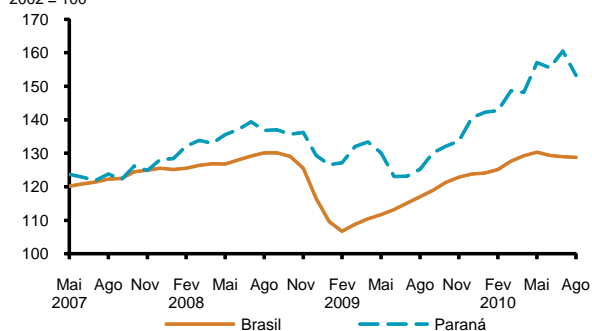
As vendas varejistas acumuladas em doze meses registraram elevação de 9% em agosto, em relação a igual período de 2009, enquanto o comércio ampliado, evidenciando as variações assinaladas nos segmentos veículos, 20,5%, e material de construção, 11,4%, cresceu 13,4%.

As vendas de veículos novos recuaram 10,1% no trimestre encerrado em agosto, em relação a igual período de 2009, de acordo com a Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores (Fenabrave) e o Sindicato dos Concessionários e Distribuidores de Veículos no Estado do Paraná (Sincodiv). As vendas decresceram 3,6% em relação ao trimestre encerrado em maio.

A análise na margem evidencia que o crescimento da indústria do estado, após apresentar aceleração expressiva a partir de setembro de 2009, registrou recuo de 2,5% no trimestre encerrado em agosto, em relação ao trimestre finalizado em maio. Dentre as quatorze atividades

### Gráfico 5.8 – Produção industrial – Paraná

Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral  
2002 = 100



Fonte: IBGE

### Tabela 5.13 – Produção industrial – Paraná

Geral e setores selecionados

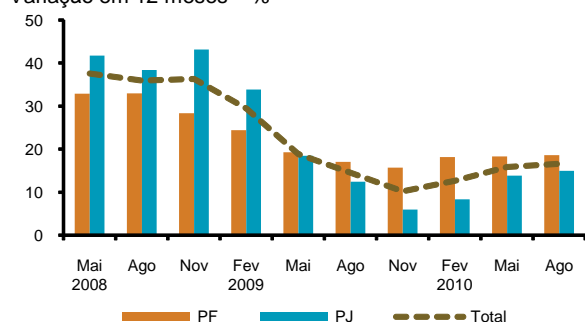
Setores	Pesos <sup>1/</sup>	Variação % no período		
		2009 Mai <sup>2/</sup>	2010 Ago <sup>2/</sup>	Acum. 12 meses
Indústria geral	100,0	10,1	-2,5	13,2
Produtos alimentícios	20,9	0,7	8,8	1,6
Edição e impressão	14,6	41,2	-1,1	28,4
Veículos automotores	14,0	8,0	12,5	35,6
Refino de petróleo e álcool	10,0	0,1	-27,3	-7,0
Máquinas e equipamentos	8,3	3,2	2,6	26,1
Celulose e papel	8,1	4,3	-9,4	5,9

Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE.  
2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

### Gráfico 5.9 – Evolução do saldo das operações de crédito – Paraná<sup>1/</sup>

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$5 mil.

pesquisadas, oito registraram resultados positivos, com destaque para alimentos, 8,8%; e veículos automotores, 12,5%, enquanto os recuos mais representativos ocorreram nas indústrias de refino de petróleo e álcool, 27,3%, provocado pela parada técnica da principal unidade do setor, e de celulose e papel, 9,4%. Considerados períodos de doze meses, a produção da indústria do estado, em trajetória ascendente desde março deste ano, cresceu 13,2% em agosto de 2010, em relação a igual intervalo do ano anterior.

As vendas reais da indústria paranaense, deflacionadas pelo IPA-OG da FGV, aumentaram 3,3% no trimestre encerrado em agosto de 2010, em relação ao finalizado em maio, quando haviam crescido 2,9% no mesmo tipo de análise, atingindo o patamar mais elevado desde janeiro de 2008, consideradas estatísticas dessazonalizadas da Federação das Indústrias do Estado do Paraná (Fiep). Em sentido inverso, o Nuci da indústria do estado recuou 0,9 p.p., no trimestre. Considerados intervalos de doze meses, as vendas reais cresceram 2,3% em agosto, em relação ao período corresponde do ano anterior.

O saldo das operações de crédito superiores a R\$5 mil realizadas no Paraná totalizou R\$92 bilhões em agosto, elevando-se 3,7% em relação a maio e 16,6% em doze meses. Os empréstimos contratados no segmento de pessoas físicas somaram R\$42,4 bilhões, elevando-se 2,9% no trimestre e 18,6% em doze meses, com ênfase no dinamismo das modalidades veículos automotores e financiamento imobiliário. A carteira de pessoas jurídicas atingiu R\$49,6 bilhões, registrando variações respectivas de 4,4% e 15% nos períodos mencionados, ressaltando-se o desempenho dos empréstimos para capital de giro.

A taxa de inadimplência atingiu 3% em agosto, recuando 0,3 p.p. no trimestre e 1,1 p.p. em doze meses. A evolução trimestral traduziu as retrações respectivas de 0,5 p.p. e 0,2 p.p. assinaladas nos segmentos de pessoas jurídicas e de pessoas físicas, nos quais a taxa atingiu, na ordem, 3,8% e 2,4%.

O superávit primário dos governos do estado e dos principais municípios do Paraná totalizou R\$0,6 bilhão no quadrimestre encerrado em abril, reduzindo-se 28% em relação ao mesmo período do ano anterior. O superávit do estado recuou 24,7%, o relativo aos demais municípios aumentou de R\$19 milhões para R\$92 milhões, e o resultado da capital registrou reversão de superávit de R\$63 milhões para déficit de R\$57 milhões, no período.

**Tabela 5.14 – Necessidades de financiamento – PR<sup>1/</sup>**

UF	R\$ milhões			
	Resultado primário		Juros nominais	
	2009	2010	2009	2010
	Jan-abr	Jan-abr	Jan-abr	Jan-abr
Estado do Paraná	-840	-605	431	561
Governo estadual	-758	-570	399	512
Capital	-63	57	7	7
Demais municípios	-19	-92	25	42

1/ Inclui informações do estado e principais municípios. Dados preliminares.

**Tabela 5.15 – Dívida líquida e necessidades de financiamento – Paraná<sup>1/</sup>**

UF	R\$ milhões					
	Dívida	Fluxos acumulados no ano			Dívida <sup>2/</sup>	
		2009	Nominal			
	Dez	Primário	Juros	Total <sup>3/</sup>		Abr
	Estado do Paraná	14 916	-605	561	-44	-5
Governo estadual	14 531	-570	512	-58	-4	14 469
Capital	127	57	7	64	-1	190
Demais municípios	258	-92	42	-50	-0	208

1/ Inclui informações do estado e de seus principais municípios. Dados preliminares.

2/ A dívida líquida no momento t+1 é a dívida no momento t, mais o resultado nominal e o resultado de outros fluxos.

3/ O resultado nominal é a soma dos juros com o resultado primário.

4/ Inclui ajustes decorrentes de var. cambial, reconhecimento de dívidas e privatizações.

**Tabela 5.16 – Produção agrícola – Paraná**

Itens selecionados

Discriminação	Peso <sup>1/</sup>	Em mil toneladas		
		Produção <sup>2/</sup>		Variação %
		2009	2010 <sup>1/</sup>	
Grãos	81,4	24 430	32 301	32,2
Feijão	7,8	787	779	-1,0
Milho	23,8	11 191	13 542	21,0
Soja	39,2	9 409	14 081	49,7
Trigo	6,6	2 483	3 214	29,5
Outras lavouras				
Cana-de-açúcar	6,9	55 332	55 515	0,3
Fumo	3,3	152	160	5,8
Mandioca	2,4	3 655	4 353	19,1

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2008

2/ Estimativa segundo o LSPA de setembro de 2010.

Os juros nominais, apropriados por competência, totalizaram R\$0,6 bilhão no quadrimestre finalizado em abril, aumentando 30,4% em relação a igual período do ano anterior, contribuindo para que o superávit nominal totalizasse R\$44 milhões, resultado 89,3% inferior ao registrado no primeiro quadrimestre de 2009. A dívida líquida atingiu R\$14,9 bilhões em abril, mesmo patamar de dezembro de 2009, ressaltando-se que a dívida da capital, em cenário de elevação de gastos com urbanização e infra-estrutura, aumentou 50% no período.

A safra de grãos do Paraná deverá totalizar 32,3 milhões de toneladas em 2010, de acordo com o LSPA de setembro do IBGE, registrando crescimento anual de 32,2% e retomando a posição de principal produtor nacional de grãos, com participação de 21,6% na safra do país. O desempenho favorável projetado para o setor reflete, fundamentalmente, o aumento estimado para a produtividade média das principais lavouras, motivado pela distinção entre as condições climáticas atuais e as registradas na época do plantio e do desenvolvimento da safra anterior. O prognóstico de aumento anual de 49,7% para a safra de soja está condicionado aos estímulos proporcionados à cultura pelo patamar de suas cotações à época do plantio, pela maior liquidez na comercialização do grão, pela melhor estrutura de escoamento da produção, em relação a outras lavouras, e pela base de comparação deprimida. Nesse cenário, incorporando terras antes destinadas ao plantio do milho e, em menor escala, do feijão, a produção de soja deverá totalizar 14,1 milhões de toneladas em 2010, patamar recorde para o estado.

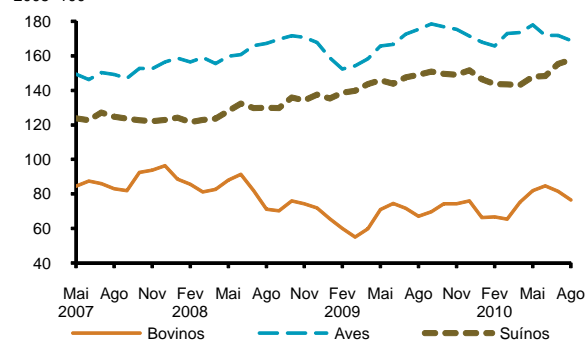
Estimativa da Seab/ Departamento de Economia Rural (Deral) para 2010, divulgada em setembro, ratificando a projeção do IBGE, considera que a produção de grãos do estado deverá crescer 31,6% no ano, totalizando 32,5 milhões de toneladas. Vale mencionar que esta projeção incorpora recuo de 4,2% na área destinada ao plantio, resultado de retrações na primeira safra, 1,1%; na segunda safra, 10%; e na safra de inverno, 8,7%. O prognóstico para a safra 2011 revela que a produção de grãos relativa à primeira safra de verão, em fase de plantio, deverá recuar 6,9% no ano, totalizando 19,9 milhões de toneladas, resultado decorrente de retração no rendimento médio.

O valor bruto da produção agrícola (VBP) do estado, considerando o LSPA de setembro de 2010 e os preços médios recebidos de janeiro a setembro, em relação a igual período de 2009, deverá registrar aumento anual de 17,3%. O resultado relativamente modesto, em relação à intensidade

**Gráfico 5.10 – Abates de animais – Paraná**

Média móvel trimestral

2005=100



Fonte: Mapa

da recuperação da safra agrícola do estado, traduz a trajetória desfavorável das cotações dos principais grãos. Nesse sentido, de acordo com a Seab/Deral, os preços médios da soja, trigo e milho, produtos que representam, em conjunto, 95,5% da produção de grãos prevista para o estado neste ano, recuaram 23,3%, 15% e 13%, respectivamente, em relação às cotações médias assinaladas nos primeiros nove meses de 2009<sup>6</sup>. Vale mencionar que a trajetória das cotações das principais *commodities* agrícolas registrou reversão a partir do final de agosto, em resposta às condições meteorológicas adversas experimentadas em importantes países produtores.

Os abates de bovinos, frangos e suínos realizados em estabelecimentos fiscalizados pelo SIF, registraram variações respectivas de 14%, 3,9% e 3,1% nos oito primeiros meses de 2010, em relação a igual período do ano anterior. A participação do Paraná no total dos abates realizados no país atingiu, na ordem, 4,1%, 27,1% e 17,5%, enquanto os preços médios recebidos pelos produtores no estado registraram, de acordo com a Seab, aumentos respectivos de 18,4% e 2,6% nos segmentos de suínos e bovinos, e recuo de 9,4% no relativo a aves. Conforme a Associação Brasileira de Criadores de Suínos (ABCS) o aumento na cotação da carne suína vem sendo provocado pelo crescimento da demanda interna, que absorve cerca de 80% da produção nacional.

**Tabela 5.17 – Exportação por fator agregado – FOB**

Janeiro-setembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Paraná		Brasil	
	2009	2010	Var. %	Var. %
Total	8 813	10 651	20,8	29,6
Básicos	4 283	4 727	10,4	36,6
Industrializados	4 530	5 923	30,7	24,5
Semimanufaturados	1 007	1 202	19,4	38,7
Manufaturados <sup>1/</sup>	3 523	4 721	34,0	20,4

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

A balança comercial do estado registrou, de acordo com estatísticas do MDIC, superávit de US\$764 milhões nos nove primeiros meses do ano, ante US\$2,2 bilhões em igual período de 2009, refletindo os aumentos respectivos de 20,8% e 48,5% registrados nas exportações e nas importações, que totalizaram, na ordem, US\$10,7 bilhões e US\$9,9 bilhões.

**Tabela 5.18 – Importação por categoria de uso – FOB**

Janeiro-setembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Paraná		Brasil	
	2009	2010	Var. %	Var. %
Total	6 658	9 887	48,5	45,8
Bens de consumo	1 164	1 726	48,3	51,1
Duráveis	832	1 141	37,1	68,5
Não duráveis	333	586	76,1	31,7
Bens intermediários	3 358	4 607	37,2	43,3
Bens de capital	1 174	2 053	74,9	38,9
Combustíveis e lubrificantes	962	1 501	56,1	61,1

Fonte: MDIC/Secex

A trajetória das exportações paranaenses decorreu de aumentos respectivos de 8% e 11,9% nos preços e no *quantum* exportado, com destaque para a elevação de 34% nas vendas de produtos manufaturados. O aumento das importações, generalizado em todas as categorias de uso e resultante de variações de 3,6% nos preços e de 43,3% no *quantum*, refletiu, em especial a expansão de 76,1% nas compras externas de bens de consumo não duráveis.

O mercado de trabalho paranaense gerou, de acordo com o Caged/MTE, 44,6 mil postos de trabalho no trimestre encerrado em agosto, ante 62,9 mil no finalizado em maio e 27,3 mil em igual período de 2009, dos quais 15 mil no setor

<sup>6/</sup> Esse comportamento foi condicionado tanto pelo aumento dos estoques internacionais e pelas estimativas de crescimentos para as safras de milho e soja no Brasil, Argentina e Paraguai, quanto pelas dificuldades de armazenagem da safra atual, devido ao comprometimento da capacidade armazenadora do estado com produtos das safras anteriores.

**Tabela 5.19 – Evolução do emprego formal – Paraná**

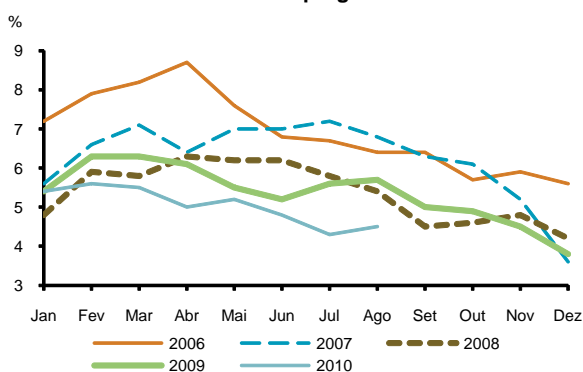
Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) <sup>1/</sup>				
	2009		2010		
	Ago	Nov	Fev	Mai	Ago
Total	27,3	43,2	-8,4	62,9	44,6
Indústria de transformação	6,4	15,2	-4,7	22,2	12,3
Comércio	7,3	15,1	-0,7	9,7	7,8
Serviços	8,9	9,3	3,2	17,7	15,0
Construção civil	3,3	3,6	1,5	9,0	6,8
Agropecuária	0,8	-0,1	-7,7	3,9	2,6
Serviços industriais de utilidade pública	0,2	0,2	0,1	0,2	0,1
Outros <sup>2/</sup>	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outras.

**Gráfico 5.11 – Taxa de desemprego aberto – Curitiba**

Fonte: Iparades/IBGE

**Tabela 5.20 – IPCA – RMC**

Discriminação	Pesos <sup>1/</sup>	Variação %			
		2009	2010		
		IV Tri	I Tri	II Tri	III Tri
IPCA	100,0	1,03	1,78	1,07	1,32
Livres	71,6	0,68	2,96	1,46	0,83
Comercializáveis	33,2	0,64	2,10	1,43	1,24
Não comercializáveis	38,4	0,72	3,72	1,49	0,47
Monitorados	28,4	1,90	-1,14	0,08	2,58
Principais itens					
Alimentação	21,0	-0,90	5,32	1,10	0,19
Habitação	13,9	1,24	0,57	0,86	3,64
Artigos de residência	4,4	1,47	1,52	1,42	1,15
Vestuário	6,4	1,04	0,57	4,03	1,48
Transportes	21,6	2,77	-1,67	-0,54	1,11
Saúde	10,0	0,74	1,14	2,30	1,46
Despesas pessoais	11,1	1,07	3,10	2,58	1,99
Educação	6,7	-0,02	6,28	0,10	0,58
Comunicação	4,9	2,18	0,39	0,25	-0,11

Fonte: IBGE

1/ Referentes a setembro de 2010.

de serviços e 12,3 mil na indústria de transformação. Foram criadas 17,5 mil vagas na RMC, ressaltando-se o desempenho dos setores serviços e construção civil, responsáveis, em conjunto, por 10,8 mil novos empregos formais.

A taxa de desemprego na RMC atingiu 4,5% em agosto, ante 5,2% em maio, reflexo de aumentos de 1,7% na população ocupada e de 0,9% na PEA, de acordo com a Pesquisa Mensal de Emprego, elaborada pelo Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (Iparades) em convênio com o IBGE. Os rendimentos médios habituais reais elevaram-se 3,6% no trimestre e 6,2% em doze meses, enquanto a taxa de desemprego, considerados dados dessazonalizados, atingiu 4,2% em agosto, elevando-se 0,2 p.p. em relação a julho.

O IPCA da RMC aumentou 1,32% no trimestre encerrado em setembro, ante 1,07% naquele finalizado em junho, registrando-se desaceleração, de 1,46% para 0,83%, na variação dos preços livres, e aceleração, de 0,08% para 2,58%, na relativa aos monitorados. Esse movimento refletiu, em especial, os aumentos observados na tarifa de energia elétrica, 14,07%, e no preço da gasolina, 3,90%, responsáveis, em conjunto, por 0,64 p.p. da variação registrada pelo indicador no trimestre.

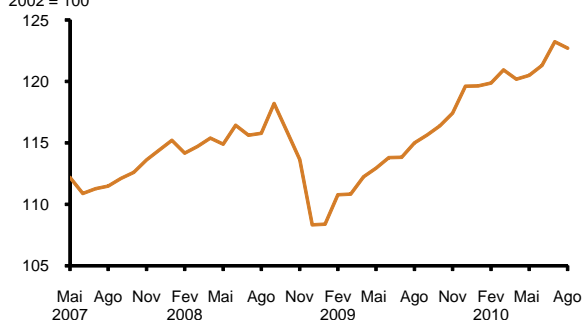
A desaceleração na variação dos preços livres decorreu de retrações nos segmentos de bens comercializáveis, de 1,43% para 1,24%, com ênfase no impacto do recuo de 6,9% no preço do leite pasteurizado, e de não comercializáveis, de 1,49% para 0,47%, evidenciando, em grande parte, o desempenho dos preços dos itens refeição e aluguel residencial. O índice de difusão, registrando menor disseminação da inflação, atingiu, em média, 53,4% no trimestre encerrado em setembro, ante 54,7% naquele finalizado em junho.

Considerados períodos de doze meses, o IPCA da RMC registrou expansão de 5,29% em setembro, ante 4,45% em junho, trajetória decorrente da aceleração, de 1,31% para 3,42%, na variação dos preços monitorados, e de 5,73% para 6,05%, na relativa aos preços livres.

A evolução recente e as perspectivas em relação ao desempenho dos indicadores de atividade do estado, sustentados pelo dinamismo da demanda interna, sugerem que a economia paranaense deverá seguir apresentando resultados positivos em 2010, mas menos robustos do que em iguais períodos do ano anterior.

**Gráfico 5.12 – Índice de Atividade Econômica Regional – Rio Grande do Sul (IBCR-RS)**

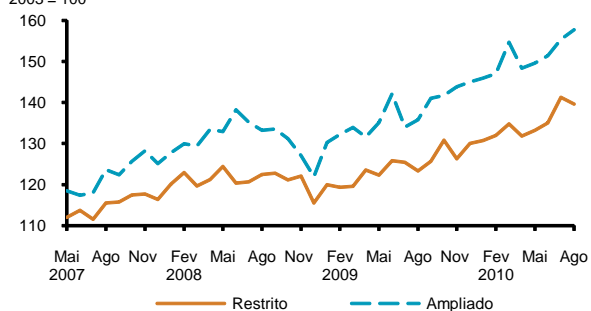
Dados dessazonalizados  
2002 = 100



**Gráfico 5.13 – Comércio varejista – RS**

Dados dessazonalizados

2003 = 100



Fonte: IBGE

**Tabela 5.21 – Comércio varejista – RS**

Geral e setores selecionados

Discriminação	Variação % no período			
	2009	2010		
		Mai <sup>1/</sup>	Ago <sup>1/</sup>	12 meses
Comércio varejista	4,8	1,8	4,0	9,0
Combustíveis e lubrificantes	-1,6	2,5	3,2	0,6
Hiper e supermercados	4,3	2,3	2,8	6,7
Tecidos, vestuário e calçados	0,9	5,8	1,1	12,0
Móveis e eletrodomésticos	3,1	2,0	4,0	14,3
Comércio varejista ampliado	5,5	3,4	2,6	12,4
Automóveis e motocicletas	10,3	3,8	-0,1	18,8
Material de construção	-11,0	7,0	11,4	17,3

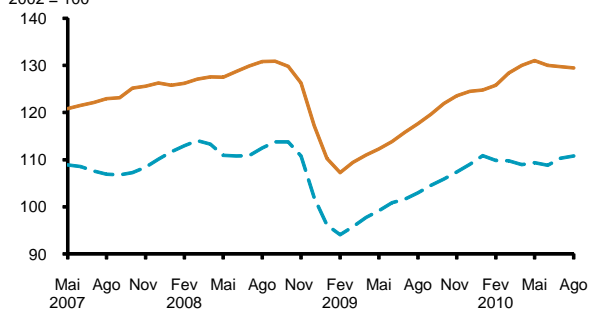
Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

**Gráfico 5.14 – Produção industrial – RS**

Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral

2002 = 100



Fonte: IBGE

## Rio Grande do Sul

A trajetória dos principais indicadores econômicos revela que a economia do Rio Grande do Sul apresentou, no trimestre encerrado em agosto, dinamismo mais acentuado do que os assinalados na região Sul e no país. Esse desempenho na margem está expresso na evolução do IBCR-RS, que apresentou expansão de 1,6% no período encerrado em agosto, em relação ao finalizado em maio, enquanto os indicadores da região e do país assinalaram, respectivamente, aumento de 0,9% e estabilidade, considerados dados dessazonalizados.

O comércio varejista do estado cresceu 4% no trimestre finalizado em agosto, em relação ao encerrado em maio, considerados dados dessazonalizados da PMC do IBGE, ante variações de 2,7% na região Sul e de 2,3% no país. As vendas de outros artigos de uso pessoal e doméstico elevaram-se 6,8% e as relativas a hiper e supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo, 2,8%. O comércio ampliado, incorporadas as variações de 11,4% nas vendas de materiais de construção e de -0,1% nas relativas a veículos, motos, partes e peças, cresceu 2,6% no período, ante 3,4% no trimestre encerrado em maio. Considerados períodos de doze meses, as vendas varejistas aumentaram 9% em agosto, enquanto o crescimento do comércio ampliado atingiu 12,4%.

Pesquisa de Endividamento e Inadimplência das Famílias (PEIF-RS), elaborada pela Federação do Comércio do Estado do Rio Grande do Sul (Fecomércio-RS) para Porto Alegre, revela que 39% das famílias possuíam dívidas em atraso em agosto, ante 44% em maio.

A produção da indústria gaúcha cresceu 1,3% no trimestre encerrado em agosto, em relação ao finalizado em maio, quando recuara 0,4%, no mesmo tipo de análise, considerados dados dessazonalizados da PIM-PF regional do IBGE. Oito das quatorze atividades pesquisadas apresentaram resultados positivos, com ênfase nos relativos a bebidas, 37,4%, e fumo, 17,1%, enquanto as retrações mais intensas ocorreram nos segmentos celulose, papel e produtos de papel, 5,8%, e alimentos, 4,3%, este detendo participação de 18,3% na estrutura industrial do estado. A análise em doze meses revela que a indústria do estado aumentou 7,6% em agosto, em relação ao intervalo correspondente de 2009, ante 3,4% em maio.

O Índice de Desempenho Industrial (IDI) da Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul (Fiergs) cresceu 0,9% no trimestre encerrado em agosto, desacelerando em

**Tabela 5.22 – Produção industrial – Rio Grande do Sul**  
 Geral e atividades selecionadas

Setores	Pesos <sup>1/</sup>	Variação % no período		
		2010		
		Mai <sup>2/</sup>	Ago <sup>2/</sup>	12 meses
Indústria geral	100,0	-0,4	1,3	7,6
Alimentos	18,3	8,1	-4,3	-2,3
Refino de petróleo e álcool	13,6	-3,6	1,7	6,0
Borracha e plástico	11,2	-3,0	-2,1	3,6
Outros produtos químicos	11,0	1,7	-3,6	14,5
Veículos automotores	9,1	5,6	2,1	24,7
Máquinas e equipamentos	8,6	10,3	5,0	8,3
Fumo	7,7	-6,4	17,1	-14,2
Calçados e artigos de couro	7,7	5,5	1,4	3,8

Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade conforme a PIM-PF/IBGE de agosto.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

**Tabela 5.23 – Indicadores da produção industrial – Rio Grande do Sul**

Discriminação	Variação %		
	2010		
	Mai <sup>2/</sup>	Ago <sup>2/</sup>	12 meses
IDI	1,9	0,9	3,6
Compras industriais	-2,0	4,8	9,5
Vendas industriais	4,8	-3,4	5,6
Pessoal ocupado	2,9	1,5	-0,2
Horas trabalhadas	2,6	1,9	1,0
Nuci <sup>1/</sup>	84,0	83,7	82,3

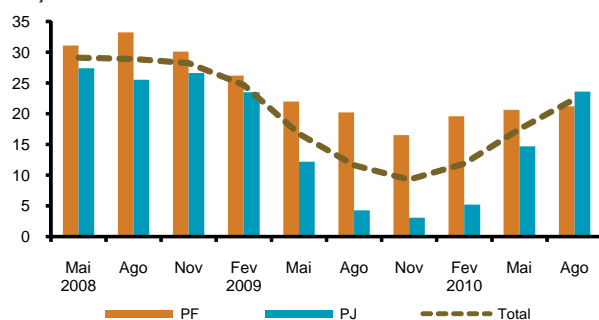
Fonte: Fiergs

1/ Percentual médio de utilização.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados pelo Banco Central.

**Gráfico 5.15 – Evolução do saldo das operações de crédito – RS<sup>1/</sup>**

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$5 mil.

relação ao finalizado em maio, quando assinalara expansão de 1,9%, considerados dados dessazonalizados. O menor crescimento decorreu principalmente dos recuos respectivos de 3,4% e 0,3 p.p. registrados nas vendas industriais e no Nuci. Considerados períodos de doze meses, o IDI cresceu 3,6% em agosto, em relação a igual período de 2009, ante retração de 3,1% em maio.

Sondagem industrial realizada pela Fiergs em julho evidenciou que os industriais gaúchos continuam apostando na permanência do atual ciclo de crescimento nos próximos seis meses. As expectativas para esse período são de otimismo no que se refere à demanda, em especial a interna, com reflexos positivos sobre as compras futuras de matérias primas. Quanto às vendas externas, a avaliação, expressa no valor do indicador (52 pontos), é de leve crescimento para as exportações nos próximos seis meses. Ressalte-se que, ao atingir 54 pontos, o nível de estoques superou o planejado.

O Icei da Fiergs atingiu 59,5 pontos em setembro. O recuo de 3,6 pontos em relação a junho foi determinado pelas retrações respectivas de 5,5 pontos e de 2,6 pontos registradas nos componentes que avaliam as condições atuais e as expectativas para os próximos seis meses.

A produtividade da mão de obra da indústria de transformação gaúcha, refletindo as elevações respectivas de 1% e 1,3% experimentadas pelos índices das horas trabalhadas e da produção física, ambos do IBGE, cresceu 2,1% no trimestre encerrado em agosto, em relação ao finalizado em maio, considerados dados dessazonalizados. O indicador registrou expansão de 6,6% no período de doze meses terminado em agosto, em relação ao intervalo correspondente de 2009.

A taxa de velocidade de vendas de imóveis novos no mercado imobiliário de Porto Alegre atingiu 11,8% em agosto de 2010, ante 18,7% em maio e 11,3% em agosto de 2009, de acordo com a Pesquisa do Mercado Imobiliário de Porto Alegre, realizada mensalmente pelo Sindicato das Indústrias de Construção Civil do Rio Grande do Sul (Sinduscon-RS).

O saldo das operações de crédito superiores a R\$5 mil realizadas no estado atingiu R\$97,4 bilhões em agosto, elevando-se 5,6% no trimestre e 22,4% em doze meses. As operações contratadas no segmento de pessoas físicas, impulsionadas pelo desempenho das modalidades financiamentos imobiliários, de veículos, e empréstimos consignados, totalizaram R\$47,3 bilhões, aumentando, na ordem, 3,6% e 21,2% nas bases de comparação mencionadas.



**Tabela 5.24 – Dívida líquida e necessidades de financiamento – Rio Grande do Sul<sup>1/</sup>**

UF	R\$ milhões					Dívida <sup>2/</sup> 2010 Abr
	Dívida 2009 Dez	Fluxos acumulados no ano			Outros <sup>4/</sup>	
		Nominal	Juros	Total <sup>3/</sup>		
Estado do R. G. Sul	37 635	-1 071	1 843	772	-10	38 397
Governo estadual	37 868	-811	1 829	1 017	-9	38 877
Capital	-101	-16	4	-11	-1	-112
Demais municípios	-132	-244	10	-234	-0	-367

1/ Inclui informações do estado e de seus principais municípios. Dados preliminares.

2/ A dívida líquida no momento t+1 é a dívida no momento t, mais o resultado nominal e o resultado de outros fluxos.

3/ O resultado nominal é a soma dos juros com o resultado primário.

4/ Inclui ajustes decorrentes de var. cambial, reconhecimento de dívidas e privatizações.

**Tabela 5.25 – Necessidades de financiamento – RS<sup>1/</sup>**

UF	R\$ milhões			
	Resultado primário		Juros nominais	
	2009 Jan-abr	2010 Jan-abr	2009 Jan-abr	2010 Jan-abr
Estado do R. G. Sul	-962	-1 071	327	1 843
Governo estadual	-835	-811	317	1 829
Capital	-50	-16	6	4
Demais municípios	-77	-244	4	10

1/ Inclui informações do estado e de seus principais municípios. Dados preliminares.

**Tabela 5.26 – Produção agrícola – Rio Grande do Sul**  
Itens selecionados

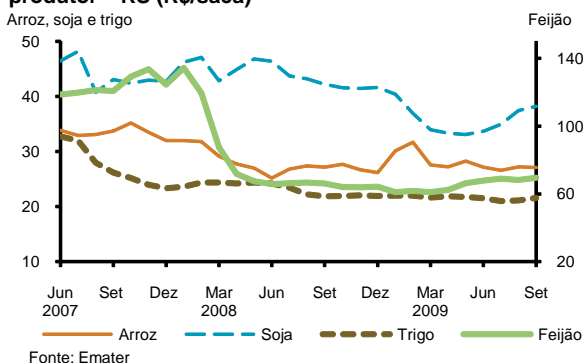
Discriminação	Pesos <sup>1/</sup>	Em mil toneladas		
		Produção <sup>2/</sup>		Variação % 2010/2009
		2009	2010	
Grãos	70,9	22 328	24 858	11,3
Soja	30,3	7 913	10 219	29,1
Arroz (em casca)	22,8	7 913	6 920	-12,5
Milho	11,2	4 249	5 596	31,7
Trigo	4,9	1 806	1 644	-9,0
Outras lavouras				
Fumo	11,7	444	343	-22,8
Mandioca	4,0	1 282	1 284	0,2

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2008.

2/ Estimativa segundo o LSPA de setembro de 2010.

**Gráfico 5.16 – Preços médios mensais pagos ao produtor – RS (R\$/saca)**



A carteira das pessoas jurídicas, evidenciando os aumentos nos empréstimos às indústrias de peças e acessórios para automotores, máquinas e equipamentos, e outras indústrias, somou R\$50,1 bilhões em agosto, crescendo 7,5% no trimestre e 23,6% em doze meses.

A inadimplência do sistema financeiro atingiu 2,6% em agosto, ante 3% em maio, traduzindo os recuos respectivos de 0,4 p.p. nas taxas dos segmentos de pessoas físicas e de pessoas jurídicas, que atingiram, na ordem, 3,3% e 2% no mês.

Os governos do estado, da capital e dos principais municípios do Rio Grande do Sul registraram superávit primário de R\$1 bilhão no quadrimestre encerrado em abril. O crescimento de 11,4% registrado em relação a igual período do ano anterior refletiu o aumento de 216,6% assinalado no resultado dos demais municípios e as retrações respectivas de 2,8% e 68,6% observadas nos superávits do estado e da capital.

Os juros nominais, apropriados por competência, totalizaram R\$1,8 bilhão, ressaltando-se que o aumento de 463,3% assinalado em relação ao primeiro quadrimestre de 2009 refletiu, em parte, a aceleração do IGP-DI – principal indexador dos passivos estaduais – no período. O déficit nominal totalizou R\$772 milhões no quadrimestre encerrado em abril, ante superávit de R\$635 milhões em igual período do ano anterior.

A dívida líquida do estado atingiu R\$38,4 bilhões em abril, elevando-se 2% em relação a dezembro de 2009, com ênfase na ampliação de 2,7% registrada na esfera estadual.

A safra de grãos do estado deverá atingir 24,9 milhões de toneladas em 2010, com crescimento de 11,3% no ano e representatividade de 17,7% na produção nacional, de acordo com o LSPA realizado pelo IBGE em setembro. Essa projeção reflete o impacto dos aumentos nas colheitas de soja, 29,1%, e de milho, 31,7%, e dos recuos estimados para as safras de trigo, principal cultura de inverno, 9%; arroz, 12,5%; e feijão, 7,9%. De acordo com acompanhamento semanal da Emater/RS, os preços médios dos principais grãos nos nove primeiros meses do ano registraram decréscimos em relação a igual período de 2009, com ênfase nas retrações assinaladas nas cotações da soja, 24%; milho, 16,3%; feijão, 19,8%; e trigo, 14,8%. Na margem, as cotações médias da soja, milho e trigo aumentaram 13,6%, 7,9% e 0,4% no trimestre encerrado em setembro, em relação ao finalizado em junho, ressaltando-se que as elevações dos preços da soja e do milho

**Tabela 5.27 – Estimativas da área e produção para os principais grãos – Rio Grande do Sul**

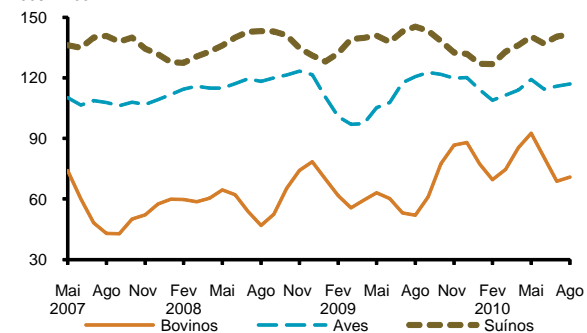
Cultura	Área (em mil hectares)			Produção (em mil toneladas)		
	2010	2011	Var. %	2010	2011	Var. %
Arroz	1 099	1 146	4,2	6 866	8 066	17,5
Feijão 1ª safra	77	74	-4,1	80	88	9,7
Milho	1 151	1 109	-3,7	5 628	4 647	-17,4
Soja	4 022	4 084	1,5	10 477	9 148	-12,7
Total	6 350	6 413	1,0	23 053	21 949	-4,8

Fonte: Emater-RS

**Gráfico 5.17 – Abates de animais – RS**

Média móvel trimestral

2005 = 100



Fonte: Mapa

**Tabela 5.28 – Indicadores da pecuária – RS**

Agosto de 2010

Discriminação	Produção	Variação % no ano	
		Exportações (kg)	Preços (R\$)
Abates <sup>1/</sup>			
Bovinos	38,5	-7,1	-1,2
Suínos	-2,9	-6,9	17,0
Aves <sup>2/</sup>	6,1	5,1	-0,5
Leite <sup>3/</sup>	3,3 <sup>4/</sup>	-	7,4

Fonte: AGL, Emater/RS, IBGE, Iepe, Mapa e MDIC

1/ Número de animais.

2/ Os preços correspondem aos praticados no varejo.

3/ Litros.

4/ Até junho.

**Tabela 5.29 – Exportação por fator agregado – FOB**

Janeiro-setembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Rio Grande do Sul			Brasil
	2009	2010	Var. %	Var. %
Total	11 039	11 526	4,4	29,6
Básicos	5 620	5 370	-4,5	36,6
Industrializados	5 419	6 156	13,6	24,2
Semimanufaturados	705	924	31,1	38,7
Manufaturados <sup>1/</sup>	4 714	5 232	11,0	19,8

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

refletiram a estiagem em importantes países produtores e o aumento de suas importações pela China.

O Primeiro Levantamento sobre a Intenção de Plantio, realizado pela Emater/RS em 356 municípios, responsáveis por 83% da produção estadual, projeta redução anual de 4,8% para a safra de grãos em 2011. Esperam-se recuos para as colheitas de milho, 17,4%, e de soja, 12,7%, e expansões para as relativas a arroz, 17,5%, e feijão, 9,7%.

Os abates de bovinos, aves e suínos registraram variações respectivas de 38,5%, 6,1% e -2,9% nos oito primeiros meses do ano, em relação a igual período de 2009, de acordo com estatísticas do Mapa. O desempenho do segmento de carne bovina refletiu o dinamismo da demanda interna, enquanto a expansão na produção de aves foi favorecida, ainda, pela retomada das exportações no trimestre encerrado em agosto. O recuo nos abates de suínos decorreu, em parte, da redução de 6,9% registrada na demanda externa.

Os preços médios de bovinos, aves e suínos registraram variações respectivas de -1,2%, -0,5% e 17% nos oito primeiros meses do ano, em relação a igual intervalo de 2009, de acordo com dados da Emater/RS e do Centro de Estudos e Pesquisas Econômicas (Iepe) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

A produção gaúcha de leite, representando 13% da nacional, cresceu 3,3% no primeiro semestre, em relação a igual intervalo de 2009, segundo o IBGE, enquanto, considerados os oito primeiros meses do ano, o preço médio do produto elevou-se 7,4%, em relação a igual período de 2009, de acordo com a Emater/RS.

O estado acumulou superávit comercial de US\$1,8 bilhão nos nove primeiros meses do ano, ante US\$7 bilhões em igual período de 2009, de acordo com o MDIC. As exportações somaram US\$11,5 bilhões, e as importações, US\$9,8 bilhões, registrando variações respectivas de 4,4% e 46,7% no período.

O acréscimo das vendas externas, decorrente de elevação de 11,3% nos preços e de redução de 6,2% no *quantum* exportado, foi favorecido pelo crescimento de 11% nas exportações de produtos manufaturados, enquanto o desempenho das importações, refletindo aumentos respectivos de 28,6% e 14,1% no *quantum* e nos preços, foi impactado pela expansão de 68,6% nas aquisições de matérias primas e produtos intermediários.

**Tabela 5.30 – Importação por categoria de uso – FOB**

Janeiro-setembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Rio Grande do Sul		Brasil	
	2009	2010	Var. %	Var. %
Total	6 661	9 768	46,7	45,8
Bens de capital	1 302	1 509	15,9	38,9
Matérias-primas	2 717	4 580	68,6	43,4
Bens de consumo	837	1 292	54,4	50,9
Duráveis	593	983	65,7	68,5
Não duráveis	243	309	27,0	31,4
Combustíveis e lubrificantes	1 805	2 387	32,2	61,1

Fonte: MDIC/Secex

**Tabela 5.31 – Evolução do emprego formal – Rio Grande do Sul**

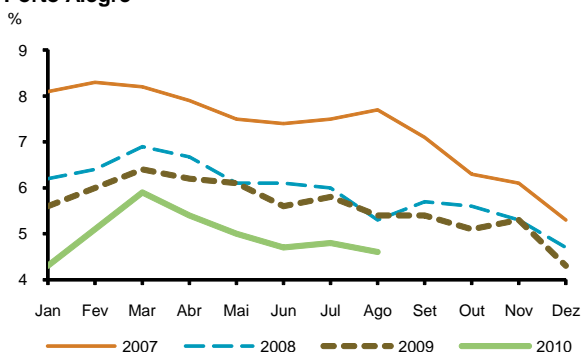
Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) <sup>1/</sup>				
	2009		2010		
	Ago	Nov	Fev	Mai	Ago
Total	9,1	59,7	26,9	58,2	33,2
Indústria de transformação	-3,9	17,8	11,5	30,1	7,1
Comércio	4,1	17,3	0,6	11,6	6,7
Serviços	7,2	12,4	7,6	15,6	14,0
Construção civil	3,4	5,1	3,3	7,2	5,8
Agropecuária	-1,9	6,6	3,9	-7,5	-1,1
Serviços ind. de utilidade pública	-0,1	0,2	0,5	0,7	0,3
Outros <sup>2/</sup>	0,4	0,2	-0,5	0,5	0,3

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outras.

**Gráfico 5.18 – Taxa de desemprego aberto – Porto Alegre**

Fonte: IBGE

O mercado de trabalho formal do estado registrou a criação de 33,2 mil vagas no trimestre finalizado em agosto, ante 9,1 mil no período correspondente de 2009, de acordo com o Caged/MTE, das quais 14 mil no setor de serviços e 7,1 mil na indústria. Em oposição, foram eliminados 1,1 mil postos de trabalho na agropecuária.

O nível de emprego formal cresceu 2% no trimestre encerrado em agosto, em relação ao finalizado em maio, quando crescera 2,4% no mesmo tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados. O resultado de agosto refletiu, principalmente, os aumentos na indústria de transformação, 2,2%; e no setor de serviços, 1,6%, principais responsáveis pelo estoque de emprego do estado. Ressalte-se, ainda, o acentuado crescimento ocorrido na construção civil, 5,3%, em resposta às medidas de estímulo ao setor.

A taxa de desemprego aberto na Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA) atingiu 4,6% em agosto, ante 5% em maio e 5,4% em agosto de 2009, de acordo com a PME do IBGE, traduzindo, na comparação anual, os crescimentos registrados na população ocupada, 3,2%, e na PEA, 2,2%. Considerados dados dessazonalizados, a taxa de desemprego situou-se em 4,6% em agosto de 2010, ante 4,9% em maio, refletindo os aumentos registrados na população ocupada, 1,1%, e na PEA, 0,7%. O rendimento médio real habitualmente recebido e a massa salarial real assinalaram aumentos respectivos de 0,7% e 3,9% no trimestre encerrado em agosto, acumulando, em doze meses, variações de 5,8% e 8,2%.

O IPCA da RMPA cresceu 0,61% no trimestre encerrado em setembro, ante 0,47% naquele finalizado em junho. A variação dos preços livres recuou de 0,68% para 0,48%, enquanto a relativa aos monitorados passou de -0,10% para 0,97%, com ênfase no aumento de 5,2% nas tarifas de ônibus intermunicipal.

O comportamento dos preços livres evidenciou a desaceleração, de 1,28% para 0,49%, observada no segmento de itens comercializáveis, favorecida pela trajetória dos preços do vestuário, e a aceleração, de 0,12% para 0,47%, na referente aos não comercializáveis, esta evidenciando, em especial, as elevações assinaladas nos itens frutas e empregado doméstico. Indicando menor disseminação dos reajustes de preços, a média do índice de difusão atingiu 51,6% no trimestre finalizado em setembro, ante 53,4% naquele encerrado em junho.

**Tabela 5.32 – IPCA – RMPA**

Discriminação	Pesos <sup>1/</sup>	Variação % trimestral			
		2009	2010		
		IV Tri	I Tri	II Tri	III Tri
IPCA	100,0	0,77	2,10	0,47	0,61
Livres	73,6	0,72	2,47	0,68	0,48
Comercializáveis	35,6	0,23	1,55	1,28	0,49
Não comercializáveis	38,1	1,19	3,34	0,12	0,47
Monitorados	26,4	0,90	1,09	-0,10	0,97
Principais itens					
Alimentação	22,9	0,63	3,81	-0,55	-0,22
Habitação	14,2	0,31	1,16	0,15	0,34
Artigos de residência	4,6	-0,47	2,14	1,60	-0,31
Vestuário	7,4	2,34	-0,60	2,35	1,04
Transportes	17,6	1,41	2,25	-0,20	1,11
Saúde	10,7	0,26	0,83	1,61	1,05
Despesas pessoais	11,4	1,40	2,21	1,57	1,47
Educação	6,6	0,09	4,37	0,23	0,83
Comunicação	4,7	0,10	-0,14	0,19	0,58

Fonte: IBGE

1/ Referentes a setembro de 2010.

Considerados períodos de doze meses, a variação do IPCA da RMPA atingiu 4,01% em setembro, ante 3,80% em junho de 2010, traduzindo as acelerações assinaladas nos preços livres, de 4,20% para 4,41%, e nos monitorados, de 2,68% para 2,89%.

A evolução da atividade econômica do estado permanece vinculada ao vigor da demanda interna, que traduz o ambiente de crescimentos da renda e do emprego, melhores condições no mercado de crédito e manutenção das expectativas em patamar elevado. Nesse cenário, embora a demanda externa siga exercendo contribuição residual para sua sustentação, as perspectivas são de manutenção da trajetória de crescimento da economia gaúcha.

# 6

## Inferências nacionais a partir dos indicadores regionais

**Tabela 6.1 – Índice de Atividade Banco Central – IBC**

Brasil e regiões<sup>1/</sup>

Discriminação	%				
	2009		2010		
	Ago	Nov	Fev	Mai	Ago
Brasil	2,6	3,0	2,4	2,0	0,0
Norte	2,7	2,2	4,5	2,2	0,1
Nordeste	1,9	2,2	3,1	3,2	0,6
Sudeste	2,4	2,8	2,4	1,7	1,2
Sul	1,5	2,6	3,8	1,8	0,9
Centro-Oeste	2,2	1,4	3,0	1,4	0,0

Fonte: BCB

1/ Variação do trimestre em relação ao anterior; séries com ajuste sazonal.

**Tabela 6.2 – Índice de volume de vendas**

Brasil e regiões<sup>1/</sup>

Discriminação	Variação percentual				
	2009		2010		
	Ago	Nov	Fev	Mai	Ago
<b>Comércio varejista</b>					
Brasil	2,8	2,7	3,0	2,5	2,3
Norte	2,6	3,9	4,6	4,9	2,5
Nordeste	2,6	2,3	3,3	4,2	1,1
Sudeste	2,8	2,9	3,0	2,3	2,2
Sul	2,0	2,1	3,6	1,1	2,7
Centro-Oeste	2,7	4,1	5,2	2,3	1,7
<b>Comércio ampliado</b>					
Brasil	3,9	3,0	1,2	4,5	0,3
Norte	4,4	2,0	2,4	6,4	2,0
Nordeste	5,7	2,3	1,0	6,3	0,4
Sudeste	3,2	3,3	2,2	2,5	0,2
Sul	1,9	4,4	2,4	3,3	1,5
Centro-Oeste	4,7	3,8	1,5	5,7	0,1

Fonte: IBGE e BCB

1/ Variação do trimestre em relação ao anterior; séries com ajuste sazonal.

**Tabela 6.3 – Operações de crédito do SFN<sup>1/</sup>**

Agosto de 2010

Discriminação	R\$ bilhões								
	Saldo			Variação percentual (%)					
	PJ	PF	Total	Trimestre			12 meses		
				PJ	PF	Total	PJ	PF	Total
Brasil	842	578	1.420	7,0	4,9	6,1	19,2	22,1	20,3
Norte	26	27	53	11,9	5,5	8,6	27,7	23,0	25,3
Nordeste	93	76	169	7,2	6,3	6,8	25,7	28,4	26,9
Sudeste	527	285	811	7,3	5,2	6,5	19,1	22,3	20,2
Sul	140	117	258	5,9	3,6	4,9	17,1	21,2	19,0
Centro-Oeste	56	72	128	4,7	4,1	4,3	11,3	16,6	14,2

1/ Operações com saldo superior a R\$5 mil.

O ritmo de crescimento dos principais indicadores de atividade sugere que a economia brasileira experimentou relativa acomodação no terceiro trimestre do ano. Essa avaliação também encontra suporte nos indicadores regionais, a despeito da elevada variância da desaceleração nas distintas regiões.

O Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil (IBC-Br) apresentou estabilidade no trimestre encerrado em agosto, em relação ao terminado em maio, quando crescera 2% no mesmo tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados, conforme a Tabela 6.1. A desaceleração refletiu o arrefecimento observado, de forma generalizada, nas variações dos indicadores regionais, destacando-se as retrações assinaladas no Nordeste, 2,6 p.p., e no Norte, 2,1 p.p.

Vale ressaltar que a evolução trimestral do Índice de Atividade Econômica (IBC) do Nordeste refletiu, em especial, o decréscimo de 2,1% registrado na produção industrial da região, após apresentar quatro acelerações trimestrais consecutivas. Essa desaceleração traduziu os recuos observados nas indústrias de refino de petróleo e álcool, 0,9%; química, 1,1%; e de alimentação e bebidas, 2%.

A análise da Tabela 6.2 revela que o consumo doméstico, consideradas as vendas varejistas como *proxy*, persistiu favorecido pela evolução dos mercados de trabalho e de crédito. O comércio varejista cresceu, em âmbito nacional, 2,3% no trimestre encerrado em agosto, em relação ao finalizado em maio, quando aumentara 2,5%, no mesmo tipo de comparação, segundo dados dessazonalizados. Esse arrefecimento resultou de movimentos semelhantes em todas as regiões, excetuando-se no Sul, onde as vendas varejistas elevaram-se 2,7%, resultado 1,6 p.p. superior ao assinalado no trimestre encerrado em maio, com ênfase na expansão de 4,8% registrada no segmento hiper e supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo.

**Tabela 6.4 – Inadimplência do crédito do SFN<sup>1/</sup>**

Agosto de 2010

Discriminação	Inadimplência			Variação em p.p.					
	PJ	PF	Total	Trimestre			12 meses		
				PJ	PF	Total	PJ	PF	Total
Brasil	1,9	4,3	2,9	-0,2	-0,4	-0,3	-0,9	-1,4	-1,1
Norte	2,9	5,4	4,2	-0,6	-0,6	-0,6	-1,4	-1,4	-1,4
Nordeste	2,1	5,5	3,6	-0,3	-0,2	-0,3	-0,6	-1,3	-0,9
Sudeste	1,8	4,2	2,6	-0,2	-0,4	-0,3	-1,0	-1,5	-1,1
Sul	2,0	3,5	2,7	-0,3	-0,4	-0,3	-0,8	-1,1	-0,9
Centro-Oeste	2,5	4,5	3,6	0,0	-0,6	-0,3	-0,8	-1,8	-1,4

1/ Operações com saldo superior a R\$5 mil com pelo menos uma parcela em atraso superior a 90 dias.

**Tabela 6.5 – Produção física da indústria**Brasil e regiões<sup>1/</sup>

Discriminação	Peso <sup>2/</sup>	%					
		2009		2010			
		Ago	Nov	Fev	Mai	Ago	
Brasil	100,0	4,7	5,0	1,8	4,1	-1,2	
Norte	5,9	5,4	4,6	11,2	-0,3	-1,8	
Nordeste	9,5	3,4	5,0	3,2	3,8	-2,1	
Sudeste	62,7	5,0	5,4	2,4	2,3	0,2	
Sul	18,5	0,7	6,2	2,1	5,9	-1,7	
Centro-Oeste	3,5	8,3	-2,1	11,7	4,3	-7,8	

Fonte: IBGE e BCB

1/ Variação do trimestre em relação ao anterior; séries com ajuste sazonal.

2/ Participação no Valor da Transformação Industrial (VTI) em 2007.

**Tabela 6.6 – Geração de postos de trabalho<sup>1/</sup>**

Discriminação	Mil					
	2009		2010			
	Set	Dez	Mar	Jun	Set	
Brasil	633,1	62,5	657,3	816,1	728,1	
Norte	43,3	4,2	26,3	31,8	39,8	
Nordeste	205,5	88,9	9,1	104,1	216,1	
Sudeste	257,3	-21,0	391,2	502,8	326,4	
Sul	89,9	36,5	160,1	111,9	116,5	
Centro-Oeste	37,2	-46,1	70,5	65,5	29,3	

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês indicado.

**Tabela 6.7 – Taxa de desemprego**

Discriminação <sup>1/</sup>	%				
	2009		2010		
	Set	Dez	Mar	Jun	Set
Brasil	7,9	7,2	7,4	7,2	6,6
Nordeste	10,9	10,0	10,1	10,6	10,5
Sudeste	7,7	7,0	7,2	6,9	6,2
Sul	5,5	4,7	5,3	5,0	4,4

Fonte: IBGE

1/ Média do trimestre encerrado no mês.

As operações de crédito registram aumento trimestral de 6,1% em agosto, no país, conforme a Tabela 6.3, crescimento decorrente de elevações de 7% no segmento de pessoas jurídicas e de 4,9% no relativo a pessoas físicas. Em doze meses, o crescimento do crédito no país atingiu 20,3%, resultado de elevações respectivas de 19,2% e 22,1% nos segmentos mencionados.

A segmentação do crédito por região evidencia que as elevações mais representativas ocorreram nos estoques das operações realizadas no Norte e Nordeste, destacando-se os acréscimos nos saldos dos repasses realizados pelo BNDES e das modalidades empréstimos consignados, financiamentos de veículos e crédito habitacional. No Sudeste, responsável por 57% do total de crédito no país, o aumento trimestral atingiu 6,5%, enquanto nas regiões Sul e Centro-Oeste ocorreram crescimentos respectivos de 4,9% e 4,3%.

É relevante enfatizar que o processo de crescimento das operações de crédito ocorre em ambiente de recuo na inadimplência, que atingiu 2,9% em agosto, ante 3,2% em maio, conforme registrado na Tabela 6.4. As retrações mais acentuadas ocorreram no segmento de pessoas físicas, em especial no Centro-Oeste e Norte.

A produção da indústria geral decresceu 1,2% no trimestre finalizado em agosto, em relação ao encerrado em maio, conforme observado na Tabela 6.5, interrompendo uma sequência de cinco resultados positivos, nesse tipo de comparação. Ressaltem-se, no período, os recuos assinalados nas indústrias do Centro-Oeste – com ênfase na retração de 6,8% observada no segmento alimentos e bebidas – e do Nordeste, contrastando com a expansão de 0,2% observada no Sudeste, único resultado favorável no trimestre.

As contratações no mercado formal de trabalho (Tabela 6.6) seguiram apresentando dinamismo expressivo no trimestre encerrado em agosto, quando, de acordo com o Caged/MTE, foram criados 728,1 mil postos de trabalho, ante 633,1 mil em igual período do ano anterior. Considerada essa base de comparação, ressaltem-se os aumentos respectivos de 29,6% e 26,9% nas contratações efetuadas nas regiões Sul e Sudeste.

A taxa média de desemprego do país, divulgada pela PME do IBGE e expressa na Tabela 6.7, atingiu 6,6% no trimestre encerrado em setembro, ante 7,2% naquele finalizado em junho. Este resultado decorreu de recuos nas regiões Sudeste, 0,7 p.p.; Sul, 0,6 p.p.; e Nordeste, 0,1 p.p.

**Tabela 6.8 – Necessidades de financiamento de estados e municípios<sup>1/</sup>**

Região	R\$ milhões	
	Resultado primário	
	2009	2010
	Jan-abr	Jan-abr
Região Norte	- 506	-878
Região Nordeste	-2 262	-2 422
Região Centro-Oeste	-1 714	- 723
Região Sudeste	-7 670	-12 532
Região Sul	-2 321	-2 879
Total	-14 473	-19 434

1/ Inclui informações dos estados e de seus principais municípios.

(-) superávit

(+) déficit

**Tabela 6.9 – Balança comercial regional FOB**

Média diária – Janeiro-setembro

Região	US\$ milhões					
	Exportações		Importações		Saldo	
	2009	2010	2009	2010	2009	2010
Total	597,8	770,9	484,6	703,0	113,3	67,9
Norte	39,5	54,5	30,2	50,6	9,3	3,9
Nordeste	44,0	59,4	40,9	61,4	3,1	-1,9
Sudeste	313,6	427,9	286,3	396,7	27,3	31,2
Sul	131,6	147,9	97,9	149,6	33,7	-1,6
Centro-Oeste	59,6	64,5	29,1	39,3	30,6	25,3
Outros <sup>1/</sup>	9,6	16,6	0,3	5,5	9,3	11,1

Fonte: MDIC/Secex

1/ Referem-se a operações não classificadas regionalmente.

**Tabela 6.10 – IPCA**

Variação trimestral<sup>1/</sup>

Discriminação	Peso	%					
		2009		2010			
		Set	Dez	Mar	Jun	Set	
<b>IPCA</b>							
Brasil	100,0	0,63	1,06	2,06	1,00	0,50	
Norte	4,2	0,34	1,25	2,90	0,92	0,12	
Nordeste	14,8	0,69	1,01	1,88	1,38	0,01	
Sudeste	57,6	0,68	1,09	2,23	0,98	0,49	
Sul	16,3	0,46	0,89	1,95	0,74	0,93	
Centro-Oeste	7,1	0,54	1,35	0,93	1,03	0,89	
<b>Livres</b>							
Brasil		0,44	0,94	2,47	1,17	0,50	
Norte		-0,09	1,54	2,98	0,90	-0,23	
Nordeste		0,66	1,10	2,40	1,38	0,05	
Sudeste		0,40	0,95	2,46	1,19	0,58	
Sul		0,37	0,75	2,64	1,03	0,63	
Centro-Oeste		0,51	1,03	1,98	1,24	0,92	
<b>Monitorados</b>							
Brasil		1,10	1,34	1,11	0,59	0,50	
Norte		1,56	0,43	2,68	1,00	0,00	
Nordeste		0,79	0,80	0,67	1,36	-0,10	
Sudeste		1,36	1,43	1,71	0,52	0,28	
Sul		0,70	1,27	0,16	-0,02	1,76	
Centro-Oeste		0,63	2,09	-1,44	0,53	0,80	

Fonte: IBGE e BCB

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês indicado.

O superávit primário do setor público consolidado totalizou R\$36,6 bilhões no primeiro quadrimestre de 2010, elevando-se 19% em relação a igual período de 2009. Esse desempenho refletiu os crescimentos assinalados nos superávits do Governo Central e, especialmente, dos governos regionais, neutralizados, em parte, pelo aumento do déficit das empresas estatais.

O desempenho fiscal dos estados e dos principais municípios refletiu, principalmente, o aumento de 63,4% registrado no superávit do Sudeste, resultado associado, em parte, ao desempenho econômico recente mais favorável da região. As demais regiões, excetuando-se o Centro-Oeste, apresentaram, igualmente, crescimento do superávit fiscal, no período.

Os resultados da balança comercial persistem traduzindo o ritmo mais acentuado de expansão das importações, em relação ao das exportações. Nesse cenário, o superávit comercial médio diário recuou 40% nos nove primeiros meses do ano, em relação a igual período de 2009, conforme a Tabela 6.9. O superávit comercial do Sudeste resultou de crescimentos de 36,4% nas exportações e de 38,6% nas importações, que atingiram, na ordem, US\$427,9 milhões e US\$396,7 milhões. As demais regiões registraram resultados mais desfavoráveis no período considerado, ressaltando-se a reversão, de superávit médio diário de US\$33,7 milhões para déficit médio diário de US\$1,6 milhão assinalada no saldo comercial da região Sul, reflexo de elevações de 13,1% nas exportações e de 53,6% nas importações.

A inflação registrou nova desaceleração trimestral no período julho a setembro (Tabela 6.10), com ênfase no arrefecimento nos grupos alimentação e vestuário. Excetuada a aceleração de 0,19 p.p. registrada no Sul, ocorreram recuos nas taxas de inflação trimestrais em todas as regiões do país, especialmente, no Nordeste, onde se observou retração de 1,37 p.p., região em que a participação do grupo alimentação na composição do índice local é expressiva. A aceleração trimestral dos preços no Sul refletiu, fundamentalmente, o crescimento de 1,76% nos preços monitorados, que haviam recuado 0,02% no trimestre finalizado em junho.

## Influência do Natal na Trajetória do Comércio Varejista

A trajetória do comércio varejista reflete, em especial, as condições do mercado de crédito, a evolução da massa salarial e das expectativas do consumidor, e fatores sazonais, particularmente, datas que possuem expressivo apelo comercial, a exemplo do Dia das Mães e do Natal. Nesse contexto, o objetivo deste boxe consiste em analisar o desempenho das vendas varejistas no decorrer da década, em âmbito nacional e regional, com ênfase no impacto das vendas natalinas, e antecipar o sinal de sua contribuição, em 2010, para a evolução do comércio varejista do país.

**Tabela 1 – Volume de vendas no comércio varejista**

	Acumulado no ano (%)									
	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	
Brasil	-1,6	-0,7	-3,7	9,2	4,8	6,2	9,7	9,1	5,9	
Norte	1,2	5,0	-3,3	14,4	16,9	13,0	8,4	3,4	5,1	
Nordeste	-0,5	2,2	-6,0	9,6	15,7	10,7	10,6	8,4	7,0	
Sudeste	-1,3	0,0	-4,2	9,3	3,4	7,2	10,6	10,7	6,4	
Sul	0,9	-1,3	-1,2	10,6	-0,1	2,9	8,2	6,8	5,0	
Centro-Oeste	-2,0	-0,3	-1,5	12,5	10,7	2,4	9,8	8,9	4,1	

Fonte: Bacen e IBGE.

O comércio varejista, após registrar recuos consecutivos no triênio encerrado em 2003, conforme a Tabela 1, experimentou crescimento contínuo e generalizado, no país e regionalmente<sup>1</sup>, a partir de 2004, com ênfase nas expansões assinaladas em 2004, 2007 e em 2008. Nesse período, as vendas registraram crescimento médio anual de 7,5%, em âmbito nacional, resultado sustentado, em grande parte, pelos aumentos respectivos de 10,31% e 10,08% observados no Nordeste e no Norte<sup>2</sup>.

Objetivando identificar em que anos as vendas natalinas exerceram impacto mais acentuado sobre o desempenho do comércio varejista, foram efetuadas comparações, a partir de dados dessazonalizados, entre o desempenho trimestral das vendas nos trimestres encerrados em dezembro e em setembro, incorporando e excluindo, alternativamente, o efeito Natal.

1/ O volume de vendas do comércio nas regiões foi ponderado pela receita bruta de revenda da Pesquisa Anual do Comércio de 2006.

2/ O crescimento diferenciado entre as vendas varejistas nas regiões do país revela, em parte, o impacto dos programas sociais do governo (ver boxe Distribuição Regional dos Programas Sociais do Governo Federal, publicado no Boletim Regional de janeiro de 2010) e, no período que sucedeu a crise financeira internacional, a estrutura das respectivas demandas internas.

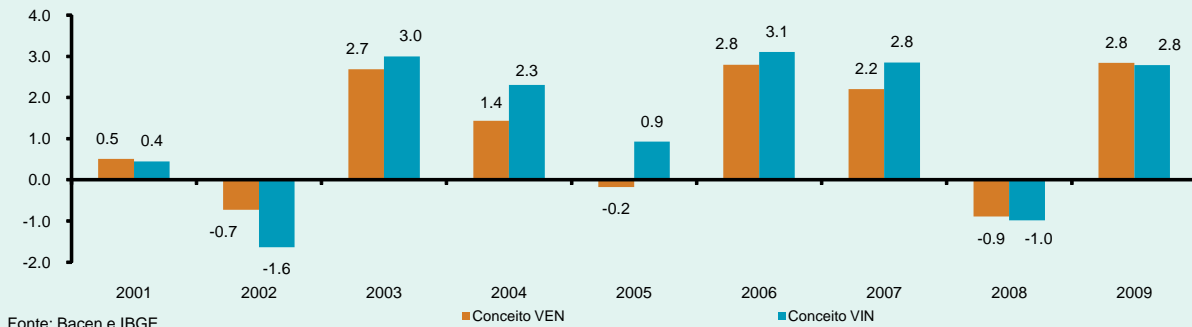


Esse procedimento, expresso no Gráfico 1 e na Tabela 2, registra a diferença, em pontos percentuais, das variações entre as vendas assinaladas no trimestre encerrado em dezembro e naquele finalizado em setembro, considerados dois conceitos distintos: VIN, que inclui as vendas de dezembro, e VEN, no qual as vendas são substituídas pela média do bimestre outubro/novembro.

**Gráfico 1 – Variações das vendas varejistas nos conceitos VEN e VIN: Brasil**

Dados dessazonalizados

IV tri/III tri(%)



Fonte: Bacen e IBGE

O Gráfico 1 apresenta as variações, para o resultado agregado do país, enquanto na Tabela 2 encontram-se as diferenças, em pontos percentuais, entre tais variações para o país e para as regiões. Note-se que, excetuando-se 2002, 2004 e 2005, não ocorreram distinções consideráveis, em âmbito nacional ou regional, entre as variações calculadas de acordo com os dois conceitos. Em 2002, as vendas natalinas contribuíram negativamente, em todas as regiões, para a trajetória anual do comércio varejista, resultado associado, em parte, ao período de incertezas decorrente da sucessão presidencial. Em oposição, as vendas de final de ano em 2004 e em 2005 exerceram contribuições positivas para os respectivos resultados anuais, conforme evidenciado pela média, 0,9 p.p. superior, da variação trimestral no conceito VIN em relação ao conceito VEN.

**Tabela 2 – Diferença entre as variações das vendas varejistas: conceitos VEN e VIN**

p.p.

	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	Média 2004-2005	Média 2001-2009
Brasil	-0,1	-0,9	0,3	0,9	1,1	0,3	0,6	-0,1	-0,1	1,0	0,2
Norte	0,5	-2,8	1,4	1,0	-0,1	0,0	0,2	-0,5	-0,2	0,5	-0,1
Nordeste	0,3	-1,3	0,9	1,7	0,4	0,3	0,5	-0,9	0,4	1,1	0,3
Sudeste	0,5	-1,3	0,2	1,8	1,0	0,5	0,7	-0,2	0,0	1,4	0,3
Sul	0,1	-1,3	0,2	2,0	0,6	0,6	0,0	-0,3	0,7	1,3	0,3
Centro-Oeste	0,1	-1,5	0,2	1,1	0,4	0,5	0,3	-0,7	1,0	0,8	0,2

Fonte: Bacen e IBGE.

O exame dos principais condicionantes do desempenho expressivo das vendas de Natal em 2004 e em 2005, e sua posterior identificação no atual cenário econômico, permitem que se antecipe, com certo grau de segurança, a repetição, em 2010, do dinamismo das vendas de Natal observado naqueles anos.

Em 2004 e em 2005, as vendas de final de ano foram sustentadas, em especial, pelas relativas a equipamentos e materiais para escritório e comunicação e, principalmente, a móveis e eletrodomésticos, que, por tratar-se de bens de consumo duráveis com maior valor agregado, são sensibilizadas pela evolução da renda disponível e, em especial, pelas condições do mercado de crédito e pelas expectativas do consumidor.

A análise da Tabela 3 demonstra que nos anos mencionados ocorreram alterações importantes nas condições do mercado de crédito para pessoas físicas com recursos livres. Nesse sentido, a taxa de juros registrou recuo médio de 10% no biênio, ante retração média de 2,7% nos demais anos do período 2002 a 2009, enquanto o volume de concessões registrou crescimentos respectivos de 18,9% e 10,2%.

**Tabela 3 – Condições de crédito com recursos livres para pessoas físicas, massa ampliada disponível real e expectativas do consumidor da FGV (ICC-FGV) e da Fecomercio SP**

	Condições de crédito com recursos livres para pessoas físicas			Massa real dos rendimentos do trabalho	Massa ampliada disponível real			% acumulado no ano
					ICC – FGV	ICC – Fecomercio-SP		
	Taxa média de juros	Prazo médio	Concessões					
2002	7,2	-10,9	7,0	-	-	-	0,7	
2003	4,0	-9,2	15,1	-9,1	-	-	6,9	
2004	-19,1	-2,7	16,6	2,7	-	-	13,5	
2005	-2,4	8,6	21,2	5,5	5,9	-	3,6	
2006	-9,2	12,4	10,7	6,0	6,6	-	1,9	
2007	-14,4	22,0	13,6	5,2	5,8	4,7	-1,1	
2008	7,7	19,0	6,4	7,8	6,3	-1,6	6,2	
2009	-8,9	7,3	8,8	3,3	4,9	-2,4	-1,5	
2010 (até agosto)	-15,2	10,1	20,9	7,5	7,4	12,5	19,6	

Fonte: Bacen, Fecomercio-SP, FGV e IBGE.

Ressalte-se que a criação, em 2004, da modalidade crédito consignado para pagamento em folha impactou consideravelmente as condições de crédito, com desdobramentos sobre as vendas de móveis e eletrodomésticos. Esse choque estrutural no mercado de crédito influenciou, portanto, as

vendas do comércio varejista e, em especial, as referentes ao Natal, no biênio encerrado em 2005.

Embora as séries estatísticas relativas à massa ampliada disponível e ao Índice de Confiança do Consumidor (ICC), elaborado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), não incorporem, de forma integral, o biênio encerrado em 2005, sua evolução nos anos recentes, até agosto de 2010, sugere que deverão impactar favoravelmente as vendas no final deste ano (Tabela 3). Essa perspectiva decorre, em especial, da trajetória das variáveis mencionadas nos oito primeiros meses de 2010, quando registraram elevações respectivas de 7,4% e 12,5% em relação a igual intervalo de 2009.

A evolução do ICC da Federação do Comércio do Estado de São Paulo (Fecomercio SP) corrobora a perspectiva discutida no parágrafo anterior. Nesse sentido, o indicador, após assinalar aumentos médios de 8,4% no biênio encerrado em 2005 e de 1,9% nos demais anos do período 2002 a 2009, aumentou 19,6% nos oito primeiros meses de 2010, em relação ao período correspondente do ano anterior.

O exame da Tabela 3 evidencia, ainda, que a evolução das condições do mercado de crédito nos oito primeiros meses de 2010, em relação a igual intervalo do ano anterior, é mais favorável do que a registrada no biênio 2004/2005, com a taxa média de juros recuando 15,2%, e o volume de concessões elevando-se 20,9%.

As trajetórias dos indicadores de crédito considerados e do ICC (Fecomercio-SP), e o desempenho recente da massa salarial ampliada e do ICC (FGV), em ambiente de consolidação de novo ciclo de crescimento econômico, criam cenário consistente, portanto, para que as vendas de Natal em 2010 registrem dinamismo acentuado.

## Evolução das Exportações Brasileiras por Grau de Intensidade Tecnológica: uma abordagem regional da crise

O grau de tecnologia incorporado aos bens produzidos em cada região, além de exercer desdobramentos relevantes sobre a agregação de valor e a qualificação de mão-de-obra, bem como sobre o nível e a composição dos investimentos regionais, reflete-se na estrutura das respectivas exportações. Nesse contexto, este boxe examina a evolução das exportações industriais, em uma perspectiva regional, sob a ótica do grau de intensidade tecnológica.

O período considerado, de 2005 a 2010, abrange três momentos distintos da evolução recente das exportações brasileiras. O primeiro, até 2008, reflete o ciclo expansionista experimentado pela economia mundial até a intensificação da crise financeira internacional; o segundo evidencia o impacto desse choque externo; e o terceiro, o movimento de recuperação das vendas externas que sucede o ápice da crise mencionada<sup>1</sup>.

A Tabela 1 registra o crescimento das exportações, segmentadas por grau de intensidade tecnológica, e sua participação no total do país. Vale ressaltar que o recuo registrado na participação dos produtos industrializados na pauta exportadora não resultou de retração nessas vendas, mas, sim,

1/ A análise utiliza a classificação da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que segmenta os produtos industriais de acordo com a intensidade tecnológica em alta; média-alta; média-baixa; e baixa tecnologia:

- indústria de alta tecnologia: aeronáutica e aeroespacial; farmacêutica; material de escritório e informática; equipamentos de rádio, TV e comunicação; e instrumentos médicos de ótica e precisão;
- indústria de média-alta tecnologia: máquinas e equipamentos elétricos n.e. (n.e.= não especificados nem compreendidos em outra categoria); veículos automotores, reboques e semi-reboques; produtos químicos, excl. farmacêuticos (excl.= excluindo); equipamentos para ferrovia e material de transporte n.e.; e máquinas e equipamentos mecânicos n.e.;
- indústria de média-baixa tecnologia: construção e reparação naval; borracha e produtos plásticos; produtos de petróleo refinado e outros combustíveis; outros produtos minerais não-metálicos; e produtos metálicos;
- indústria de baixa tecnologia: produtos manufaturados n.e. e bens reciclados; madeira e seus produtos, papel e celulose; alimentos, bebidas e tabaco; e têxteis, couro e calçados.

**Tabela 1 – Exportações segundo intensidade tecnológica – Brasil**

	Crescimento anual			Participação no total das			
	no período (%)			exportações do país (%)			
	2005/2008	2009	2010 <sup>1/</sup>	2005	2008	2009	2010 <sup>2/</sup>
Intensidade tecnológica:							
Alta (I)	9,6	-21,4	-1,3	7,4	5,8	5,9	4,5
Média-alta (II)	11,5	-32,2	37,5	24,4	20,3	17,8	18,2
Média-baixa (III)	19,6	-36,4	21,6	19,2	19,6	16,2	14,8
Baixa (IV)	15,2	-15,1	22,0	28,4	26,0	28,5	26,8
Produtos industrializados	14,7	-26,3	23,3	79,5	71,7	68,4	64,3
Produtos não industrializados	32,4	-13,7	38,7	20,5	28,3	31,6	35,7
Total	18,8	-22,7	28,8	100	100	100	100

Fonte: MDIC/Secex/ALICEWEB. Elaboração: Bacen com base na classificação da OCDE

1/ De janeiro a agosto, relativamente a igual período do ano anterior.

2/ Até agosto.

do maior ritmo de expansão das exportações de bens não industrializados, com ênfase no impacto da demanda da China por minério de ferro e soja.

A análise por intensidade tecnológica evidencia que o ciclo de expansão das exportações no período pré-crise decorreu de expansão generalizada em todas as categorias, com ênfase nas relativas a produtos de média-baixa tecnologia, 19,6% a.a., e de baixa tecnologia, 15,2% a.a. Ressalte-se que essa trajetória refletiu, em especial, as elevações respectivas de 81,8% e 54% observadas nos preços dessas exportações, no período, conforme a Tabela 2.

**Tabela 2 – Variações de preços e *quantum* nas exportações industriais por categoria de intensidade tecnológica**

Categoria de intensidade tecnológica	%					
	2008/2005		2009/2008		2010/2009 <sup>1/</sup>	
	Preço	Quantum	Preço	Quantum	Preço	Quantum
Indústria de alta tecnologia	11,9	17,1	0,8	-22,0	-0,9	-0,4
Indústria de média-alta tecnologia	41,7	-2,3	-1,9	-30,9	5,8	29,9
Indústria de média-baixa tecnologia	81,8	-6,1	-24,9	-15,3	15,1	5,7
Indústria de baixa tecnologia	54,0	-0,9	-9,8	-5,9	14,7	6,4
Total	57,1	6,3	-13,4	-10,7	19,1	7,9

1/ Acumulado janeiro-agosto.

A crise internacional impôs, a partir do final de 2008, decréscimos às exportações em todas as categoria de intensidade tecnológica, com ênfase no registrado no segmento de produtos industrializados, 26,3%, impactado, em especial, pela retração de 36,4% nas vendas da categoria de bens de média-baixa tecnologia, particularmente

de combustíveis e petróleo refinado. O movimento de recuperação das exportações de produtos industrializados assinalado em 2010 refletiu, em grande parte, a expansão de 37,5% nas vendas da categoria de média-alta tecnologia.

A análise regional, conforme as Tabelas 3 a 7, revela que a evolução recente das vendas externas regionais de produtos industrializados seguiu comportamento semelhante ao observado em âmbito nacional, à exceção do Norte, no período anterior à crise (Tabela 3). Nessa região, as vendas externas recuaram de 2005 a 2008, desempenho influenciado, em especial, pelas retrações das exportações de produtos de média-alta tecnologia, 13,7% a.a., e, principalmente, de alta tecnologia, 24% a.a., como resultado da forte retração nas vendas de equipamentos de rádio, televisão e comunicação. A política de internacionalização da principal empresa exportadora da Zona Franca de Manaus privilegiou, a partir de 2006, a planta industrial localizada no México como plataforma de vendas destinadas ao mercado norte-americano, influenciando diretamente o recuo nas vendas externas do produto desde então. Ressalte-se, ainda, a diminuição nas exportações de produtos de média-baixa tecnologia no período, 1,4% a.a. Três itens nessa categoria – óxidos e hidróxidos de alumínio, alumínio em bruto, e ferro fundido em bruto e ferro *spiegel* – responderam por cerca da metade das vendas externas da indústria da região Norte nesse período.

**Tabela 3 – Exportações segundo intensidade tecnológica – Norte**

	Crescimento anual			Participação no total das exportações (%)			
	médio no período (%)			exportações (%)			
	2005/2008	2009	2010 <sup>1/</sup>	2005	2008	2009	2010 <sup>2/</sup>
Intensidade tecnológica:							
Alta (I)	-24,0	-31,1	73,5	19,6	4,4	3,9	4,4
Média-alta (II)	-13,7	-37,9	29,5	6,1	3,2	2,6	2,3
Média-baixa (III)	-1,4	-32,1	23,9	22,7	27,5	24,1	21,0
Baixa (IV)	-5,6	-36,9	43,5	16,1	13,7	11,2	11,4
Produtos industrializados	-7,9	-33,7	33,8	64,6	48,9	41,8	39,1
Produtos não industrializados	8,0	-11,9	35,3	35,4	51,1	58,2	60,9
Total	1,6	-14,8	34,7	100	100	100	100

Fonte: MDIC/Secex/ALICEWEB. Elaboração: Bacen com base na classificação da OCDE

1/ De janeiro a agosto, relativamente a igual período do ano anterior.

2/ Até agosto.

As exportações de industrializados da região Norte registraram, em 2009, declínio de 33,7%, resultado de retração nas vendas externas de todas as categorias, com ênfase na relativa a produtos de média-baixa tecnologia, que registraram retrações nas quantidades exportadas dos três principais itens mencionados e, ainda, redução expressiva no preço de ferro fundido. Passado o período mais crítico da crise, as exportações industriais da região registraram crescimento em todas as categorias de intensidade tecnológica, destacadamente no segmento de alta tecnologia.

As exportações da região Centro-Oeste (Tabela 4) concentram-se no segmento de baixa tecnologia, em especial alimentos, bebidas e tabaco, que responderam por cerca de 45% das exportações totais da região e por 90% das industriais, no período analisado, com destaque para os itens farelo e resíduos da extração de óleo de soja e carne de bovino congelada, fresca ou refrigerada.

**Tabela 4 – Exportações segundo intensidade tecnológica – Centro-Oeste**

	Crescimento anual			Participação no total das			
	médio no período (%)			exportações (%)			
	2005/2008	2009	2010 <sup>1/</sup>	2005	2008	2009	2010 <sup>2/</sup>
Intensidade tecnológica:							
Alta (I)	-12,4	39,7	43,3	0,3	0,1	0,2	0,2
Média-alta (II)	33,1	-38,1	132,9	0,6	0,6	0,4	0,6
Média-baixa (III)	48,0	20,9	-5,5	2,0	3,2	4,0	3,1
Baixa (IV)	23,1	-3,3	24,9	45,9	42,7	41,7	43,8
Produtos industrializados	24,2	-2,0	19,2	48,8	46,7	46,3	47,7
Produtos não industrializados	29,1	-0,1	-6,2	51,2	53,3	53,7	52,3
Total	26,6	-1,0	5,9	100	100	100	100

Fonte: MDIC/Secex/ALICEWEB. Elaboração: Bacen com base na classificação da OCDE

1/ De janeiro a agosto, relativamente a igual período do ano anterior.

2/ Até agosto.

Em 2009, as vendas externas industriais do Centro-Oeste interromperam, assim como nas demais regiões do país, a trajetória de expansão acentuada observada em anos anteriores. O recuo na região, entretanto, atingiu 2%, ante 26,3% em âmbito nacional, reflexo das expansões nas vendas de farelo de soja, 39%, e de carne bovina, 38,1%.

Embora apresentem participações discretas na pauta da região, devem-se destacar, ainda, no desempenho do Centro-Oeste durante o período

de crise, os crescimentos das exportações das categorias de alta e média-baixa tecnologia, 39,7% e 20,9%, respectivamente. Entre os bens de alta tecnologia, ressalte-se o dinamismo das vendas de produtos farmacêuticos, e, no âmbito da categoria de média-baixa tecnologia, a elevação das exportações de produtos metálicos.

As vendas industriais externas do Centro-Oeste registram, nos oito primeiros meses deste ano, crescimento em todas as categorias, excetuando-se o recuo de 5,5% nas referentes à categoria de média-baixa tecnologia. Entre os demais segmentos, destacam-se as exportações dos produtos de média-alta tecnologia, impulsionadas pela expansão de 391,3% nas vendas de veículos automotores, reboques e semirreboques.

Na região Nordeste, o crescimento das exportações de bens industriais atingiu 13,7% a.a. de 2005 a 2008, impulsionado pelas expansões nas vendas de bens de média-baixa tecnologia, 18,7% a.a., e de baixa tecnologia, 17,5% a.a., responsáveis, em conjunto, por 75% das exportações industriais da região, no período (Tabela 5). As vendas da categoria de média-alta tecnologia elevaram-se 1,6%, no período, impactadas pela retração, em 2008, de 23% nas exportações de veículos automotores, reboques e semirreboques, justificada, em grande parte, pelo efeito mais rápido da crise sobre o setor, no último trimestre daquele ano.

**Tabela 5 – Exportações segundo intensidade tecnológica – Nordeste**

	Crescimento anual			Participação no total das			
	médio no período (%)			exportações (%)			
	2005/2008	2009	2010 <sup>1/</sup>	2005	2008	2009	2010 <sup>2/</sup>
Intensidade tecnológica:							
Alta (I)	-12,5	-31,3	-18,5	0,4	0,2	0,2	0,1
Média-alta (II)	1,6	-15,4	43,7	21,5	15,2	17,1	16,9
Média-baixa (III)	18,7	-44,2	40,6	28,5	32,5	24,1	23,2
Baixa (IV)	17,5	-13,6	25,0	29,5	32,4	37,2	33,5
Produtos industrializados	13,7	-26,4	30,6	80,0	80,3	78,7	73,7
Produtos não industrializados	15,7	-18,3	75,0	20,0	19,7	21,3	26,3
Total	13,6	-24,8	42,3	100	100	100	100

Fonte: MDIC/Secex/ALICEWEB. Elaboração: Bacen com base na classificação da OCDE

1/ De janeiro a agosto, relativamente a igual período do ano anterior.

2/ Até agosto.



Em 2009, observou-se recuo expressivo nas exportações de média-baixa tecnologia, explicado pela redução na receita das vendas de óleos combustíveis, refletindo a retração nos preços internacionais do produto. As exportações dos produtos de baixa tecnologia, sustentadas, em parte, pela expansão nas vendas externas de açúcar, registraram recuo de 13,6% no período, o menos acentuado em todas as categorias.

Em 2010, até agosto, as exportações de produtos industriais do Nordeste registraram recuperação generalizada, excetuando-se a retração de 18,5% na categoria de alta tecnologia, que vinha apresentando tendência de redução no período anterior à crise. No âmbito das exportações de produtos de média-baixa tecnologia destacaram-se as vendas de óleos combustíveis.

As exportações de bens industriais da região Sudeste (Tabela 6), responsáveis por cerca de 40% das vendas externas industriais brasileiras, cresceram 15% a.a. no período 2005 a 2008, com ênfase na expansão de 18,3% a.a. na categoria de bens de alta tecnologia, representada, em especial, pelas indústrias de equipamentos de rádio, TV e comunicação e aeronáutica e aeroespacial. O setor industrial da região caracteriza-se, ainda, por concentrar as exportações de bens de alta e média-alta tecnologia – estas concentradas em veículos automotores, reboques e semirreboques.

**Tabela 6 – Exportações segundo intensidade tecnológica – Sudeste**

	Crescimento anual			Participação no total das			
	médio no período (%)			exportações (%)			
	2005/2008	2009	2010 <sup>1/</sup>	2005	2008	2009	2010 <sup>2/</sup>
Intensidade tecnológica:							
Alta (I)	18,3	-24,4	-6,9	9,1	8,8	9,0	6,2
Média-alta (II)	13,0	-33,2	39,6	27,4	23,3	21,1	20,9
Média-baixa (III)	16,6	-36,6	18,5	24,3	22,7	19,5	16,9
Baixa (IV)	14,2	-7,2	27,9	19,9	17,3	21,7	20,0
Produtos industrializados	15,0	-26,9	18,6	80,6	72,1	71,3	64,1
Produtos não industrializados	34,9	-23,9	73,4	19,4	27,9	28,7	35,9
Total	19,3	-26,1	38,3	100	100	100	100

Fonte: MDIC/Secex/ALICEWEB. Elaboração: Bacen com base na classificação da OCDE

1/ De janeiro a agosto, relativamente a igual período de 2009.

2/ Até agosto.

O impacto da crise econômica internacional concentrou-se, na região Sudeste, nas exportações das categorias de média-alta e média-baixa tecnologias, que recuaram 33,2% e 36,6%, respectivamente, em 2009. Vale ressaltar que, nesse período, em contexto de reduzida demanda externa, entrou em vigência a redução do IPI para veículos automotores, contribuindo para redirecionar a produção das montadoras para o mercado interno. Em relação ao segundo segmento, a retração foi influenciada pelas retrações nas participações das vendas de produtos metálicos e de produtos de petróleo refinado e outros combustíveis. Assim como na região Nordeste, o recuo das vendas externas de itens de baixa-tecnologia, no período, foi atenuado pelo desempenho positivo das exportações de açúcar, favorecidas pelas condições favoráveis do mercado mundial.

A recuperação das vendas industriais externas do Sudeste, em 2010, abrange todas as categorias de intensidade tecnológica, exceto a relativa à de alta tecnologia. Os dois principais subgrupos determinantes do recuo nesse segmento foram equipamentos de rádio, televisão e comunicação, e produtos de aeronáutica e aeroespacial, ressaltando-se que a retração de 10,3% assinalada no último segmento foi determinada pela redução nas vendas do principal fabricante de aviões do país, motivada por cancelamentos de entregas da aviação executiva, prorrogação de entrega da aviação comercial e retração de novos pedidos.

Em relação às demais categorias, ressalte-se a elevação de 39,6% nas exportações de produtos de média-alta tecnologia, determinada pela expansão nas vendas de veículos automotores, reboques e semirreboques, que alcançaram nível similar ao observado no período anterior à crise. Destaque-se, ainda, no cenário de recuperação das exportações industriais do Sudeste, a contribuição do dinamismo do setor sucroalcooleiro para o desempenho das vendas externas de produtos de baixa tecnologia na região.

As vendas industriais externas do Sul (Tabela 7) representaram cerca de 75% da pauta exportadora da região nos primeiros oito meses de 2010, participação expressiva, mas em retração

nos últimos anos, em função do maior dinamismo das exportações de soja e fumo. De 2005 a 2008, as exportações industriais cresceram 13,6% a.a., patamar semelhante à média nacional, com ênfase na expansão de 30,2% a.a na categoria de bens de média-baixa intensidade tecnológica.

**Tabela 7 – Exportações segundo intensidade tecnológica – Sul**

	Crescimento anual			Participação no total das			
	médio no período (%)			exportações (%)			
	2005/2008	2009	2010 <sup>1/</sup>	2005	2008	2009	2010 <sup>2/</sup>
Intensidade tecnológica:							
Alta (I)	-0,4	-22,9	32,4	1,6	1,0	0,9	1,1
Média-alta (II)	10,7	-33,0	33,1	30,3	25,8	21,7	24,1
Média-baixa (III)	30,2	-37,7	12,2	6,5	9,0	7,0	6,7
Baixa (IV)	13,4	-23,5	12,3	49,9	45,7	43,8	43,6
Produtos industrializados	13,6	-28,1	17,2	88,2	81,6	73,4	75,4
Produtos não industrializados	36,5	15,0	-4,4	11,8	18,4	26,6	24,6
Total	16,7	-20,1	11,9	100	100	100	100

Fonte: MDIC/Secex/ALICEWEB. Elaboração: Bacen com base na classificação da OCDE

1/ De janeiro a agosto, relativamente a igual período de 2009.

2/ Até agosto.

A crise ao final de 2008 resultou em reduções generalizadas nas vendas externas industriais na região Sul, de forma mais pronunciada nas relativas a produtos de média-baixa tecnologia e de média-alta tecnologia. As exportações da categoria de bens industriais de baixa tecnologia recuaram 23,5%, refletindo as retrações nos embarques de carne de frango, carne de suíno e produtos derivados de soja.

Nos oito primeiros meses de 2010, em ambiente de progressiva recuperação dos principais parceiros comerciais, registraram-se aumentos nas vendas de todas as categorias de produtos industrializados da região. As vendas de produtos de baixa tecnologia, principal categoria da região, cresceram 12,3% no período, situando-se, entretanto, em patamar inferior ao registrado antes da crise. No âmbito dos produtos de média-alta tecnologia, ressaltou-se a elevação superior a 50% nas vendas externas de veículos automotores, reboques e semi-reboques, em grande parte favorecida pela retomada das exportações de automóveis de passageiros para a Argentina.

Em síntese, a análise da evolução recente das exportações evidencia a tendência de redução da participação de bens industriais na pauta nos últimos anos, movimento que se intensificou em 2009 em decorrência da retração da demanda externa. Vale ressaltar que o recuo registrado na participação dos produtos industrializados na pauta exportadora não resultou de retração das vendas, mas, sim, do maior ritmo de expansão das exportações de bens não industrializados, com ênfase no impacto da demanda da China por minério de ferro e soja.

A crise impactou mais acentuadamente as vendas de bens industriais e entre esses, considerando os índices de *quantum*, os produtos de alta e média-alta intensidade tecnológica, associadas a fluxos de investimento ou a bens de consumo de maior valor, que apresentam maior elasticidade renda. O segmento relativo a bens de baixa tecnologia experimentou retração menos acentuada, reflexo, em especial, do dinamismo das vendas do complexo soja. Produtos de média-baixa tecnologia, representados principalmente por combustíveis e refino de petróleo, registraram declínios significativos no *quantum* e no preço – repercutindo o ciclo de atividade global – que determinaram a maior variação no valor exportado entre as categorias de intensidade tecnológica, em 2009.

O comportamento das exportações industriais regionais no período 2005 a 2008 e durante a crise refletiu, principalmente, a participação das categorias de intensidade tecnológica em cada região. Assim, as vendas externas industriais da região Centro-Oeste, onde o peso de produtos alimentícios industrializados é mais alto, foram as que registraram menor retração em 2009. Por outro lado, no Norte, em que pesam as exportações de equipamentos eletrônicos e de minerais metálicos, o recuo das exportações mostrou-se mais expressivo durante a crise.

Em 2010, em ambiente de superação da crise do comércio internacional, as exportações de bens industriais têm registrado recuperação generalizada, em termos regionais e segmentadas por categoria. As vendas de bens de alta intensidade tecnológica, contudo, ainda apresentam declínio, refletindo o comportamento da categoria na região Sudeste,

sensibilizadas pelos desempenhos das exportações de celulares e de produtos de aeronáutica e aeroespacial. Com a expectativa de recuperação econômica dos principais parceiros comerciais, principalmente dos mercados de destino de produtos industrializados, delineia-se perspectiva favorável para a continuidade do processo de recuperação das exportações industriais regionais.

## Migrações Internas no Brasil – Comportamento recente

As migrações, como processo de realocação espacial de recursos humanos, tendem a promover reduções no desemprego e elevações na massa de rendimentos, em esfera nacional, embora sua baixa velocidade de ajustamento eventualmente leve à permanência de excesso ou escassez local de tais recursos. Na década de noventa e nos primeiros anos da atual, os fluxos migratórios concorreram para transferir contingentes populacionais entre as regiões, mas a reduzida geração de emprego dificultava sua absorção plena pelo mercado de trabalho. Nos últimos anos, fatores como o aumento da geração e a desconcentração do emprego aliados à melhora dos rendimentos nas áreas urbana e rural contribuíram para reduzir os incentivos para as migrações.

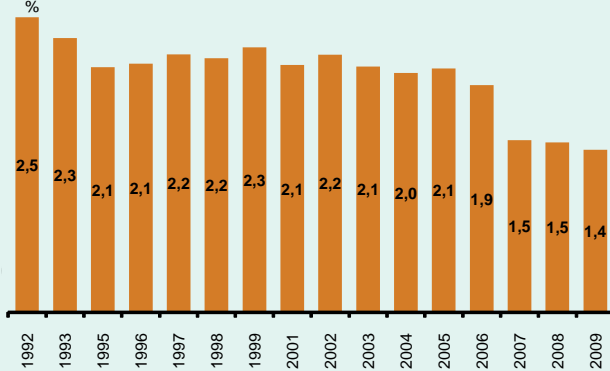
Os estudos em geral, assim como os próprios dados de migrações internas no Brasil, indicam que, para algumas unidades da Federação o fenômeno diferencia-se significativamente do que ocorre no restante de sua região político-administrativa, destacando-se o caso de São Paulo. Assim, considerando-se tais divergências e a indisponibilidade de dados das áreas rurais do Norte, no presente boxe as áreas analisadas são: Norte urbano (N(urb)), Nordeste (NE), São Paulo (SP), demais estados do Sudeste (SE(-SP)), Sul (S) e Centro-Oeste (CO).

Os dados da Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios (PNAD)<sup>1</sup> do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), realizadas de 1992 a 2009<sup>2</sup>, indicam que o patamar de migrações entre

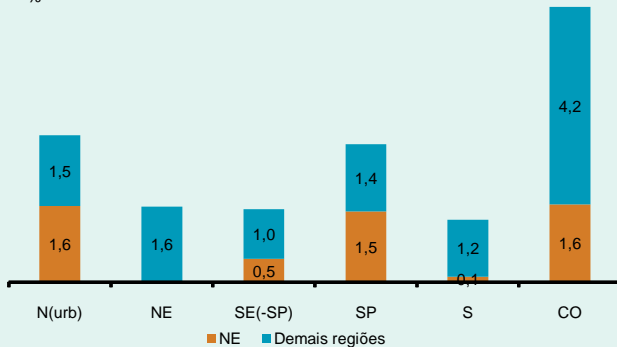
1/ A principal vantagem da PNAD para analisar as migrações seria sua tempestividade, apesar de sua menor precisão em relação aos censos, por serem dados amostrais.

2/ Deve-se observar, acerca da PNAD: (i) a pergunta sobre migração só é realizada a partir de 1992; (ii) no ano 2000, não foi realizada a pesquisa, por ser ano de censo; (iii) tendo em vista que até 2003 a pesquisa não incluía a área rural da região Norte, para manter a consistência, desconsideraram-se os dados dessa área rural no cálculo dos indicadores apresentados.

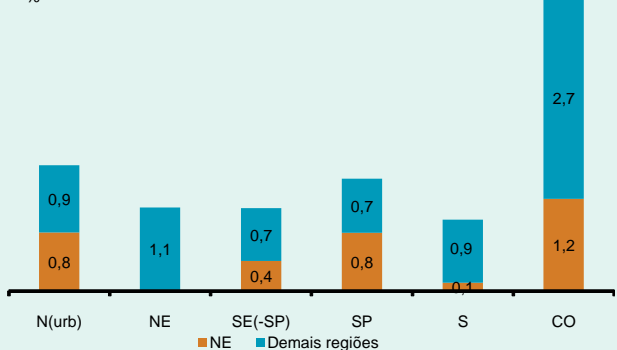
**Gráfico 1 – Migrantes/população**



**Gráfico 2 – Imigrantes/população**  
1992/2006



**Gráfico 3 – Imigrantes/população**  
2007/2009



as áreas assinaladas apresentou redução significativa no triênio 2007-2009, relativamente ao intervalo 1992-2006, como se observa no Gráfico 1. No primeiro período, os migrantes<sup>3</sup> correspondiam a 2,2% da população, percentual que se reduziu para 1,4% no período recente.

Observe-se que tanto no período 1992-2006 quanto no de 2007-2009, a maior presença de imigrantes na população local foi verificada no CO, 5,8% e 3,9%, na ordem, conforme ilustram os Gráficos 2 e 3. Ressalte-se que no segundo período houve queda significativa da presença de imigrantes em todas as regiões e menor dispersão em relação à média. Vale destacar, também, a participação expressiva de nordestinos entre os imigrantes, notadamente em SP, no N(urb) – principalmente do Maranhão – e no CO – sobretudo para o DF e seu entorno.

A menor presença de imigrantes no triênio 2007-2009 deve ser associada, naturalmente, à evolução do emprego ao longo dos dois períodos. De acordo com dados da Relação Anual de Informações Sociais (Rais) do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), enquanto no primeiro intervalo a média anual de empregos formais criados situou-se em 836 mil postos, sendo 20,1% no Nordeste, no triênio 2007 a 2009 essa média cresceu para 2.017 mil, e o percentual relativo ao Nordeste situou-se em 20,4%.

Quanto à predominância de imigrantes nordestinos, tal característica encontra explicação em fatores estruturais que refletem sobremaneira as diferenças regionais de oportunidades de emprego. Um indicador relevante nesse sentido é o diferencial de empregos formais entre as regiões, os quais, nos períodos considerados, corresponderam a 9% e 13% da população no Nordeste e a 18% e 24% da população no restante do país<sup>4</sup>.

Os saldos migratórios (SMs) – diferença entre imigrantes e emigrantes – regionais para os dois períodos aqui considerados são apresentados

3/ São considerados migrantes os indivíduos que mudaram de área nos últimos cinco anos.

4/ Embora os indicadores econômicos, para a região Norte, estejam próximos aos do Nordeste, o menor contingente populacional, assim como a maior abrangência de atividades de subsistência reduzem a participação dos nortistas entre os imigrantes.

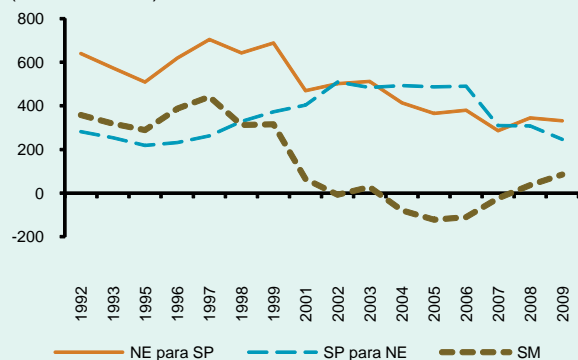
**Quadro 1 – Saldos migratórios médios entre as regiões**  
(em 1.000 hab. ao ano)

1992-2006	N(urb)	NE	SE(-SP)	SP	S	CO	TOTAL
N(urb)		-26	7	7	6	30	24
NE	26		33	169	8	101	338
SE(-SP)	-7	-33		2	8	26	-4
SP	-7	-169	-2		5	15	-159
S	-6	-8	-8	-5		19	-8
CO	-30	-101	-26	-15	-19		-191
<b>Saldo migratório</b>	<b>-24</b>	<b>-338</b>	<b>4</b>	<b>159</b>	<b>8</b>	<b>191</b>	<b>0</b>

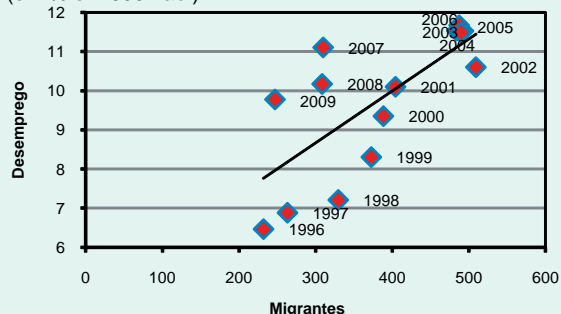
**Quadro 2 – Saldos migratórios médios entre as regiões**  
(em 1.000 hab. ao ano)

2007-2009	N(urb)	NE	SE(-SP)	SP	S	CO	TOTAL
N(urb)		-5	-5	1	-1	30	20
NE	5		52	33	5	78	173
SE(-SP)	5	-52		-28	1	19	-55
SP	-1	-33	28		53	14	60
S	1	-5	-1	-53		0	-58
CO	-30	-78	-19	-14	0		-141
<b>Saldo migratório</b>	<b>-20</b>	<b>-173</b>	<b>55</b>	<b>-60</b>	<b>58</b>	<b>141</b>	<b>0</b>

**Gráfico 4 – Migrações entre Nordeste e São Paulo**  
(em 1.000 hab.)



**Gráfico 5 – Migrações de SP para o NE e desemprego em SP<sup>1/</sup>**  
(em % e 1.000 hab.)



1/ Taxa de desemprego em médias móveis de cinco anos.

nos Quadros 1 e 2, nos quais as regiões de origem dos fluxos correspondem às linhas e as regiões de destino às colunas. De 1992 a 2006, as principais regiões de destino foram o CO, como se observa pelo SM médio de 191 mil, e São Paulo, 159 mil, enquanto a origem concentrou-se no Nordeste, 338 mil. Os principais fluxos foram registrados do Nordeste para São Paulo, 169 mil, e para o CO, 101 mil.

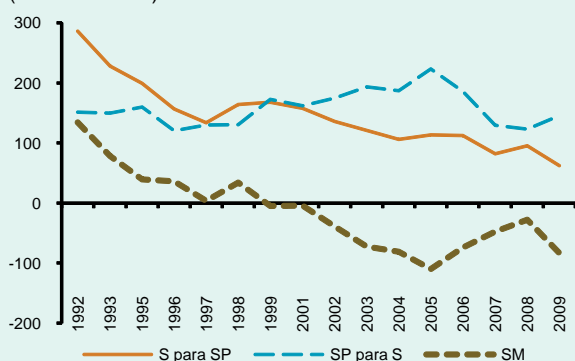
A comparação dos SMs entre o triênio 2007/2009 e o intervalo 1992-2006 permite identificar os principais fluxos que determinaram a redução do movimento migratório entre os dois períodos. Primeiramente, mencione-se que o afluxo de indivíduos para a região Centro-Oeste, originado principalmente no NE, reduziu-se de modo significativo (26,2%), mas ainda se manteve liderando as entradas líquidas entre as regiões. Em seguida, cabe destacar que a maior alteração entre os dois períodos é observada no SM de SP, estado que deixa de ser centro receptor, passando a registrar saídas líquidas de indivíduos – 60 mil ao ano. Essa mudança decorreu, sobretudo, de dois movimentos que serão abordados a seguir: (i) menor entrada líquida do NE, com redução de 80%; e (ii) maior saída líquida para o S.

### Fluxo migratório Nordeste – São Paulo

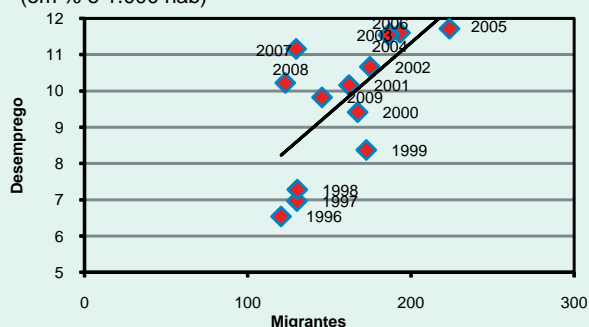
Pode-se identificar, a partir do Gráfico 4, tendência de redução do fluxo migratório do NE para SP, possivelmente pelas melhorias nas condições de emprego e de remuneração, urbanas e rurais, no NE. Em relação ao fluxo de SP para o NE, observa-se movimento ascendente até meados da década de 2000, estabilidade em patamar mais elevado até 2006 e recuo a partir de então. O Gráfico 5 indica que esse comportamento é determinado, em grande parte, pelas condições do mercado de trabalho em SP. Em particular, a partir de 2004, o decréscimo dos fluxos de SP para o NE acompanha a redução do desemprego em SP, a ponto de, nos dois últimos anos voltarem a se situar abaixo do fluxo no sentido inverso, levando a entradas líquidas positivas do NE.



**Gráfico 6 – Migrações entre Sul e São Paulo**  
(em 1.000 hab.)

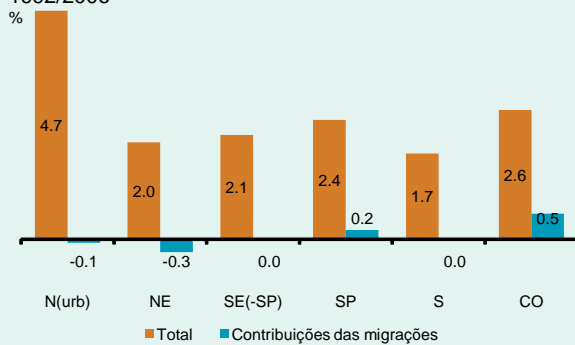


**Gráfico 7 – Migrações de SP para o Sul e desemprego em SP<sup>1/</sup>**  
(em % e 1.000 hab.)

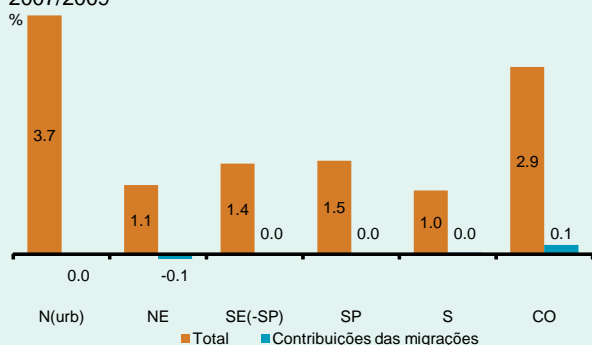


1/ Taxa de desemprego em médias móveis de cinco anos.

**Gráfico 8 – PEA – Crescimento anual e contribuição da migração 1992/2006**



**Gráfico 9 – PEA – Crescimento anual e contribuição da migração 2007/2009**



## Fluxo migratório Sul-São Paulo

Ainda que em menores proporções, o fluxo migratório do Sul para SP apresenta, para todo o período considerado, tendência declinante, como evidencia o Gráfico 6, movimento influenciado, assim como no fluxo do NE para SP, pelo processo de desconcentração produtiva e pelas melhorias nas condições de emprego e de remuneração, urbanas e rurais. Em relação ao fluxo de SP para o Sul, o Gráfico 7 indica que, de modo similar à migração para o NE, existe uma relação direta com o desemprego da origem, ainda que as saídas para o Sul sejam menos sensíveis. Em termos líquidos, com o fluxo para o Sul praticamente estável até 2005 e declinante nos anos posteriores, o saldo líquido passou a ser de saída de SP desde 1999, atingindo um máximo de 110 mil em 2005.

Em termos de efeitos dos movimentos migratórios sobre a oferta de trabalho nas diferentes regiões do país, os Gráficos 8 e 9 apresentam as contribuições dos SMs para o crescimento da População Economicamente Ativa (PEA) nos dois períodos considerados. No primeiro período, destacam-se as contribuições ao crescimento da PEA no CO, em cerca de 20%, e em SP, cerca de 10%, concomitante à redução da PEA do NE. No segundo período, observa-se a pouca relevância dessas contribuições em todas as áreas analisadas. Ressalte-se, todavia, que a manutenção da mobilidade espacial de recursos humanos, em escala suficiente para permitir maior aproveitamento das habilidades individuais, sempre irá promover melhores condições para o desenvolvimento econômico.

Em síntese, dentre as evidências apresentadas, relativas ao comportamento recente das migrações internas, vale destacar: (i) a redução dos fluxos migratórios observada nos últimos anos, que se ajusta às menores necessidades de realocação espacial de recursos humanos; (ii) entre as seis áreas geográficas consideradas, a que tem apresentado maior proporção de imigrantes é o Centro-Oeste, grande parte vinda do Nordeste para o DF e seu entorno; (iii) em termos absolutos, a alteração mais relevante observada nos últimos anos refere-se à reversão dos saldos migratórios, de positivo para negativo, para o estado de São Paulo,

refletindo a redução significativa de imigrantes nordestinos e, em menor escala, a expansão dos fluxos de saída para o Sul, ambos os movimentos influenciados pelas melhores condições de emprego e remuneração naquelas regiões.

Vale mencionar que, em casos como o período de desenvolvimento acelerado das grandes metrópoles, sobretudo São Paulo e Rio de Janeiro, a construção e povoamento de Brasília e a expansão das fronteiras de povoamento, sobretudo no sul e no oeste do território nacional, as migrações atenderam a necessidades dos locais envolvidos e foram bem absorvidas pelo mercado de trabalho. Atualmente, tais necessidades se reduziram, levando ao ajustamento da escala das migrações, que, ainda assim, continua a ter papel importante na alocação de recursos humanos.

# Apêndice

---

Banco Central do Brasil

Representações Regionais do Departamento Econômico do Banco Central do Brasil

# Banco Central do Brasil

---

## Presidente

**Henrique de Campos Meirelles**

## Diretor de Política Econômica

**Carlos Hamilton Vasconcelos Araujo**

## Chefe do Departamento Econômico

**Altamir Lopes**

## Representações Regionais do Departamento Econômico

Gerência-Técnica de Estudos Econômicos em São Paulo

Núcleo Regional de Pesquisa Econômica em Belém

Núcleo Regional de Pesquisa Econômica em Fortaleza

Núcleo Regional de Pesquisa Econômica em Recife

Núcleo Regional de Pesquisa Econômica em Salvador

Núcleo Regional de Pesquisa Econômica em Belo Horizonte

Núcleo Regional de Pesquisa Econômica no Rio de Janeiro

Núcleo Regional de Pesquisa Econômica em Curitiba

Núcleo Regional de Pesquisa Econômica em Porto Alegre

# Representações Regionais do Departamento Econômico do Banco Central do Brasil

---

Gerência-Técnica de Estudos Econômicos em São Paulo  
Chefe: José Benedito de Zarzuela Maia

Av. Paulista, 1.804 – Bela Vista  
Caixa Postal 8.984  
01310-922 São Paulo – SP  
*E-mail:* gtspa.depec@bc.gov.br

Núcleo Regional de Pesquisa Econômica em Belém  
Chefe de Equipe: Irene Guedes Paiva

Boulevard Castilhos França, 708 – Centro  
Caixa Postal 651  
66010-020 Belém – PA  
*E-mail:* pa.depec@bc.gov.br

Núcleo Regional de Pesquisa Econômica em Fortaleza  
Chefe de Equipe: Henrique Jorge Medeiros Marinho

Av. Heráclito Graça, 273 – Centro  
Caixa Postal 891  
60140-061 Fortaleza – CE  
*E-mail:* ce.depec@bc.gov.br

Núcleo Regional de Pesquisa Econômica em Recife  
Chefe de Equipe: Fernando de Aquino Fonseca Neto

Rua da Aurora, 1.259 – Santo Amaro  
Caixa Postal 1.445  
50040-090 Recife – PE  
*E-mail:* pe.depec@bc.gov.br

Núcleo Regional de Pesquisa Econômica em Salvador  
Chefe de Equipe: Itamar Marins da Silva

Av. Anita Garibaldi, 1.211 – Ondina  
Caixa Postal 44  
40210-901 Salvador – BA  
*E-mail:* ba.depec@bc.gov.br

Núcleo Regional de Pesquisa Econômica em Belo Horizonte  
Chefe de Equipe: Rodrigo Lage de Araújo

Av. Álvares Cabral, 1.605 – Santo Agostinho  
Caixa Postal 887  
30170-001 Belo Horizonte – MG  
*E-mail:* mg.depec@bc.gov.br

Núcleo Regional de Pesquisa Econômica no Rio de Janeiro  
Chefe de Equipe: Maurício Botelho Ribeiro

Av. Presidente Vargas, 730 – Centro  
Caixa Postal 495  
20071-900 Rio de Janeiro – RJ  
*E-mail:* rj.depec@bc.gov.br

Núcleo Regional de Pesquisa Econômica em Curitiba  
Chefe de Equipe: Vanderléia Centenaro

Av. Cândido de Abreu, 344 – Centro Cívico  
Caixa Postal 1.408  
80530-914 Curitiba – PR  
*E-mail:* pr.depec@bc.gov.br

Núcleo Regional de Pesquisa Econômica em Porto Alegre  
Chefe de Equipe: Vera Maria Schneider

Rua Sete de setembro, 586 – Centro  
Caixa Postal 919  
90010-190 Porto Alegre – RS  
*E-mail:* rs.depec@bc.gov.br

## Siglas

---

<b>a.a.</b>	ao ano
<b>ABCS</b>	Associação Brasileira de Criadores de Suínos
<b>ACSP</b>	Associação Comercial de São Paulo
<b>BM&amp;FBOVESPA</b>	Bolsa de Valores, Mercadorias e Futuros
<b>BNDES</b>	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
<b>Caged</b>	Cadastro Geral de Empregados e Desempregados
<b>Conab</b>	Companhia Nacional de Abastecimento
<b>Deral</b>	Departamento de Economia Rural
<b>Emater/RS</b>	Associação Riograndense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural
<b>ESALQ</b>	Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz"
<b>EUA</b>	Estados Unidos da América
<b>Fecomércio Minas</b>	Federação do Comércio do Estado de Minas Gerais
<b>Fecomercio SP</b>	Federação do Comércio do Estado de São Paulo
<b>Fecomércio-RS</b>	Federação do Comércio do Estado do Rio Grande do Sul
<b>Fenabrave</b>	Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores
<b>FGV</b>	Fundação Getúlio Vargas
<b>Fieam</b>	Federação das Indústrias do Estado do Amazonas
<b>Fiec</b>	Federação das Indústrias do Estado do Ceará
<b>Fieg</b>	Federação das Indústrias do Estado de Goiás
<b>Fiemg</b>	Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais
<b>Fiep</b>	Federação das Indústrias do Estado do Paraná
<b>Fiepe</b>	Federação das Indústrias do Estado de Pernambuco
<b>Fiergs</b>	Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul
<b>Fiesp</b>	Federação das Indústrias do Estado de São Paulo
<b>Firjan</b>	Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro
<b>IBC-Br</b>	Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil
<b>IBCR</b>	Índice de Atividade Econômica Regional
<b>IBGE</b>	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
<b>ICC</b>	Índice de Confiança do Consumidor
<b>ICCBH</b>	Índice de Confiança do Consumidor de Belo Horizonte
<b>Iceb</b>	Indicador de Confiança do Empresariado Baiano
<b>Icei</b>	Índice de Confiança do Empresário Industrial
<b>ICMS</b>	Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços
<b>IDI</b>	Índice de Desempenho Industrial
<b>Iepe</b>	Centro de Estudos e Pesquisas Econômicas
<b>IGP-DI</b>	Índice Geral de Preços – Disponibilidade Interna
<b>INC</b>	Índice Nacional de Confiança
<b>Indi</b>	Instituto de Desenvolvimento Industrial do Ceará
<b>IPA-OG</b>	Índice de Preços por Atacado – Oferta Global

<b>Ipardes</b>	Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social
<b>IPCA</b>	Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo
<b>Ipead</b>	Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas, Administrativas e Contábeis de Minas Gerais
<b>IPI</b>	Imposto sobre Produtos Industrializados
<b>IPVA</b>	Imposto sobre a Propriedade de Veículos Automotores
<b>LSPA</b>	Levantamento Sistemático da Produção Agrícola
<b>Mapa</b>	Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
<b>MDIC</b>	Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior
<b>MTE</b>	Ministério do Trabalho e Emprego
<b>Nuci</b>	Nível de Utilização da Capacidade Instalada
<b>OCDE</b>	Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico
<b>p.p.</b>	pontos percentuais
<b>PEA</b>	População Economicamente Ativa
<b>PEIF</b>	Pesquisa de Endividamento e Inadimplência das Famílias
<b>PIB</b>	Produto Interno Bruto
<b>Pimes</b>	Pesquisa Industrial Mensal de Emprego e Salário
<b>PIM-PF</b>	Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física
<b>PMC</b>	Pesquisa Mensal do Comércio
<b>PME</b>	Pesquisa Mensal de Emprego
<b>PNAD</b>	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
<b>Rais</b>	Relação Anual de Informações Sociais
<b>RMB</b>	Região Metropolitana de Belém
<b>RMBH</b>	Região Metropolitana de Belo Horizonte
<b>RMC</b>	Região Metropolitana de Curitiba
<b>RMF</b>	Região Metropolitana de Fortaleza
<b>RMPA</b>	Região Metropolitana de Porto Alegre
<b>RMR</b>	Região Metropolitana do Recife
<b>RMRJ</b>	Região Metropolitana do Rio de Janeiro
<b>RMS</b>	Região Metropolitana de Salvador
<b>RMSP</b>	Região Metropolitana de São Paulo
<b>Seab</b>	Secretaria da Agricultura e do Abastecimento do Paraná
<b>Secex</b>	Secretaria de Comércio Exterior
<b>SEI</b>	Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia
<b>SIF</b>	Serviço de Inspeção Federal
<b>Sinduscon-RS</b>	Sindicato das Indústrias de Construção Civil do Rio Grande do Sul
<b>Sincodiv</b>	Sindicato dos Concessionários e Distribuidores de Veículos no Estado do Paraná
<b>SM</b>	saldo migratório
<b>SNIC</b>	Sindicato Nacional da Indústria do Cimento
<b>VBP</b>	Valor Bruto da Produção
<b>VTI</b>	Valor da Transformação Industrial